

José Carlos Ferreira Souza

INTÉRPRETES CODAS: Construção de identidades

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina como parte dos requisitos para obtenção do Grau de Mestre em Estudos da Tradução. Lexicografia, Tradução e Ensino de Línguas.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ronice Müller de Quadros

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Mara Lúcia Masutti

Florianópolis-SC
2014

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Souza, José Carlos Ferreira
INTERPRETES CODAS : Construção de identidades / José
Carlos Ferreira Souza ; orientador, Ronice Müller de
Quadros ; coorientador, Mara Lúcia Masutti. -
Florianópolis, SC, 2014.
148 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-
Graduação em Estudos da Tradução.

Inclui referências

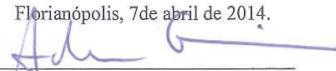
1. Estudos da Tradução. 2. Profissão de Intérprete de
LIBRAS. 3. Children of Deaf adults - CODAs. 4. Filhos
ouvintes de pais Surdos. 5. Identidade. I. Quadros, Ronice
Müller de. II. Masutti, Mara Lúcia . III. Universidade
Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em
Estudos da Tradução. IV. Título.

JOSÉ CARLOS FERREIRA SOUZA

INTÉRPRETES CODAS: Construção de identidades

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “Mestre” e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Florianópolis, 7 de abril de 2014.



Prof.ª Andréia Guerini, Dr.ª
Coordenadora do Programa

Banca Examinadora:



Prof.ª Ronice Müller de Quadros, Dr.ª
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC



Prof.ª Mara Lucia Masutti, Dr.ª
Coorientadora
Instituto Federal de Santa Catarina – IF-SC



Prof. Rodrigo Rosso, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina – PGET-UFSC



Prof.ª Karin Strobel, Dr.ª
Universidade Federal de Santa Catarina – Letras/LIBRAS – UFSC



Prof.ª Cátia de Azevedo Fronza, Dr.ª
Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS

Dedico este trabalho ao Sr. Luiz Carlos e à Sra. Maria José, pois foram os primeiros intérpretes que conheci que embora de forma despretensiosa, eram eles que utilizavam sinais e suas perspectivas para traduzir o mundo para mim.

AGRADECIMENTOS

Agradecer, ao mesmo tempo em que se configura como uma sensação única de um momento nostálgico sem preço, também é uma tarefa injusta por confiar à frágil memória uma tarefa tão subjetiva e ampla. Esta dissertação não teria sido possível sem a ajuda de muitas pessoas.

Agradeço primeiramente a Deus por cuidar de mim e me dar saúde.

Aos meus pais, pois lembro que, apesar de não terem frequentado a escola como gostariam, sempre me incentivaram a estudar e estou tentando corresponder a esse incentivo. À Diana, minha irmã, pela intermediação entre eu e meus pais, bem como a Agda Torres, por ter acompanhado todo esse processo, e a toda minha família, que de alguma forma sei que torceram por mim.

À Prof.^a Dr.^a Ronice Müller de Quadros, minha orientadora, por sua confiança e seu incentivo, que tornaram possível a conclusão desta pesquisa que trata de um tema tão instigante e que temos de certo modo em comum, e à Prof.^a Dr.^a Mara Masutti, professora apaixonada e estimuladora, obrigada pelo acompanhamento na orientação desta pesquisa.

Aos Profs. Drs. Rodrigo Rosso e Rachel Sutton-Spence, por terem contribuído ricamente na fase de qualificação. Ao Professor Markus Weininger, por propiciar muitas discussões importantes nas aulas da PGET que foram valiosas, e por sua forma de enxergar a área da tradução e interpretação, e que tem minha profunda admiração.

Ao Professor Aristonildo Nascimento, que acompanhou meus primeiros passos na vida de pesquisador na iniciação científica. Também agradeço às professoras Ana Regina, Gladis Perlin, Karin Strobel, Marianne Stumpf e ao professor Tarcísio Leite, por contribuírem com conhecimentos preciosos relacionados à comunidade surda, e a Alai Diniz, Luciana Rassier, Ronaldo Lima e Viviane Heberle no contexto da tradução e interpretação das línguas orais.

Sou grato também a Nidia Sá, por ter acompanhado minhas primeiras interpretações profissionais, tendo um papel muito importante no início dos meus estudos, e por ter feito parte da vida da minha família. Não posso deixar de agradecer ainda os amigos Iranvith Scantbelruy, Jackson Vale e Franklin Rezende, por tantas experiências vividas na militância pelos interesses da comunidade surda. Também sou grato a amigas como Patrícia Rezende e Silvana Aguiar, por quem tenho grande admiração e respeito, por terem contribuído na minha adaptação

aqui no Sul. Também agradeço a todos os meus amigos surdos, que estiveram sempre ao meu lado.

A todos os professores e intérpretes da UFSC que tive a honra de conhecer e com quem tive a honra de trabalhar e conviver aqui em Santa Catarina.

Ao Reginaldo Francisco por realizar a revisão do texto.

Aos meus irmãos e irmãs Cotas (filhos de pais surdos), que têm meu profundo respeito e amor. E a minha gatinha, pela companhia e ronrons.

Todos que eu possa não ter citado, mas que de alguma forma tenham contribuído com esse processo, tenham de coração o meu muito obrigado!

O que o pai calou aparece na boca do filho, e muitas vezes descobri que o filho era o segredo revelado do pai.

(Friedrich Nietzsche)

RESUMO

Atualmente a comunidade surda começa a usufruir de serviços realizados por profissionais tradutores/intérpretes de língua de sinais com formação específica, resultado do reconhecimento legal e de inúmeras lutas da classe. No entanto, a realidade nem sempre foi dessa forma. Antes do reconhecimento profissional dos intérpretes de LIBRAS e dos grandes avanços da tecnologia, a comunidade surda se utilizava de intérpretes e mediadores linguísticos mesmo sem uma formação, já que, por ter uma língua própria e diferente da utilizada pela maioria da sociedade, precisa do intérprete para interação social, familiar, cultural, política, e para ter acesso aos serviços públicos. Sendo assim, dentro do contexto familiar de alguns surdos, fazem-se presentes os filhos de pais surdos, conhecidos na comunidade surda como “Codas”, que por muitas vezes passam despercebidos, mas têm uma experiência singular por conta de suas condições de compartilhar a cultura surda, assim como os desafios enfrentados pelos surdos devido a barreiras linguísticas, ao mesmo tempo em que participam das experiências que envolvem os ouvintes. A partir de contribuições teóricas pós-modernas, nas quais o sujeito se compõe por identidades fragmentadas, a pesquisa buscou compreender como se estabelece o perfil profissional desse sujeito enquanto tradutor/intérprete de LIBRAS, pressupondo que tais motivações trazem desdobramentos para o perfil profissional. Para atingir esses objetivos, realizou-se uma pesquisa com uma abordagem qualitativa, usando instrumentos de entrevistas semiestruturadas com complementação pela realização de grupo focal com sujeitos profissionais tradutores/intérpretes Codas. Configurou-se um cenário em que os intérpretes Codas entrevistados apresentaram motivações específicas para o seu exercício profissional, intrinsecamente relacionadas às suas singularidades oriundas do contexto familiar.

Palavras-Chaves: Intérprete, LIBRAS, Coda, Identidade.

ABSTRACT

The deaf community has begun to take advantage of services provided by professional translators / interpreters of sign language with specific training. This training is the result of legal recognition and numerous class struggles. However, the reality has not always been that way. Before the recognition of professional interpreters, Libras and major advances in technology, the deaf community used interpreters and linguistic mediators who had not had training but who recognized that sign language was different from that used by most society, and interpreted because of the need for family, cultural, political, social interaction and access to public services. Within the family context of some deaf people are the children of deaf parents, known in the deaf community as codas. They often go unnoticed, but have a unique experience of sharing deaf culture as well as the challenges faced by deaf because of language barriers, while also sharing the experiences that involve hearing people. Using postmodern theoretical contributions, in which the subject is composed of fragmented identities, this research sought to understand how the professional profile of this subject as a Libras translator / interpreter is created, assuming that such motivations can aid the development of the professional profile of interpreters. To achieve these objectives, I carried out a survey using a qualitative approach, using semi-structured interviews, conducting focus groups with subjects who were professional translators / interpreters and also codas. Coda interpreters interviewed had specific reasons for their professional practice, intrinsically linked their singularities arising in the family context.

Key words: Interpreter, LIBRAS, CODA, Identity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Encontro das Águas – AM.....	34
Figura 2 - Diagrama Baker-Shenk & Cokely (1980).	54
Figura 3 - Modelo de Holmes para os estudos da tradução.....	64
Figura 4 - Áreas de pesquisa em tradução segundo Williams e Chesterman (2002).	65
Figura 5 - Modelo de processo de tradução de Eugene Nida.....	68
Figura 7 - Procedimentos metodológicos.....	83

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Sexo	91
Tabela 2 - Faixa etária dos participantes	91
Tabela 3 - Religião	91
Tabela 4 - Lugares em que usava a língua de sinais	92
Tabela 5 - Ambiente que mais frequentou com os pais	92
Tabela 6 - Participação em associação de surdos	93
Tabela 7 - Interpretação para os pais	93
Tabela 8 - Interpretação em situações delicadas/pressão	93
Tabela 9 - Interpretação para amigos dos pais sem remuneração	93
Tabela 10 - Trabalhos voluntários	94
Tabela 11 - Percepção de diferenças de atuação em relação aos intérpretes não Cudas	94
Tabela 12 - Língua com mais facilidade de se expressar	100
Tabela 13 - Surdos na família	103
Tabela 14 - Fluência de língua de sinais dos pais	104
Tabela 15 - Dificuldade em aprender a língua portuguesa	104
Tabela 16 - Quanto à autoimagem	109
Tabela 17 - Discriminação por ter pais surdos	113
Tabela 18 - Rejeição/discriminação por parte de surdos por ser ouvinte	113
Tabela 19 - Rejeição/discriminação por parte de ouvintes por ser filho de surdos	113
Tabela 20- Rejeição/discriminação por parte de outros intérpretes por ser filho de surdos	115

LISTA DE ABREVIATURAS

ASL – American Sign Language

CODA – Children of deaf adults

CSL – Chipre Sign Language

D-Coda

EUA – Deaf children of deaf adults

Estados Unidos da América

FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos

FOPS – Filho ouvinte de pais surdos

HCDPs

IC – Hearing children with deaf parents

Implante coclear

ILS – Intérpretes de língua de sinais

KODA – Kids of deaf adults

LP – Língua portuguesa

LS – Língua de sinais

LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais

PGET – Pós-Graduação em Estudos da Tradução

TILS – Tradutor intérprete de língua de sinais.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	23
1. CHILDREN OF DEAF ADULTS — CODA	33
1.1 <i>THE CODA ORGANIZATION</i>	37
1.2 O CODA E A COMUNIDADE SURDA	39
1.3 O CODA E A <i>LANGUAGE BROKERING</i>	43
2. SOBRE CULTURAS E IDENTIDADES	47
2.1 O CODA E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE	47
2.2 A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE DENTRO DA COMUNIDADE	53
2.3 A IDENTIDADE CULTURAL NA PÓS- MODERNIDADE	55
3. REFLETINDO SOBRE AS POSSIBILIDADES IDENTITÁRIAS DE INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS.....	63
3.1 A QUESTÃO DA TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO.	63
3.2 INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS.....	69
3.3 INTÉRPRETES CODAS.....	74
3.4 UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS NA CONCEPÇÃO CULTURAL	78
4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	83
4.1 PARTICIPANTES DA PESQUISA	84
4.1.1 Grupo Focal	86
4.1.2 Ordenamento e análise dos dados.....	87
4.1.3 Cuidados éticos	88
4.2 CONHECENDO OS SUJEITOS DA PESQUISA	90
4.2.1 O perfil dos sujeitos envolvidos.....	90
4.2.2 Exercendo a profissão	94
5. A QUESTÃO DA DIALÉTICA DA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE(S).....	97

5.1 A QUESTÃO DA IDENTIDADE PESSOAL	97
5.1.1 A questão do bilinguismo	98
5.1.2 A questão da identidade bilíngue.....	101
5.1.3 A questão da invisibilidade de estar em fronteira	109
5.2 A QUESTÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL	115
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
7. REFERÊNCIAS	131
ANEXOS	143
ANEXO 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE	145
ANEXO 2 – ROTEIRO DE ENTREVISTA ABERTA SEMIESTRUTURADA.....	146

INTRODUÇÃO

*Sou muitas mãos
E muitas vozes
Também sou muitos ouvidos
E tantas outras expressões*

*Sou telejornal e novela das 8
Encarte de mercado
Promoção de biscoito
Sou a pausa — do sinal afoito.*

*Astronauta em dois mundos
Indo e vindo neles... amiúde
Alguém que se reinventa
Sou um poema do Nelson Pimenta.*

*Sendo assim, deixa-me suspenso
Entre configurações de mãos
E os grunhidos de meus pais*

*Sinto deles o cheiro
(Até hoje)
Quando falo em sinais.*

(Márcio Messias Belém, 2013)

Esta pesquisa aborda questões emergentes da prática da interpretação entre a língua portuguesa e a língua de sinais em um contexto contemporâneo que foram motivadas pela minha prática enquanto intérprete de LIBRAS na condição de filho de surdos¹. O objeto de estudo é o perfil profissional dos intérpretes de LIBRAS filhos de pais surdos. A abordagem sobre questões de construção de identidade se integra como parte da área dos

¹Essa condição, ao mesmo tempo em que contribuiu para a investigação do sujeito de pesquisa, traz também um conjunto textual de relações interpretativas que se mostraram desafiadoras para as análises relativas ao distanciamento do objeto frente aos processos de subjetivações intrínsecos ao modo de olhar.

estudos surdos e vem se somar aos estudos da interpretação de língua de sinais e aos estudos da tradução de modo geral.

As pesquisas no campo da interpretação, embora recentes, apresentam uma grande possibilidade de investigações de natureza linguística, comunicativa, cognitiva e sociocultural. Algumas dessas possibilidades emergem do estudo da prática de uma área da interpretação chamada de interpretação comunitária². Ostópicos de pesquisa são categorizados em: estudos históricos, cognitivos, comportamentais, linguísticos, sociais, éticos, prática interpretativa, além de outros estudos que tangem às especificidades do campo da interpretação.

Nesse sentido, os estudos sobre a interpretação das línguas de sinais vêm seguindo os mesmos caminhos em relação às áreas de pesquisa das línguas de modalidade oral-auditiva, e se apresentam como um vasto campo de pesquisa com questões estabelecidas tanto pela área da interpretação quanto por fenômenos emergentes, tendo em vista suas características de modalidade linguística específica³.

No Brasil, a oficialização da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) se deu apenas no ano de 2002, por meio da lei nº 10.436, a Lei de LIBRAS, mais de quarenta anos após a língua

² Por interpretação comunitária entende-se a interpretação no contexto público, envolvendo diversos contextos de serviços sociais. A característica do intérprete comunitário vai além da mediação de língua e cultura, pois o perfil desse serviço abrange questões étnicas, sociais, e envolve também estereótipos. Franz Pöchhacker (2004) destacou-se com pesquisas nessa área ao atuar na interpretação médica.

³ A pesquisa também lida com as questões relacionadas à atuação do profissional tradutor intérprete de LIBRAS no sentido de expandir as discussões sob a perspectiva da construção de identidade, como a dissertação de Santos (2006), que trata justamente da construção da identidade do intérprete de LIBRAS. O fato de uma parcela desses profissionais estar na condição de filhos de surdostraz possíveis desdobramentos com perspectivas específicas.

de sinais ser reconhecida nos EUA⁴. Tal lei está fundamentada em vários estudos e pesquisas que comprovaram que no Brasil, assim como em outros países, existia uma língua usada pela comunidade surda com uma gramática própria, passando a ser considerada não como pantomima, código ou linguagem, mas como uma língua de fato, com todas as propriedades linguísticas.

Foram desenvolvidas algumas pesquisas, dentre as quais se destacam a publicação de Ferreira-Brito (1995), que impulsionou outros estudos, e a obra de Quadros e Karnopp (2004), baseadas nas contribuições realizadas pelo linguista norte-americano William Stokoe, que encontrou em 1960 propriedades na língua de sinais americana (ASL)⁵ que tinham os mesmos princípios universais das línguas de modalidades orais, como fonética, fonologia, sintaxe. A desconstrução da ideia de que as línguas de sinais não podiam ser consideradas como línguas de fato contribuiu para que se estabelecesse a legitimidade da língua americana de sinais ASL, e a partir de então no Brasil foram elaboradas as primeiras gramáticas da Língua Brasileira de Sinais.

As línguas de sinais são, portanto, consideradas pelos linguistas como línguas naturais ou como um sistema linguístico legítimo e não como um problema do surdo ou como uma patologia da linguagem. Stokoe, em 1960, percebeu e comprovou que a língua dos sinais atendia a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína, no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças. (QUADROS e KARNOPP, 2004, p. 30).

⁴As pesquisas realizadas sobre a língua de sinais americana (ASL) exerceram grande influência para que outras pesquisas fossem realizadas sobre as mais diversas línguas de sinais no mundo. No Brasil as pesquisas sobre a Língua de Sinais Brasileira também surgiram com influência norte-americana (BRITO, 1995).

⁵*American Sign Language*, em inglês dos Estados Unidos.

Os fatos históricos mencionados, que ocorreram a partir da década de 60, apenas colaboraram para a informação, ratificação e difusão da existência de uma comunidade surda detentora de estruturas culturais como, por exemplo, sua língua, sua arte e sua política, com formas de expressão específicas que compõem uma identidade cultural específica de quem compartilha dessa experiência (STROBEL, 2009).

Já em relação à área da interpretação, no ano de 2010 foi promulgada a lei 12.319, que trata especificamente da regulamentação da profissão do tradutor/intérprete de língua de sinais, fato que representa um grande passo para a consolidação da classe e consequentemente uma conquista da comunidade surda brasileira.

Por conta da necessidade do contato entre comunidades onde se envolvem sujeitos surdos e ouvintes, hoje a comunidade surda se utiliza de uma série de avanços tecnológicos voltados para a comunicação, com destaque para a internet. Os surdos também começam a usufruir de serviços de tradutores/intérpretes de língua de sinais com qualificação ou sem qualificação, tendo em vista a realidade do Brasil quanto aos cursos de formação, que são recentes, resultado do reconhecimento em âmbito legal após inúmeras discussões para alcançar tal conquista. No entanto, historicamente a comunidade surda já vivenciava a sua cultura naturalmente e tinha as mesmas necessidades que os ouvintes em termos de interação social, familiar, cultural, política, dentre outras.

Parte-se da premissa de que a família tem uma representatividade que vai além de um fenômeno natural, por se tratar de uma instituição social com parâmetros normativos que, dentre muitas funções, busca preservar e desenvolver o indivíduo, principalmente na fase da infância e adolescência (PRADO, 1985). No seio familiar dos surdos, especificamente das famílias com pais surdos, está presente uma figura que vivencia uma experiência singular, compartilhando a cultura surda ao mesmo tempo em que também vivencia uma cultura que difere da cultura dos pais. Trata-se dos filhos ouvintes de pais surdos, conhecidos

na comunidade surda como Cudas (*childrenofdeafadults* — “filhos de adultos surdos”⁶), termo de origem estadunidense usado pela organização CODA⁷.

Geralmente a história de famílias com surdos no sentido congênito perpassa três gerações, a começar com o nascimento de uma criança surda dentro de uma família com pais ouvintes. Essa criança surda cresce e normalmente se casa com outra pessoa surda, para então esses pais surdos darem à luz uma criança ouvinte.

Estima-se que quase noventa por cento das crianças nascidas de dois pais surdos são ouvintes. E essa parece ser a ordem normal, pois poucas dessas crianças ouvintes terão filhos surdos. A geração dos pais surdos representa uma interrupção momentânea no histórico familiar que até então era ouvinte. O legado “Surdo” permanece por até três gerações e então se torna suspenso, e em outra família com outros pais ouvintes começa o ciclo novamente (PRESTON, 1995, p. 13).

Os surdos das gerações passadas não vivenciaram plenamente todos os acontecimentos de caráter legal voltados para a comunidade surda citados acima, bem como os avanços com relação à conscientização política sobre a educação de surdos, tendo a difusão da língua de sinais como a principal marca dos movimentos sociais para a implementação dessa política, acontecimentos esses fundamentais na constituição da comunidade surda de um modo geral (QUADROS e MASUTTI, 2007).

Strobel (2009, p. 51) observou que “na maioria dos casos com famílias ouvintes, o problema encontrado para esses sujeitos surdos é a carência de diálogo, entendimento e a falta de noção do que é a cultura surda”.

Sendo assim, acontecia uma baixa adesão dos pais desses surdos ao aprendizado da língua de sinais por vários motivos, como a própria dificuldade de encontrar centros de

⁶ Tradução nossa.

⁷ Esse termo será usado apesar de o trabalho não ter nenhum vínculo com a organização, pois no Brasil ele vem sendo cada vez mais utilizado.

ensino e apoio especializados ou até mesmo por resistência em assumir a legitimidade da língua de sinais, devido à forma e ao discurso como era apresentado o sujeito surdo na sociedade⁸.

A associação de surdos era um dos principais pontos de contato e interação social e era o espaço do qual os surdos participavam usando a sua língua, no caso, a língua de sinais. Nesse contexto desenvolviam contato com outros surdos e com seus pares linguísticos podiam se expressar de maneira espontânea e natural. A comunidade surda elegia aquele ambiente como um de seus principais espaços de interação.

Ainda segundo Strobel (2009), geralmente as associações de surdos se estabeleciam como o principal elo entre os participantes da comunidade surda e, por vezes, dessas interações sociais surgiam amizades, namoros e matrimônios. Para alguns surdos os filhos traziam a seus pais expectativas específicas, pois, quando ouvinte, representava alguém que, além de falar a língua de sinais, falaria simultaneamente uma segunda língua, no caso do Brasil, a língua portuguesa. Embora essa caracterização não tenha a intenção de trazer generalizações, não deixa de ser uma perspectiva possível, já que os pais, ao conceberem um filho, teriam uma ponte de acesso à comunicação em um país com grandes limitações e inúmeras carências de políticas voltadas para necessidades básicas de cidadania.

O filho ouvinte de pais surdos (Coda) geralmente cresce em um ambiente em que adquire a língua de sinais naturalmente, porém ao sair de sua casa também sairá de um universo específico e se confrontará com outro que apresenta características diferentes, sendo a língua a principal delas. Juntamente com todos os desdobramentos do uso de uma língua, essa criança não apenas poderá desenvolver o conhecimento das

⁸ Segundo Strobel (2006), a história dos surdos no sentido pedagógico, político e subjetivo foi marcada pela arbitrariedade dos ouvintes, sem dar direito de escolha aos surdos. Isso significa que por muito tempo o surdo foi ignorado e desvalorizado como sujeito. Além de este receber o estereótipo de “doente” e “deficiente”, a língua de sinais era fortemente criticada e descartada quanto a sua legitimidade.

línguas em questão, mas também poderá começar a receber algumas responsabilidades de interpretação, mesmo que, a princípio, sejam em situações aparentemente simples e informais. Desde a infância, muitos filhos de pais surdos começam a se deparar com situações complexas de interpretação, e muitas vezes acabam sendo orientados pelos próprios pais sobre como interpretar, visto que a atividade ali realizada não é a de interpretação profissional.

Nesse sentido, será oportuno trazer a contribuição do conceito de “*language broker*”, que, conforme Tse (1996), que trata da ocorrência desse fenômeno com estudantes bilíngues de línguas orais, configura-se como uma categorização de mediadores bilíngues (diferentemente da interpretação feita por intérpretes formados) que estão entre dois grupos linguística e/ou culturalmente diferentes e realizam esse tipo de interpretação com o perfil de necessidade, realizando adaptações/correções linguísticas entre esses grupos que resultam em uma reelaboração que atenda a língua-alvo. Assim, esse mediador se responsabiliza não só pela informação, mas também pela decisão do outro. Portanto, tentar-se-á relacionar esse mesmo conceito de *language broker* com filhos de surdos envolvendo a língua de sinais com base em Stone (2012).

A respeito da profissão de intérprete de língua de sinais, há crescentes pesquisas afirmando que, para alcançar um bom nível de interpretação e se tornar um intérprete bem habilitado, faz-se necessária uma série de competências e habilidades. Segundo descreve Quadros (2004, p. 27), essa tarefa exige uma densa preparação, habilidade cognitiva e raciocínio lógico do profissional tradutor/intérprete. Envolve um ato cognitivo-linguístico, pois é um processo em que o intérprete estará diante de pessoas que apresentam intenções comunicativas específicas e que utilizam línguas diferentes. “Ele processa a informação dada na língua fonte e faz escolhas lexicais, estruturais, semânticas e pragmáticas na língua alvo que devem se aproximar o mais apropriadamente da informação dada na língua fonte.” Portanto, o ato de interpretar envolve processos altamente complexos, o que gera uma alta exigência do profissional de tradução/interpretação

de língua de sinais ao desenvolver seu trabalho e leva a compor um perfil profissional específico.

Alguns filhos de surdos passam por uma situação emblemática em que interpretam apenas pelo fato de estarem na condição de filhos. Com o decorrer do tempo, a criança passa a ser um intérprete de seus pais e também de outras pessoas ao redor deles, pois, muitas vezes, os amigos surdos dos pais, por estarem nas mesmas condições em que estes se encontravam antes (sem familiares ou alguém que soubesse a língua de sinais), acabam pedindo como favor que cedam o filho para alguma necessidade de tradução específica (HADJIKAKOU et al., 2009).

Nesse sentido, o filho de surdos pode crescer passando a desempenhar uma interpretação com carga de responsabilidade muito grande, precisando encontrar equivalências idiomáticas entre as línguas, o que se torna uma atividade desgastante para o filho de surdos, pois naquele momento ainda não tem a formação específica para a atuação.

Santos (2006), ao propor sua discussão sobre a construção de aspectos de identidade cultural, apresenta o intérprete de língua de sinais como um sujeito que tem experiências dentro da comunidade surda e encontra diversas dificuldades, a tal ponto que precisa se esforçar para romper com os aspectos culturais que podem afetar a percepção da cultura surda, ou seja, esse intérprete precisará se dedicar para ter a percepção clara das especificidades culturais entre a sua língua oral-auditiva e a língua na qual pretende mergulhar, que é gesto-visual e apresenta características que envolvem o espacial, o gestual e o visual, com todas as suas especificidades diferentes da língua e cultura de sua origem.

Isso nos leva a perguntar como ocorre o processo de formação profissional em tradução e interpretação de LIBRAS envolvendo os filhos de surdos. Existem marcas de identidade cultural em intérpretes que têm a língua de sinais (LS) como segunda língua? Que marcas culturais os intérpretes filhos de surdos podem ter, visto que, de acordo com Preston (1994), o

Coda é bilíngue e bicultural⁹ pelo fato de vivenciar a aquisição da língua de sinais desde o berço e compartilhar a sua cultura por participar da comunidade de forma natural?

Este projeto de pesquisa objetivou contribuir com uma discussão com base na identidade cultural neste campo ainda pouco explorado. Por meio de narrativas, busca conhecer quais são as marcas culturais que o intérprete Codatraz a partir das experiências familiares e como essas relações entre fronteiras ocorrem. Qual a sua autoimagem enquanto profissional? Essas questões são levantadas por conta da importância de explorar esse sujeito que está presente na comunidade surda. As possíveis respostas para tais questionamentos não buscam trazer ideias fechadas e acabadas, mas poderão ser respondidas com um apontamento para novas perspectivas sobre o tema.

À luz disso, esta pesquisa busca conhecer um campo ainda pouco explorado nos estudos acerca do perfil do intérprete Coda, e tem a complexa tarefa de refletir sobre quais marcas culturais esses sujeitos carregam para relacioná-las com o campo da atuação profissional da tradução e interpretação da língua de sinais, além de conhecer por meio de narrativas como podem se constituir a partir de uma identidade ligada basicamente a duas línguas em um constante processo de fronteira. Sem a intenção de fazer generalizações, busca-se compreender esse processo que ainda carece de estudos sistematizados.

O capítulo I, *Children Of Deaf Adults— CODA*, situa algumas das principais investigações sobre o tema com o objetivo de buscar uma compreensão de como é caracterizado o indivíduo filho de pais surdos, complementada por assuntos relacionados a ser filho de surdos e atuar como intérprete de língua de sinais.

No capítulo II, sobre **questão das identidades**, buscou-se apresentar uma relação dos estudos culturais e de identidade com suas possíveis implicações. No capítulo III, procurou-se trazer a relação de questões de identidade com os desdobramentos que

⁹O autor fez essa afirmação a partir da pesquisa com os sujeitos envolvidos, considerando que existem outros perfis de sujeitos que são filhos de surdos.

permeiam a **identidade do intérprete de língua de sinais**. Com base na teoria de identidade do sujeito, dentro da perspectiva pós-moderna de Stuart Hall, buscou-se uma reflexão no que tange à construção da identidade cultural do profissional intérprete da língua de sinais como parte de um contexto maior.

O capítulo IV apresenta o processo metodológico realizado para atingir os objetivos propostos. A pesquisa tem uma abordagem de análise qualitativa descritiva, usando instrumentos como entrevistas semiestruturadas e complementadas por meio de grupo focal com tradutores/intérpretes filhos de pais surdos.

Por fim, no capítulo V a pesquisa buscou trazer o leitor a uma reflexão a respeito das narrativas embasadas na memória de filhos ouvintes de surdos que atuam como intérpretes, com o objetivo de traçar um diálogo com a perspectiva de identidade e com as marcas culturais que permeiam suas práticas profissionais, considerando as condições em que se constituem como sujeitos.

1. CHILDREN OF DEAF ADULTS — CODA

A obra segura-se na mão, o texto mantém-se na linguagem: ele só existe tomado num discurso. O texto não é a decomposição da obra, é a obra que é a cauda imaginária do texto.

(Roland Barthes)

O termo Coda é na verdade uma abreviação de origem norte-americana correspondente a *ChildrenOfDeafAdults*, utilizada por uma organização internacional que desenvolve trabalhos envolvendo filhos de pais surdos. Apesar de a pesquisa não ter nenhum vínculo com essa organização, o termo será utilizado neste texto para se referir aos filhos de pais surdos, tendo em vista que o termo oferece uma melhor compreensão do objeto estudado, além de ser cada dia mais utilizado e propagado no Brasil.

O Coda cresce usando a língua de seus pais e participando da comunidade surda; uma parte considerável desses indivíduos segue a profissão de intérprete de língua de sinais ou atua em um trabalho que tenha alguma ligação com a comunidade surda quando adulto¹⁰.

¹⁰ Sabe-se que nem todos os filhos de surdos dominam a língua de sinais, participam da comunidade surda ou são bilíngues, existindo, portanto perfis diferentes de filhos de surdos. A pesquisa tem como objeto de estudo o filho de surdos que possui envolvimento e compartilhem práticas e costumes da comunidade surda.

Figura 1 - Encontro das Águas – AM



Fonte: www.econnections.bio.br/site/img/galeria/16-1327334025-manaus-encontro-das-aguas-do-rio-negro-e-solimoes-1.jpg

A imagem acima mostra um fenômeno que ocorre na Amazônia brasileira chamado de “encontro das águas”, no qual o rio Negro, com suas águas escuras, encontra-se com o rio Solimões, de águas claras e barrentas. Por suas características físicas e químicas, os dois correm juntos sem se misturarem para então formar o maior rio do mundo, o Amazonas, correndo desta forma por mais de dez quilômetros em direção ao mar.

Alguns autores como Preston (1995), Abrams (1996) e Davis (2001) usam a metáfora de que o filho de surdos está entre o som e o silêncio. Preston, por exemplo, usa uma imagem na capa de seu livro intitulado *Mother Father Deaf: Living Between Sound and Silence* (“Mãe pai surdos: vivendo entre o som e o silêncio”)¹¹ que apresenta um rio, que está “entre” dois locais: os bosques e os campos. Pode-se inferir dela que o filho de surdos é como um rio que faz parte de ambos os lados, mas que ao mesmo tempo tem seu próprio mundo. Um rio que separa um lado do outro, mas que também os une.

Para nos aproximarmos da realidade das paisagens brasileiras, o encontro de dois grandes rios que formam o grande rio Amazonas se configura não apenas como o som e o silêncio,

¹¹Tradução nossa.

mas como dois mundos, duas línguas, duas culturas, surda e ouvinte. O filho de surdos é, nessa metáfora, o barco que navega ora no mundo surdo, ora no mundo ouvinte, ou nos dois ao mesmo tempo. Ele vai percorrendo o seu próprio caminho sabendo transitar entre os dois mundos, fazendo parte de um contexto maior.

As pesquisas sobre filhos ouvintes de pais surdos vêm crescendo nos últimos anos. A maioria das obras encontra-se na América do Norte e Europa. Algumas obras autobiográficas descrevem especificidades de como é crescer sendo um filho ouvinte de pais surdos (CORFMAT, 1990; ABRAMS, 1996; DAVIS, 2000; MILLER, 2004; SIDRANSKY, 2006; e UHLBERG, 2009). Uhlberg, por exemplo, faz uma narrativa introdutória buscando a perspectiva de seu pai desde a infância, apresentando vivências tanto de alegria com os fatos do cotidiano, como de resiliência por conta dos fatos históricos como a segunda guerra mundial.

Existem obras cinematográficas acerca de famílias com pais surdos e filhos ouvintes, como o filme norte-americano “*Love is never silent*”¹² (1985), baseado na obra *In this sign*, de Greenberg (1970), e o filme alemão “*Jenseits der stille*”¹³ (1996). Estes são filmes instigantes que buscam retratar e explorar a vivência dos pais surdos e dos filhos que estão entre dois mundos.

Pesquisas e artigos como de Buchino (1990), Weiner (1998), SingletonTittle (2000), Singleton (2002) e Preston (2006) apresentam o filho ouvinte de pais surdos como bilíngue e bicultural e descrevem esse modelo de família caracterizando o modo como acontecem as interações entre pais e filhos, estes geralmente descritos como pontes entre os mundos surdo e ouvinte. Tais publicações têm um caráter informativo sobre o tema.

No campo da linguística, pesquisadores começam a explorar questões emergentes da linguagem do filho de pais surdos, tendo em vista que, na maioria dos casos, o filho cresce

¹² Não há tradução da obra no Brasil.

¹³ No Brasil o filme está registrado como “A música e o silêncio”.

bilíngue, usando tanto a língua de sinais como a língua oral, tendo a língua de sinais como base dos primeiros recursos de linguagem desenvolvidos com a especificidade de modalidades de língua. Pesquisas como Bishop e Hicks (2005), Emmorey, Borinstein e Thompson (2005), Lillo-Martin, Quadros e Chen Pichler (2010), Bishop (2006, 2010) exploram as ocorrências de *code-blending* bimodal¹⁴, o uso da sobreposição entre a língua inglesa e a língua de sinais americana. Baker e Bogaerde (2006) e Lillo-Martin et al. (2010) exploram o *code-blending* em bilíngues com enfoque no processo de aquisição da linguagem.

Filer e Filer (2011), a partir de um olhar psicanalítico, apresentam um trabalho sobre possibilidades de métodos para trabalhar com filhos ouvintes de pais surdos. No Brasil, outra pesquisa no campo da psicologia, realizada por Corghi (2006), aborda o funcionamento de famílias de pais surdos com filhos ouvintes; a autora chama a atenção para o fato de que a maioria das pesquisas que estudam famílias com surdos se preocupam preferencialmente com o desenvolvimento do filho surdo, ficando assim as pesquisas com filhos ouvintes e seus pais surdos mais raras (CORGHI, 2006, p. 21).

Dentro do campo antropológico, algumas pesquisas etnográficas centram-se na relação intersubjetiva com o filho ouvinte de pais surdos. Hale (2001), Preston (1995, 1996) e Adams (2006) levantaram dados sobre o processo para o filho de surdos estabelecer-se enquanto sujeito. Destaca-se a pesquisa de Paul Preston (1995), que publicou um livro resultante de entrevistas com cerca de 150 filhos ouvintes de pais surdos com variadas idades. Preston chegou ao resultado de que eles compartilhavam a perspectiva cultural da comunidade surda com fatos positivos e negativos (PRESTON, 1995).

¹⁴*Code-blending*, segundo Bishop (2010, p. 205-206), ocorre durante a fala em que o bilíngue bimodal (filhos ouvintes de pais surdos) faz a combinação de duas gramáticas com duas modalidades, levantando possibilidades de investigações linguísticas na observação da alternância e simultaneidade no uso de línguas tipologicamente distintas e semanticamente não equivalentes.

Na sociologia, Andrade (2011) discute a construção da identidade de filhos ouvintes de pais surdos no contexto familiar com uma interseção que abrange tios e avós, a partir de narrativas de memória para uma abordagem de constituição de uma identidade de fronteira e própria do indivíduo. Dentro da discussão de identidade de fronteira, Quadros e Masutti (2008) apresentam um estudo de caso em que analisam questões sobre zonas de contato entre a Língua de Sinais Brasileira (LIBRAS) e a língua portuguesa de um filho ouvinte de pais surdos no contexto brasileiro.

Por fim, Bishop e Hicks (2009) apresentam a obra *Hearing, Mother Father Deaf* com um conjunto de pesquisas com variadas abordagens, de autores de diversas áreas e países, que proporcionam interessantes discussões acerca de filhos ouvintes de pais surdos.

Encontraram-se, portanto, pesquisas relacionadas a filhos ouvintes de pais surdos em diversas áreas de conhecimento, e tais pesquisas têm apontado para questões que é necessário conhecer e refletir a respeito. Embora poucas pesquisas sobre intérpretes Coda tenham sido encontradas, já se observa que esse assunto começa a se desenvolver juntamente com as pesquisas de interpretação de LIBRAS que vêm crescendo nos últimos anos.

1.1 THE CODA ORGANIZATION

Antes da fundação da organização CODA (*ChildrenOfDeafAdults, Inc.*¹⁵), os filhos de surdos eram chamados pela sigla HCDPs, referência a “*hearingchildrenwithdeafparents*”¹⁶. A CODA é uma organização norte-americana sem fins lucrativos voltada para filhos de pais surdos que existe desde 1983 e tem crescido de tal forma que recebe associados de vários países.

¹⁵ Maiores informações podem ser encontradas no site www.coda-international.org.

¹⁶ Filhos ouvintes com pais surdos (tradução nossa).

Segundo a organização, a experiência de ser Coda é muito semelhante em todo o mundo, e muitos filhos de pais surdos formam comunidades com as suas relações passando a ser reconhecidas por meio de grupos com interesses em comum.

A organização CODA foca-se nos filhos de pais surdos, abordando questões de identidade bicultural por meio de conferências, grupos de apoio e desenvolvimento de recursos para os pais. Também existe a nomenclatura KODA (*kidsofdeafadults*) com a finalidade de desenvolver atividades voltadas para crianças e de aconselhamento para os pais, e D-CODA (*deafchildrenofdeafadults*) para especificidades de filhos surdos de pais surdos.

A organização CODA também tem o objetivo de promover a conscientização da família e o crescimento individual de filhos ouvintes de pais surdos por meio de oferta de oportunidades educativas, promoção de autoajuda, apoio jurídico, além de se configurar como uma instituição acolhedora na qual os Codos podem começar a perceber sua própria identidade pelo fato de estarem entre dois mundos e se identificarem com outros filhos ouvintes de pais surdos que viveram experiências semelhantes (NAPIER, 2009, p. 231).

No Brasil, uma iniciativa de estabelecimento de rede entre filhos de surdos aos moldes da CODA Inc.¹⁷ encontra-se em fase de desenvolvimento. Uma grande quantidade de pessoas, por meio das novas tecnologias e principalmente das redes sociais, interage para discutir as peculiaridades de serem filhos de surdos. O primeiro encontro nacional de filhos ouvintes de pais surdos aconteceu no ano de 2013 na cidade do Rio de Janeiro (RJ), com a finalidade de concentrar um grande número de filhos de surdos de várias regiões do país¹⁸. O II encontro CODA Brasil aconteceu em 2014, sendo que a intenção é consolidar um evento anual para que então possa ocorrer não só o encontro com adultos, mas também com crianças Codos e concomitantemente

¹⁷Embora esta iniciativa tenha semelhança com a CODA Inc., não tem afiliação a ela.

¹⁸<http://codabrasil.blogspot.com.br/>

com seus pais para oportunizar um espaço de trocas de experiências e orientações de especialistas, assim como ocorre no cenário norte-americano, onde acontecem acampamentos para Kodas.

O que se percebe é que emerge um grande interesse nesse tipo de encontro por parte de filhos de surdos, visto que por um longo tempo as discussões acerca desse tema não estavam nas pautas de debates nos cursos de formação de profissionais que tenham alguma relação com esses sujeitos cujas experiências podem trazer contribuições a partir da perspectiva que sua condição oferece.

1.2 O CODA E A COMUNIDADE SURDA

Para abordar o tema dos filhos de surdos faz-se necessário contextualizar a cultura surda, sendo esta a cultura de seus pais com que, conseqüentemente, alguns Kodas podem ter contato. “Essa ‘comunidade surda’ na temporalidade presente envolve os mais diferentes elementos, uma vez que quando entra no tema epistemológico perfaz a presença de surdos e ouvintes” (PERLIN 2003, p. 114), em que a dinâmica social está justamente pautada no reconhecimento e na produção e expressão das identidades.

Diversos pesquisadores, como Jacobs (1974), Padden e Humphries (1988) Wilcox (1989), Perlin (1998, 2003) e Strobel (2009), trouxeram uma grande contribuição ao escreverem, a partir da perspectiva surda, sobre questões relacionadas à cultura surda em contraste com o que os ouvintes, por estarem em um lugar externo, acreditavam ocorrer.

Strobel (2009), por exemplo, em sua obra a respeito da cultura surda, afirma que a comunidade surda vivencia sua cultura por meio de artefatos culturais, referindo-se a artefatos como o modo de expressar e estabelecer tal cultura, perpassando as dimensões de concretismos.

Nesse sentido, vale mencionar que uma dessas formas pelas quais os surdos se estruturam para se expressar é o artefato cultural político, principalmente por meio de associações que se

configuram em um território propriamente surdo. Embora o principal objetivo estivesse nas questões políticas, esse lugar se apresentava também como um espaço cultural, principalmente nos períodos anteriores ao ano de 2002, em que a Língua de Sinais Brasileira foi reconhecida, trazendo assim outros desdobramentos de funções sociais da associação de surdos.

Dessa forma, nas associações de surdos havia geralmente casais surdos que constituíam família e assim ganhavam um “status” junto aos demais surdos, principalmente os mais jovens. Os pais surdos tinham ali um local em que poderiam acompanhar os filhos e, de alguma forma, se estabelecer na própria comunidade surda (QUADROS e MASUTTI, 2007).

Essa breve contextualização busca apresentar um dos cenários que alguns filhos de surdos geralmente podem frequentar, e como pode ocorrer a interação e a constituição do Coda, que cresce em meio à cultura surda embora tenham audição.

A maioria desses surdos teve contato com a língua de sinais e a utilizaram em associações de surdos e outras organizações. Dentro desses espaços, os Coda, que são trazidos, geralmente, pelos pais e familiares, crescem junto com outras crianças e adultos surdos, exercitando assim a língua e sua cultura (Quadros e Masutti, 2007, p. 245). Nesse sentido, pode-se perceber que, ao falar de Coda, é essencial levar em conta os aspectos culturais da comunidade surda, pois esse filho de pais surdos naturalmente faz uso dos recursos culturais surdos. O Coda, na verdade, acaba se tornando um integrante ativo da cultura surda.

Nesse sentido, Preston (1996) afirma que a criança Coda cresce naturalmente na convivência com seus pais, sem questionar se existe algo de “anormal” acontecendo com ela pelo fato de usar duas línguas (a língua de sinais em casa e a língua oral com ouvintes fora dela), pois a princípio ocorre um desenvolvimento natural.

Bogaerde e Baker (2008, p. 100-102), ao abordarem os fatores que influenciam a aquisição bilíngue, citam o contexto social e afirmam que a aquisição da linguagem da criança, bem como sua escolha sobre usar uma língua ou outra como *code-*

switch, é influenciada não só pela escolha da língua e fluência dos pais, mas também pela “atitude” que esses pais podem ter em relação ao uso das diferentes línguas¹⁹.

Dessa forma, as autoras também chamam a atenção para a existência de filhos de surdos que não são bilíngues por conta de alguns fatores, dentre os quais o perfil de fluência dos pais em língua de sinais, além de fatores externos que levam o filho de surdos a não ser considerado bilíngue e bicultural; portanto, não são todos os Codas que são bilíngues, recebendo então uma caracterização com outro viés.

Strobel (2009, p. 39) esclarece:

O que seriam artefatos culturais? A maioria dos sujeitos está habituada a apelidar de “artefatos” os objetos ou materiais produzidos pelos grupos culturais, de fato, não só formas individuais de cultura materiais, ou produtos definidos da mão-de-obra humana; também se pode incluir tudo o que se vê e sente quando se está em contato com a cultura de uma comunidade, como materiais, vestuário, maneira pela qual um sujeito se dirige a outro, tradições, valores e normas, etc.

O filho de surdos pode crescer vivenciando a princípio os artefatos culturais como: experiência visual, linguística, familiar, literatura surda, vida social e esportiva, artes visuais, política e materiais. Porém o Coda vivencia todos estes processos com audição, o que pode trazer outras questões a respeito de identidade.

¹⁹*The child's acquisition of the languages, as well as his or her choice to use one language or the other code switch, is influenced not only by the language choice and fluency of the parents, but also by the parents' attitude toward the use of the different languages.*

Votanoet al. (2004, p. 4) corroboram a ideia de que o filho ouvinte de pais surdos pode se desenvolver ganhando uma maturidade que pode lhe trazer benefícios. O autor afirma que o Coda, ao lidar com a família, tem a vantagem do acesso ao desenvolvimento da língua e da participação cultural em dois mundos, e isso pode ser visto como algo muito positivo, podendo ainda aprimorar rapidamente a maturidade e criar uma capacidade de empatia reforçada.

Conforme a história se apresenta, por um longo período os surdos estadunidenses foram reprimidos e os discursos surdos não recebiam o valor merecido, além de sofrerem grandes manifestações preconceituosas acerca da língua de sinais e das questões de comunidade, poder e autoridade em que os surdos se envolviam.

A rejeição de um presidente ouvinte para a Universidade de Gallaudet²⁰ em 1988, que culminou na substituição por um presidente surdo, é um símbolo da força e determinação da comunidade surda em eliminar esse estigma de dominação ouvinte. Nesse contexto, podemos visualizar outra maneira de perceber o filho ouvinte de pais surdos em uma situação conflituosa dentro da comunidade surda, em que, mesmo com a participação linguística e cultural, ao mesmo tempo em que são aliados dos movimentos surdos, também podem representar a negatividade da opressão histórica ouvinte, pelo fato de não serem audiologicamente surdos (SHIELD, 2005, p. 189, tradução nossa)²¹.

²⁰ A Gallaudet University, localizada em Washington, capital dos Estados Unidos, é a principal universidade do mundo em que são desenvolvidas metodologias para surdos, com a língua de sinais americana (ASL) como principal língua usada entre funcionários, professores e alunos e o inglês usado como língua secundária. Voltada para o interesse de pessoas surdas, também existem cotas para o ingresso de acadêmicos ouvintes, desde que tenham domínio da língua de sinais (www.gallaudet.edu).

²¹ No original: “*Given a history of domination by hearing people who were mainly unsympathetic to the Deaf perspective and hostile to the use of signed languages, issues of group membership, power, and*

Percebe-se então que o Coda pode estar em um campo com diversas variáveis, levantando questões acerca da construção de sua identidade e de como se estabelecer em outros contextos além do familiar. Hadjikakou et al. (2007) apresentam diversas narrativas a partir de entrevistas realizadas com filhos ouvintes de pais surdos que vivem em Chipre, destacando que, independente do local geográfico, muitas experiências entre os Codas são semelhantes.

1.3 O CODA E A *LANGUAGE BROKERING*

Uma das contribuições que a banca de qualificação trouxe para esta pesquisa foi a importância de tentar incluir o conceito de “*Language Brokering*” junto ao contexto dos Codas para compor o cenário vivenciado. Tse(1996) apresenta *language brokering* como um fenômeno caracterizado por um tipo de interpretação feita por bilíngues que não tiveram nenhuma formação específica, em que o mediador realiza correções/adaptações para atender e favorecer o público que denomina como língua minoritária. A autora verificou a prevalência desse fenômeno entre crianças estudantes chinesas e vietnamitas-americanas em escolas com a língua inglesa predominante, constatando que a maioria dos entrevistados se utilizava de mediação/correção nas interações entre os pais e a escola, o que trazia como consequência um controle exercido pelo filho diante dos pais.

Antonini (2010, p. 2), por sua vez, aponta que a partir do entendimento de que a língua e a cultura andam intimamente ligadas, a presença de duas etnias e línguas com características

authority are central to the Deaf community. The successful rejection of the nomination of a hearing man for president of Gallaudet University in 1988 and the subsequent hiring of a Deaf man as president is symbolic of a larger movement within the Deaf community for self-determination, for the exorcism of the spirit of hearing domination. In this context we can see another way in which the position of codas within the Deaf community is complicated: they are allies, but they also represent the hearing oppressor.”

diferentes pode resultar em necessidades de correção/adaptação no sentido de negociação da língua minoritária com a língua predominante do local. A autora destaca a situação de imigrantes que precisam se comunicar com instituições de serviços públicos do país anfitrião, ocorrendo então a necessidade de mediadores linguístico-culturais.

A autora afirma ainda que em países como Reino Unido, Suécia e Austrália, por terem uma história mais estabelecida quanto à imigração, é possível ter acesso a esse mediador com mais facilidade, diferentemente de países como Itália e países do sul e leste europeu, onde os imigrantes precisam recorrer a mediadores não profissionais para ter acesso às instituições. Nesta situação os filhos bilíngues geralmente ficam responsáveis por assumir o papel de mediadores culturais e interpretar para os seus pais, parentes, amigos e membros de sua comunidade linguística e étnica em uma variedade de domínios formais e informais, como a escola, a delegacia de polícia, repartições públicas, lojas, hospitais, mesmo sem um preparo para tal tarefa.

Nesse sentido, Stone (2012, p. 985) afirma que filhos ouvintes bilíngues de pais surdos também podem vivenciar esse fenômeno por conta do encontro da comunidade surda, que usa uma língua espacial e visual, com os ouvintes, que usam o recurso oral auditivo. Por estarem inculturados tanto na comunidade surda como na comunidade em geral e serem sinalizantes nativos ao ponto de se denominarem surdos (ouvintes)²², muitas vezes realizam interpretação para a família e os amigos desde a tenra idade, mediando as barreiras linguísticas.

No entanto, a tradução não profissional, apesar de ser uma realidade que envolve pessoas que realizam interpretação em vários setores, que vão desde a escola, os meios de comunicação, os serviços públicos, até conflitos e situações de extrema complexidade, ainda é ignorada em grande parte das pesquisas

²²Stone (2009), ao explorar a questão de uma norma para a tradução Surda, usa o termo “surdo (ouvinte)” se referindo a pessoas que, apesar de terem audição, consideram-se culturalmente surdas e veem-se com uma identidade surda.

que tangem à interpretação. Além disso, os tradutores/intérpretes profissionais, assim como os acadêmicos, tendem a considerar este fato apenas com uma perspectiva de motivo de preocupação para a questão profissional e, portanto, não como um tema ou assunto digno de estudo; tendem a percebê-lo ainda como uma prática perigosa, tanto em termos de questões éticas como também do possível impacto sobre as pessoas que precisam recorrer aos serviços de um mediador linguístico (*language broker*).

Torna-se importante deixar clara a distinção entre a interpretação profissional e a interpretação não profissional, esta, com atuação de mediadores culturais sem uma formação para tal função, contrastando com aquela, profissional, caracterizada pela formação específica. Porém, dada a natureza, o ambiente e as circunstâncias em que a interpretação não profissional ocorre, é possível que se enquadre no âmbito da interpretação comunitária, definida como “um tipo especial de interpretação facilitadora para o acesso da língua minoritária aos serviços públicos e entre os usuários de serviço com os prestadores que não compartilham da mesma língua” (ANTONINI, 2010, p. 4).

2. SOBRE CULTURAS E IDENTIDADES

Há uma coisa sobre a cultura surda, que é diferente de qualquer outra cultura. Estamos não vinculados a um lugar físico — uma casa, uma cidade, ou até mesmo um país. Nossa cultura existe porque estamos ligados uns aos outros.

(Paul Preston)

2.1 O CODA E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE

Categorizar identidade se constitui em uma tarefa bastante desafiadora e o objetivo aqui consiste apenas em levantar questões em busca de uma possível reflexão sobre o tema. Hall (2006) afirma que as identidades no atual cenário apresentam um universo em constante desenvolvimento. Logo, as informações conceituais sobre o tema tornam-se temporárias, assim como outras questões que pautam os acontecimentos sociais, por conta dos sujeitos estarem e serem diretamente influenciados por questões subjetivas inerentes ao ser humano.

No sentido sociológico, Berger e Luckmann (2009, p. 221) afirmam que a identidade compõe um elemento-chave da realidade subjetiva das pessoas em sociedade, por serem sujeitos particulares embora vivam coletivamente. Pode então vir à tona a necessidade de reflexões no que diz respeito à construção de identidade do Coda, uma vez que este pode vivenciar a cultura Surda, precisando elaborar suas perspectivas em relação ao seu “eu” levando em conta sua condição de ao mesmo tempo ter audição e partilhar de elementos culturais ouvintes. O desafio está portanto relacionado à subjetividade da sua condição. Assim como toda realidade subjetiva está em constante relação dialética com a sociedade, sendo formada por processos sociais, a construção da identidade baseia-se no contraste dialógico com o outro, fenômeno este ancorado na relação das semelhanças com as diferenças.

Castells (1999, p. 24) afirma que a identidade se constrói como um fenômeno de significados e experiências marcadas por

relações de poder, em que cada indivíduo pode constituir-se do que é e do que não é. Dessa forma, o indivíduo gera instrumentos para encontrar sua identidade partindo das experiências com grupos homogêneos e se contrastando com os heterogêneos, em uma perspectiva de alteridade. Nesse sentido, a questão que emerge com relação ao filho ouvinte de pais surdos é: apartir de quê e como esse fenômeno pode ocorrer? O Coda pode se deparar com a sensação conflituosa de possuir uma identidade “Surda” e ao mesmo tempo uma “Ouvinte”, ou teria uma identidade derivada das duas esferas?

Mesmo com a complexidade da constituição da identidade dos indivíduos na contemporaneidade, é possível encontrar elementos que ajudam a refletir sobre as indagações existentes acerca de uma possível identidade dos filhos ouvintes de surdos, adotando uma visão fragmentada do sujeito. Nesse sentido, o complexo estilo de vida contemporâneo exige que o sujeito assuma diferentes identidades, possibilitando a ocorrência de conflitos de apropriação de conduta, isto é, tensões pessoais entre identidades distintas como, por exemplo, quando o que é exigido por uma identidade interfere nas exigências de outra.

Castells (1999, p. 22-23) traz uma oportuna percepção sobre a diferenciação do significado de identidades e “papéis”, na qual o significado de papel corresponde a alguma função que o sujeito pode exercer. Para o autor, uma mesma pessoa pode exercer diversos papéis como, por exemplo, de pai, marido, trabalhador, etc., estruturados por instituições e convenções sociais. Já o significado de identidade corresponde ao seu conjunto de valores como indivíduo, ou seja, as identidades organizam significados, e os papéis organizam funções.

Silva (2000) exemplifica o conflito existente entre ser pai ou mãe e o papel de ser um/a assalariado/a, em que as demandas de um interferem nas exigências do outro e, com frequência, se contradizem. Para ser um “bom pai” ou uma “boa mãe” se faz necessário estar disponível para os filhos, satisfazendo suas necessidades, ao mesmo tempo em que seu empregador também pode exigir o total comprometimento. A necessidade de ir a uma reunião de pais na escola do filho pode entrar em choque com a

exigência do seu empregador para se dedicar ao trabalho até mais tarde (SILVA, 2000, p. 32).

Em busca da relação com a questão do choque entre papéis que envolve o filho ouvinte de pais surdos, podemos destacar a função de ser filho e de ser intérprete. Hadjikakou et al. (2009, p. 487) trazem algumas considerações nesse sentido, destacando que o filho ouvinte de pais surdos, sendo bilíngue e bicultural, muitas vezes se torna a ponte de seus pais com o mundo ouvinte, por geralmente serem intérpretes e porta-vozes de seus pais para a família e por vezes explicarem a cultura do universo ouvinte para eles. As autoras destacam ainda que, se essas situações forem vivenciadas pelos filhos de modo que se preserve o grau de exposição a situações delicadas e incompatíveis com a faixa etária, podem ser consideradas experiências positivas para o Coda, gerando uma aceleração no desenvolvimento de maturidade e independência e podendo ainda estreitar os laços de afetividade entre pais e filhos.

O conflito ocorre justamente na dificuldade da mensuração da atribuição de responsabilidades ao filho ouvinte, justamente por conta da linha tênue entre o adequado e o inadequado, situação que pode ser recorrente. Quadros (2004, p.30) traz um alerta de cautela quanto ao filho de surdos atuar como intérprete, uma vez que, por mais que interpretem para seus pais, geralmente ainda não têm uma formação adequada para trabalhar com questões inerentes à área da tradução/interpretação.

A relação entre o “externo” e o “interno” no processo de desconstrução de identidade, considerando que identidades formam-se a partir da dialética entre sujeito e sociedade, traz a importância de elementos histórico-culturais para sua formação. A cultura estabelece um relacionamento em que a sociedade participa da construção do indivíduo e este participa da construção da sociedade partindo de suas características próprias. Por intermédio dessa contribuição recíproca, constituem-se os elementos identitários (BERGER e LUCKMANN, 2009).

Nesse sentido, Dubar (1997), quando aborda a construção de identidades no âmbito profissional, afirma que o processo de socialização traz a compreensão da identidade numa perspectiva

sociológica, numa relação de identidade para si e identidade para o outro.

Essa relação entre o sujeito e a sociedade proveniente do viver e interagir com outros sujeitos de perfis semelhantes que partilham experiências similares pode dar sustentação da identidade de cada indivíduo a partir da história vivenciada na sociedade de um modo geral. Assim, a identidade pode se constituir em um processo de construção que está em constante transformação (HALL, 2006).

Silva ilustra esse processo de igualdade e diferença, no qual a identidade é, na verdade, caracterizada por meio de relações e a diferença se estabelece por uma **marcação simbólica** relativa a outras identidades na afirmação, com o exemplo das identidades nacionais, em que os sistemas representacionais que marcam a diferença podem incluir um uniforme, uma bandeira nacional, etc. O autor aponta que identidade e subjetividade, por mais que pareçam sinônimas, não se confundem, pois a subjetividade sugere que o indivíduo tem uma compreensão da constituição do “eu”, compreensão esta que envolve emoções conscientes e inconscientes e o resultado dos discursos e imposições sociais que só farão sentido na existência de um símbolo; já a identidade será o resultado da identificação que o sujeito assumir (SILVA, 2000, p. 14,55).

Rajagopalan (2003, p. 93) apresenta a língua usada como uma marcação simbólica quando afirma que a língua é muito mais do que um simples código de comunicação, sendo antes de qualquer coisa uma das principais marcas de identidade de um povo, representando uma bandeira de referência que se faz presente na constituição do filho ouvinte de pais surdos enquanto sujeitos.

Strobel (2009, p. 44) está de acordo com essa ideia, afirmando que a língua de sinais configura-se como uma das principais marcas de identidade do povo surdo²³. Caracterizada pela autora como um artefato cultural, é uma

²³O povo surdo se caracteriza por um grupo de sujeitos surdos que usam a mesma língua, com costumes, histórias, tradições comuns e

forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, além de ser a língua que proporciona ao surdo a aquisição e a transmissão do conhecimento universal.

Singleton (2000), referindo-se ao contexto estadunidense, afirma que os surdos se sentiam isolados do restante da família por conta da língua e da cultura compartilhada de seus pais ouvintes. Além disso, dependiam das decisões de seus pais em relação à sua educação, como por exemplo, em qual escola eram matriculados, geralmente uma escola residencial, uma escola oral, ou uma escola pública local, em que as pessoas surdas não utilizavam a ASL nem tinham contato com membros adultos surdos da comunidade surda. Assim, o mundo surdo era um cenário exclusivo, pois poucas pessoas surdas aprendem desde cedo a língua de sinais: somente aqueles indivíduos surdos nascidos de pais surdos, que correspondem a apenas 5% a 10% da comunidade surda (Singleton, 2000, p. 2).

Vale ainda ressaltar que Strobel (2009, p. 49-50) também menciona o significado do nascimento de uma criança surda em uma família de surdos, representando um grande motivo de alegria para os pais e a comunidade surda, diferentemente da maioria das famílias ouvintes, que interpretam esse acontecimento como um “problema social”, uma vez que as expectativas geradas até o nascimento não se concretizam fielmente em razão da língua usada. Porém, a autora deixa de explorar outra possibilidade que também é presente no contexto familiar da comunidade surda e que diz respeito aos pais surdos terem filhos ouvintes e ao que isso poderia representar dentro do contexto que a autora define como artefato cultural familiar.

Diante disso, como poderíamos refletir sobre a questão do significado de ter um filho ouvinte para os pais surdos? Teria o mesmo significado do nascimento de um filho surdo para pais surdos ou seria inversamente proporcional à visão de “problema”,

interesses semelhantes. Dessa forma, “povo surdo” se refere a sujeitos surdos que não habitam no mesmo local, mas têm sua origem fundamentada na experiência visual, antes mesmo do uso da língua de sinais, dentre outras ligações (Strobel, 2008, p. 30-31).

como no caso dos pais ouvintes com filhos surdos? No caso de um filho ouvinte de pais surdos, quais marcas simbólicas esse fenômeno proporciona, levando em consideração a possibilidade de o filho aprender a língua dos pais e de estes também poderem aprender a língua e conseqüentemente a “cultura” que permeia o universo ouvinte?

Oliveira (2007, p. 74) afirma que:

a identidade (entendida como a maneira por meio da qual me vejo e sou visto pelos outros) nunca é uma construção individual, ao contrário, é um conceito que precisa do outro para ser referendado, ou seja, só adquire sentido a partir da interação. Na identidade, as dimensões pessoais e coletivas estão interligadas.

O processo de construção de identidade do filho ouvinte de pais surdos pode se dar a partir da experiência de nascer, viver e crescer em meio a uma família de pais surdos e no contato com a comunidade surda. O desenho desse cenário contribui com a percepção das representações culturais, sociais, políticas e linguísticas, relacionando-as com questões de caráter filosófico, ético e estético marcadas por tensões em “zonas de fronteiras” e de contato entre os universos surdo e ouvinte (QUADROS e MASUTTI, 2007, p. 246).

Destacam-se nesse cenário as questões acerca de toda prática de significação que envolve relações de poder e define quem é incluído ou excluído. A cultura molda a identidade, dando sentido às experiências, e possibilita optar, dentre inúmeras identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade (SILVA, 2000).

Morin (1996, p. 275) corrobora com essa visão apontando que cada indivíduo, como parte de uma sociedade, também se constitui como parte de um todo da sociedade, e isso está presente desde o nascimento em sua linguagem, suas normas sociais, cultura e saberes, de modo que a construção de um “todo” identitário envolve as questões individuais.

Com base nesses argumentos, acredita-se que a cultura constitui-se como uma importante premissa para a constituição de uma identidade: o encontro com o conhecimento adquirido pela comunidade, entre o sujeito e os elementos culturais que o cercam, deparando-se com a bagagem adquirida por cada indivíduo nas suas próprias experiências, pode gerar identificações culturais.

2.2A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE DENTRO DA COMUNIDADE

Hall (2005, p. 8) escreve que o pertencimento se caracteriza como um elo entre o sujeito e a cultura ao afirmar que as identidades culturais são “aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso ‘pertencimento’ a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais”.

Diversos elementos podem construir uma determinada cultura, como costumes, expressões artísticas, hábitos e valores de um grupo ou povo. Porém, é possível que esses elementos não sejam transmitidos ou adquiridos por um indivíduo que se constitui como sujeito em um “lugar” diferente (CALLAI, 2000).

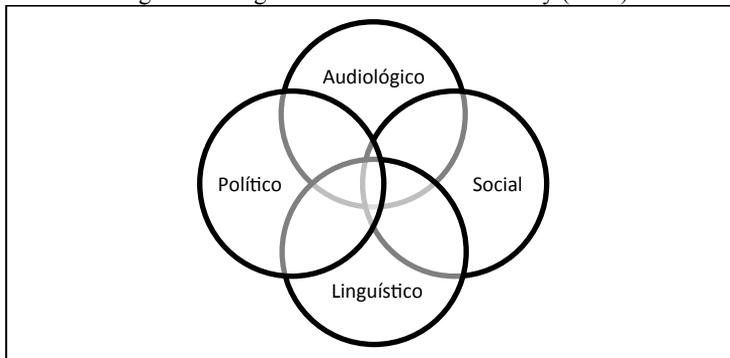
Vale ressaltar que o conceito de “lugar” se coloca como ampla discussão realizada pelas ciências humanas e ambientais, de modo que vai muito além de um espaço físico, podendo ser a vivência adquirida pelo sujeito que, no caso do filho ouvinte de pais surdos, parece estar entre o lar, o mundo externo e os locais frequentados pelos pais como primeiro plano.

Tal flexibilidade territorial, no contexto “pós-moderno”, proporciona a alguns grupos a possibilidade de percorrer uma variedade de territórios diferentes, tanto no sentido de se sobrepor em um mesmo local, como de se conectarem por diversos pontos (HAESBAERT, 2008, p. 403).

Para exemplificar o território surdo, podemos refletir sobre a constituição da língua e da cultura da comunidade surda. Baker-Shenk e Cokely utilizam o seguinte diagrama de Venn (figura

2) com a finalidade de representar graficamente a questão da composição da comunidade surda:

Figura 2 - Diagrama Baker-Shenk & Cokely (1980).



O diagrama descreve campos em que é possível definir a adesão de um sujeito à comunidade surda, trazendo quatro categorias primárias: linguística, social, política e audiológica.

De acordo com Baker-Shenk e Cokely, o grau de envolvimento de um indivíduo dentro da comunidade surda está ligado ao grau de atitude e participação em pelo menos duas categorias, sendo que uma delas envolve a linguística. Ou seja, um indivíduo surdo que opta por não utilizar nenhuma forma de comunicação em língua de sinais para se comunicar com outras pessoas surdas, geralmente não é visto como um membro da comunidade surda, enquanto que uma pessoa que é ouvinte e opte por usar a língua de sinais para se comunicar regularmente com os amigos surdos pode fazer parte da comunidade surda. Baker-Shenk e Cokely afirmam ainda, em relação à composição da comunidade surda, que no centro da interseção estão os surdos filhos de surdos que estudaram em escolas especiais para surdos e estão totalmente imersos na comunidade surda nos campos social, político, audiológico (são surdos) e linguístico (utilizam a língua de sinais).

Dessa forma, Singleton (2000, p. 2) destaca a realidade da maioria dos surdos norte-americanos, já que mais de 90% das

pessoas surdas nascem em famílias de ouvintes que não conhecem a língua de sinais e,consequentemente, não são nascem inseridosnessa comunidade. Assim, muitos indivíduos surdos passam a maior parte de sua juventudebuscando entender quem realmente são em relação ao mundo ouvinte, compreensão que geralmente ocorre já na fase adulta.

Strobel (2009, p.31) corrobora a ideia de que a composição da comunidade surda não é de fato formada apenas por surdos, mas também por ouvintes membros da família dos surdos, professores, amigos, assim como os intérpretes que participam e compartilham dos mesmos interesses em determinados locais como associações de surdos, federações, igrejas e outros.

Nesse sentido, para ser integrante da comunidade surda, conforme Baker-Shenk e Cokely, é preciso estar integrado com pelo menos dois conjuntos, e para estar no seu núcleo é preciso fazer parte dos quatro campos. O filho ouvinte de pais surdosnão é capaz de estar entre esses quatro campos; porém,pelo fato de crescer absorvendo as especificidades desses conjuntos, pode ter uma afinidade ainda mais forte com a comunidade surda.

Napier (2008, p. 235), ao relatar sua experiência enquanto filha ouvinte de pais surdos, faz uma reflexão mais fragmentada sobre a sua identidade linguística e cultural.Na tentativa de se caracterizar como possuindo várias identidades, propõe definir-se como “*multi-seitic*” e afirma que sua individualidade é influenciada por questões linguísticas e culturais, dependendo do contexto.

Nesse sentido, a teoria do sujeito pós-moderno pode trazer contribuições para um melhor entendimento da construção da identidade dosujeito ouvinte filho de pais surdos quanto à construção da identidade do Coda a partir da sua condição de integrar a comunidade surda.

2.3A IDENTIDADE CULTURAL NA PÓS-MODERNIDADE

A identidade do sujeito pode se definir como característica pessoal de cada um ou de um grupo. A identidade constrói-se

através do viver em sociedade e da história de vida, bem como se caracteriza pelo grupo com o qual se convive. Ela é marcada pelas diferenças e, a partir destas, o sujeito distingue-se de outras pessoas.

A identidade cultural é vista como uma forma de categorização de um grupo que compartilha os mesmos costumes e interesses. O ser humano tem qualidades influenciadas pelo convívio social, no qual adquire uma bagagem cultural e se torna um sujeito com características próprias. Dessa forma, esse ser passa a compor uma gama de bens culturais que se externalizam na sociedade por meio das identidades (CASAGRANDE, 2011, p. 16).

A questão da identidade é discutida na teoria social pela ideia de que existe uma crise de identidade:

[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 2006, p. 7).

Hall (2006) apresenta três diferentes concepções de sujeito e sua identidade: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o da perspectiva da pós-modernidade. No final do século XX ocorreu uma transformação nas sociedades modernas que fragmentou as identidades culturais tradicionais, como classe, sexualidade, gênero, etnia, raça e nacionalidade. Hall (2006, p. 9) afirma que:

[e]stas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento —descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos — constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo.

Para o autor, a identidade do sujeito do Iluminismo encontra-se dentro de uma concepção da pessoa humana como um indivíduo cuja base central está dentro de si a partir do nascimento e que se desenvolve com o tempo. Assim, a essência baseada na identidade do sujeito permanece a mesma desde seu nascimento, caracterizando-se como uma visão individualista desse sujeito (HALL, 2006, p. 10).

Em relação ao processo de formação do sujeito sociológico, Hall afirma que este:

refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com “outras pessoas importantes para ele”, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos — a cultura — dos mundos que ele/ela habitava. [...] De acordo com essa visão, que se tornou a concepção sociológica clássica da questão, a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais

“exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem.

A identidade nessa concepção sociológica preenche o espaço entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de projetar-se a si mesmo nessas identidades culturais ao mesmo tempo em que se internalizam seus significados e valores, tornando-se parte integrante do “eu”, contribui para alinhar sentimentos subjetivos com os lugares ocupados no mundo cultural e social. A identidade costura o sujeito à estrutura; estabiliza tanto sujeitos quanto mundos culturais por eles habitados, tornando ambos mais unificados e previsíveis reciprocamente.

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais “lá fora” e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as “necessidades” objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático (HALL, 2005, p. 12).

O processo descrito produz finalmente o sujeito pós-moderno, entendido como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade se transforma em uma celebração móvel, formada e transformada em relação às formas pelas quais se representa ou se interpela continuamente nos sistemas culturais que rodeiam o indivíduo (HALL, 1987). Nesse

sentido, o autor afirma que a identidade é definida historicamente, e não biologicamente:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora “narrativa do eu” [...]. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar — ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p. 13)

Consistindo a cultura em um registro histórico de certo povo, então esta se encontra em contínuo e ininterrupto processo de transformação. Assim, “a construção da identidade cultural acontece durante o crescimento e amadurecimento dos sujeitos, ou seja, em toda a sua vida, por meio de uma troca cotidiana com as diversas dimensões constituintes da respectiva cultura” (ARAKE, 2011, p. 24).

Essas reflexões respaldam o conceito de *Deafhood* de Ladd(2003, 2006), que o apresenta de várias formas, sem dar uma definição fechada para o termo. Uma explicação de Ladd é que *Deafhood* é um termo inglês formulado para combater outros termos que acabam denotando uma negatividade em ser surdo, como o termo *surdez*, que está ligado ao patológico e tem um tom

de deficiência, implicando que ser surdo seria uma perda e que, portanto, as pessoas surdasseriam seres deficientes que necessitariam de uma cura. O conceito de *Deafhood* busca mostrar o contrário, visa a romper com o discurso que marcou a história dos surdos com a opressão. O conceito procura enfatizar os pontos positivos da experiência de ser surdo com o olhar do próprio surdo.

Woodward (2000, p. 19-20) afirma que a identidade e a crise da identidade são conceitos utilizados para descrever características da sociedade contemporânea e/ou da modernidade tardia, em que a crise da identidade é resultado da vida contemporânea. Quanto à identidade surda, no contexto da modernidade tardia, Perlin (2006, p. 5) afirma que ela se constrói no interior da cultura surda, tendo uma codependência do outro sujeito surdo. Afirma também que as identidades surdas são multifacetadas, fragmentadas, em constante mudança, e que os sujeitos surdos se constituem por meio da experiência visual.

Castells (1999, p. 24) apresenta a identidade como “identidade de Projeto”, afirmando que, quando os atores sociais utilizam algum tipo de material cultural ao seu alcance, é possível construir uma nova identidade, possibilitando reconfigurar sua posição na sociedade.

É nesse sentido que Napier (2008, p. 235), em referência a Halliday (1994), define-se em termos linguísticos funcionais, de modo que sua identidade se transforma de acordo com o contexto da cultura, o contexto da situação. A autora afirma que sua personalidade, independentemente de ser filha ouvinte de pais surdos, muda de acordo com as pessoas com quem se relaciona. Sua individualidade é influenciada pelo modo de comunicação, tendo uma identidade que chama de “*multi-seitic*”,²⁴ composta pelas seguintes identidades (não necessariamente nesta ordem): mulher, filha, neta, irmã, prima, esposa, mãe, intérprete,

²⁴Multissistêmico.

professora, pesquisadora, gerente, amiga, surda, ouvinte, HMFD²⁵, inglesa, australiana, multilíngue, multicultural.

Definindo a identidade enquanto sujeito, a autora se apropria da teoria da psicologia humanista e hierárquica das necessidades pessoais de Maslow, de acordo com a qual cada pessoa deve satisfazer suas diferentes necessidades a fim de se desenvolver plenamente como pessoa e alcançar a sua “*self-actualization*”.

Dessa forma, percebemos que o conceito de sujeito na pós-modernidade pode se encaixar na visão de múltiplas identidades que o filho ouvinte de surdos pode carregar, pois ao longo de sua história o filho de surdos assume papéis diferentes em momentos diferentes, em um processo de deslocamento constante das identidades resultante da sua condição de sujeito em um contexto surdo.

Ao se considerar tanto o caráter individual como o coletivo, as identidades culturais são construídas nos lugares, totalmente carregadas de sentido e vida. Portanto, os espaços do vivido não servem somente como plano de fundo, mas são parte viva das relações neles estabelecidas. “A vida se dá no lugar e com o lugar. E a identidade cultural mantém ligados os indivíduos intimamente ao lugar. Sendo um elemento vivo, além das identidades das pessoas que ali convivem, o lugar também possui uma identidade própria” (ARAKE, 2011, p. 26).

No sentido da externalização das identidades no contexto do “lugar”, acredita-se que a identidade que é construída entre cidadãos de um mesmo local surge a partir das diferenças e marcas pessoais que cada indivíduo carrega e expressa, de modo que o lugar em si é desconsiderado. As características pessoais estão dentro do sujeito e afloram com as descobertas do diferente no outro através das relações interpessoais (CALLAI, 2000).

²⁵ Napier (2008, p. 231) adota o termo HMFD correspondente a “ouvinte com mãe e pai surdos” e, por discordar do termo CODA (*children of deaf adults*), não o emprega.

Nesse contexto de construção da identidade e de diferenças com um olhar surdo, é possível trazer as considerações de Perlin (1998):

Chegando ao final percebo o encontro com a identidade surda e sua importância para a caminhada da comunidade surda. A amnésia histórica continua existindo e forçando os surdos a não buscarem acordo com seus semelhantes e estes, por sua vez, continuam a ignorar e a forçar barreiras impedindo a diferença cultural existente. Os surdos e os ouvintes que simpatizam com a identidade surda, precisam tornar-se lutadores contra a certeza. É preciso começar desde logo a pensar a identidade do surdo: como ele pode encontrar-se com a sua comunidade e cultura? Como ele vai viver uma política de identidade na diferença?(Perlin,1998, [s. p.]

Perlin (2003, p. 141) também afirma que, em se tratando de espaço e tempo na perspectiva pós-moderna, a palavra tem um aspecto indiscutível que vai além dos significados imediatos e simplistas, mas com o sentido do outro. Nos espaços pós-modernos, o sentido de se referenciar ao outro torna-se inviável se é feito a partir de espaços modernos onde se busca reproduzir experiências de outros,destacando-seque no pós-modernismo o outro é muito mais subjetivo, não suportando padronizações e limitações.

Hall (2006, p. 87) identifica a globalização como “efeito pluralizante das identidades, que resulta em uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação”, rejeitando uma identidade fixa.Dessemodo,a identidade do filho ouvinte de pais surdos não é generalizada, mas sim diversa.

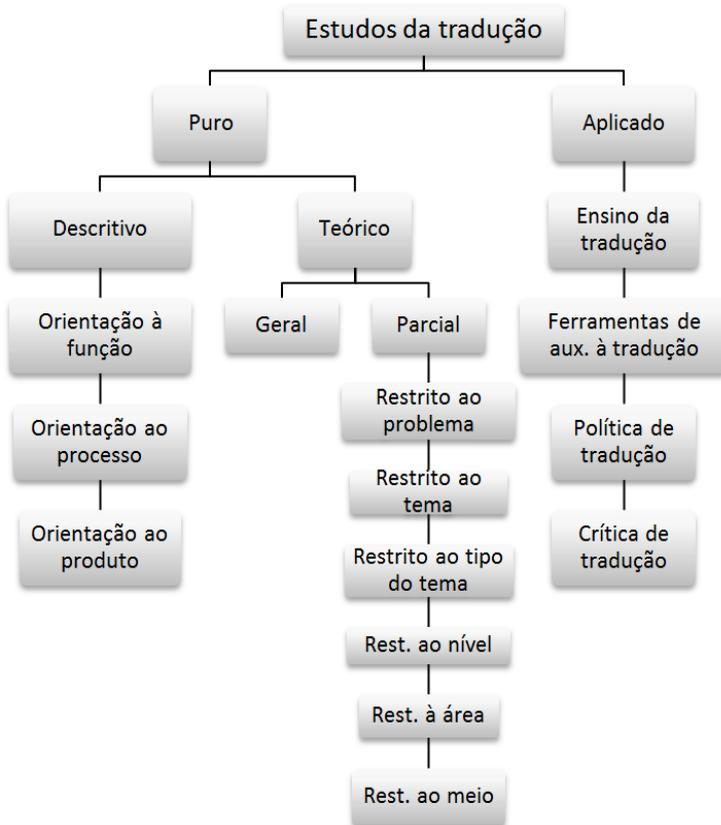
3. REFLETINDO SOBRE AS POSSIBILIDADES IDENTITÁRIAS DE INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS.

3.1 A QUESTÃO DA TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO

Geralmente, quando ocorre o encontro entre duas comunidades, existe uma necessidade de que uma comunidade aprenda a língua da outra para que ocorra uma interação nos diversos setores públicos/sociais conforme interesses provenientes de ambas. Nesse sentido, o indivíduo bilíngue torna-se fundamental para que ocorra esse contato a partir de sua mediação, que representa um elemento facilitador para as comunidades envolvidas.

Cumpramos mencionar a contribuição de James S. Holmes (1988), que propôs um mapeamento da área da tradução a partir de ramificações, com o objetivo de chamar a atenção para o campo que poderia ser explorado, trazendo uma nova perspectiva para os pesquisadores da área. Assim, elaborou um modelo que compreendesse diversas possibilidades a serem agrupadas, como se pode observar a seguir:

Figura 3 - Modelo de Holmes para os estudos da tradução.



Fonte: Zipser e Polchlopek (2009, p. 31).

Embora Holmes tenha contribuído significativamente para o fortalecimento da área dos estudos da tradução, ainda deixou algumas possibilidades em aberto como, por exemplo, a questão da atuação do tradutor enquanto profissional, dentre outras que foram apresentadas por Williams e Chesterman (2002), conforme mostrado na figura 5.

Sendo assim, tem-se a possibilidade de ver a área da tradução por diferentes perspectivas como, por exemplo,

formação de tradutores, análise de texto e tradução, estudos da interpretação, avaliação de qualidade da tradução, tradução de gênero, tradução ligada à tecnologia, história e tradução, tradução e tecnologia, fatores culturais e ideológicos e profissão de tradutor ou intérprete, dentre outras, como demonstrado a seguir:

Figura 4– Áreas de pesquisa em tradução segundo Williams e Chesterman (2002).



Fonte: Santos (2013).

Desse modo, observa-se que, no panorama apresentado, outras áreas de estudo ligadas às pesquisas sobre a tradução puderam aparecer. Acredita-se que a filiação da presente pesquisa esteja vinculada principalmente à questão do profissional tradutor

em relação à sua atuação e ao seu perfil, apesar de também ter características de outras áreas.

Conforme a história se apresenta, o serviço de tradutores foi inicialmente utilizado no contexto comercial, na mediação oral e escrita entre povos de diferentes línguas. A tradução não é uma atividade recente: em outros tempos havia quem desempenhasse tal papel; foram mudando apenas algumas formas e técnicas de tradução. Friedrich Schleiermacher (1992) afirma que, historicamente, a origem dos estudos sobre a tradução está no Império Romano, onde o tradutor deveria mergulhar em uma língua (estrangeira) e transformá-la em outra língua, que é denominada língua-alvo, para a outra parte que precisa entender o que foi emitido, porém ignorando certas particularidades lexicais e estéticas dos textos originais.

Segundo Roman Jakobson (1975, p. 64-65), a tradução pode ser categorizada em três ramificações, sendo elas:

A tradução intralingual, ou reformulação, consiste na interpretação dos signos verbais por meio de outros signos da mesma língua.

A tradução interlingual, ou tradução propriamente dita, consiste na interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua.

A tradução intersemiótica, ou transmutação, consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais. (Jakobson, 1975, p. 64-65)

A tradução intralingual ocorre quando se fazem paráfrases utilizando uma só língua, podendo ser a transcrição da língua oral para a língua escrita, bem como uma tradução de LIBRAS informal para a linguagem formal da LIBRAS acadêmica. A tradução interlingual é realizada entre línguas diferentes. Pode ocorrer quando uma língua-fonte como o português é traduzida para a língua-alvo LIBRAS, embora

tenham modalidades diferentes, caracterizando-se neste caso como uma tradução intermodal. Já a tradução intersemiótica ocorre por transmutação de signos entre sistemas linguísticos verbais e não verbais, como de um texto (LF) para imagens, pinturas, vídeos, entre outros (LA). A tradução que envolve a LIBRAS, assim como as línguas orais, pode passar por qualquer um desses processos.

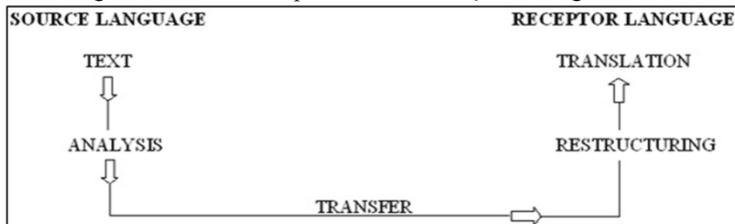
Zipser (2009, p. 18) afirma que o ato de traduzir consiste em passar de um lugar para outro, em direção a uma nova cultura e de novos leitores, uma tarefa intercultural que a prática da tradução se caracteriza pela junção do ponto de partida, da trajetória e do ponto de chegada da mensagem. Esta é uma prática que tem o tradutor como elemento atuante e encarregado da mediação intercultural, além de ser uma tarefa que envolve a ligação entre duas culturas que passam a estar em contato por intermédio do tradutor.

No campo da análise de texto e tradução, quando o tradutor desempenha essa tarefa de mediador entre o estrangeiro e o leitor, Ricoeur (2011) nos aponta a ideia de Franz Rosenzweig, que ilustra a função que o tradutor desempenha como a busca de satisfazer as necessidades de dois mestres: servindo ao estrangeiro ao traduzir a informação, ao mesmo tempo em que precisa servir ao leitor com a intenção de se apropriar daquela obra.

No campo da tradução literária podemos contextualizar o papel do tradutor em uma situação de “ser e estar entre” mestres, interesses, línguas e culturas. Ricoeur (2011, p. 22) define a situação em duas frases: “levar o leitor ao autor” e “levar o autor ao leitor”, e afirma que o tradutor/intérprete deve percorrer uma via de mão dupla, na qual cabe a ele a responsabilidade de transitar entre as línguas, com todas as propriedades que este “estar entre” dois universos culturais envolve.

Para exemplificar, abaixo se encontra o modelo de processo de tradução de Eugene Nida que expõe sua definição de tradução, partindo da língua-fonte e envolvendo TEXTO>ANÁLISE>TRANSFERÊNCIA>RECONSTRUÇÃO>TRADUÇÃO até chegar à língua receptora, ou língua-alvo.

Figura 5 - Modelo de processo de tradução de Eugene Nida



Fonte: www.translationdirectory.com/images_articles/translation_theory/process_of_translation.jpg. Acesso em 10/02/2014.

Nida (1964 apud Zipser, 2009, p. 52) desenvolveu uma teoria quando realizou a tradução da bíblia para diversas línguas, tentando empregar uma cientificidade maior à área da tradução pela aplicação de alguns conceitos e terminologias provenientes da linguística, principalmente de Chomsky. Nida tinha como objetivo a contestação da ideia de que as palavras tinham significado fixo, afirmando então que o contexto exerce influência quanto ao significado e cria, portanto, variações de acordo com a cultura envolvida. O processo de tradução apresentado na figura 5 demonstra o método de decodificação e recodificação das línguas para que possam ser empregadas no público receptor, respeitando o contexto cultural de chegada.

Frente a essa breve contextualização, é propício trazer a questão das diferenças históricas que envolvem os processos de tradução e interpretação. Rosa (2006), em referência a Theodor (1980), afirma que a interpretação é considerada a atividade mais antiga da história pelo seguinte motivo:

Historicamente a interpretação é mais antiga que a tradução, que depende da palavra escrita, mas ela se subtrai à quantificação documentada, uma vez que reside exclusivamente no âmbito da palavra falada. Apenas desde a invenção dos meios de gravação tornou-se possível documentar a ação dos

intérpretes.(THEODORapudROSA, 2006, p. 77)

Rosa (2006, p. 77) e Santos (2006, p. 44), ao discorrerem sobre a história dos intérpretes de línguas orais para posteriormente contextualizarem o intérprete de língua de sinais, afirmam que na antiguidade os intérpretes eram pouco citados em suas obras e isso também se deu por conta das posições sociais que ocupavam, caracterizando-se por elementos como sexo, cor, etnia e escolarização, elementos estes de grande influência na decisão de não mencioná-los naquele momento histórico.

3.2 INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS

Com relação aos tradutores/intérpretes de língua de sinais, o momento se faz oportuno para apresentar a diferenciação entre a interpretação de línguas orais e a interpretação de línguas de sinais. Metzger (2010, p. 15) expõe uma comparação básica apresentando a diferença essencial entre esses ofícios:

[...]quando a maioria dos intérpretes de línguas faladas trabalha primariamente entre duas línguas orais, a maioria dos intérpretes de LS trabalha entre uma língua falada e outra sinalizada. Essa diferença de modalidade tem implicações no fazer interpretativo.

Napier et al. (2006, p. 3) buscam trazer uma identificação do que são os intérpretes de língua de sinais, destacando três dos caminhos mais comuns que conduzem à escolha da profissão: ser membro de família surda/Coda, ter interesse na língua de sinais e ter de alguma forma tido contato com pessoas surdas.

Metzger (2010) demonstra que historicamente os intérpretes de línguas orais eram vistos com mais prestígio em relação aos de língua sinalizada por vários fatores como, por exemplo, os locais em que os primeiros atuavam serem de mais

formalidade, enquanto os intérpretes de LS estavam ligados mais ao contexto comunitário, em um caráter assistencialista. Contudo, a autora observa que ao longo das últimas décadas essa diferença vem caminhando no sentido de se tornar nula, pois hoje tanto o tradutor de línguas orais vem atuando no meio comunitário quanto os intérpretes de LS estão inseridos nos mais diversos espaços com contextos que exigem um alto nível de habilidade, constituindo um novo cenário para a área.

Quadros (2004, p. 27) afirma que tal tarefa exige bastante preparo e habilidade de cognição e raciocínio lógico do tradutor/intérprete. Envolve um ato COGNITIVO-LINGUÍSTICO, ou seja, é um processo em que o intérprete está diante de pessoas que apresentam intenções comunicativas específicas e que utilizam línguas diferentes, “processa a informação dada na língua-fonte e faz escolhas lexicais, estruturais, semânticas e pragmáticas na língua-alvo que devem se aproximar o mais apropriadamente da informação dada na língua-fonte”. Portanto, o ato de interpretar envolve processos altamente complexos. Logo, não é qualquer pessoa que, por ter feito um curso ou saiba a língua, poderá fazer um trabalho com qualidade nas diversas áreas de atuação.

Marques (2007) apresenta o intérprete de língua de sinais como uma pessoa integrante das comunidades surdas, esclarecendo que suas habilidades vão além de uma simples interpretação, visto que se faz importante uma preparação específica para dominar tanto as línguas envolvidas como os aspectos culturais que fazem parte da língua. “É muito comum pensar que pessoas que sabem sinalizar são intérpretes, isso é um grande equívoco. A interpretação é uma habilidade construída sistematicamente e não se resume a uma simples tradução daquilo que se oraliza” (Marques, 2007, p. 144).

No entanto, ao longo da história os filhos ouvintes de pais surdos, juntamente com ouvintes que tinham uma intensa participação na comunidade, geralmente eram escolhidos para interpretar. Isso acontecia em diferentes situações como, por exemplo, um pedido de uma pessoa surda a um ouvinte para uma consulta médica. Aquelas que não

eram “escolhidas” eram consideradas ainda despreparadas para realizar interpretação. Não havia, portanto, um critério estabelecido para a atuação dos intérpretes, que geralmente eram obreiros de igrejas, familiares ou amigos de surdos da comunidade surda (SCOTT-GIBSON, 1991). Assim, dentro da comunidade surda, o contato direto com a família e os amigos criariam redes informais de monitoramento e apoio (STONE, 2008, p. 1-2).

Existem surdos em vários países que usam língua de sinais e, para que possa haver uma boa socialização com os ouvintes, faz-se necessária a presença de uma figura neutra e discreta, porém de fundamental importância, que faça a mediação entre uma língua e outra e que, por vezes, passa despercebida em meio a todo um processo de relação social. Magalhães (2007, p. 67) afirma que “a responsabilidade envolvida em um serviço de tradução é muito grande. O intérprete é um pequeno, mas importante elo na cadeia da comunicação”.

Conforme a língua de sinais do país passou a ser reconhecida enquanto língua de fato, os surdos passaram a ter garantias de acesso a ela enquanto direito linguístico. “Assim, conseqüentemente, as instituições viram-se obrigadas a garantir acessibilidade por meio do profissional intérprete de língua de sinais” (QUADROS, 2004, p. 13).

A atuação do tradutor/intérprete de língua de sinais já era presente na comunidade surda há algum tempo, porém de forma empírica, voluntária, assistencialista e muitas vezes de caráter religioso. Esse fato pode ter sido o motivo de muitos descêditos e de um atraso, sendo, portanto, fator prejudicial na busca do reconhecimento legal da profissão de tradutor/intérprete de LIBRAS (QUADROS, 2003; SANTOS, 2006; ROSA, 2006; PEREIRA, 2008; LACERDA, 2009; RUSSO, 2010).

Santos (2013, p. 241), em um levantamento das principais pesquisas sobre tradução e interpretação de LIBRAS no Brasil no período de 1990 a 2010²⁶, afirma que no período de 2001 a 2005

²⁶A pesquisa realizada por Santos (2013) tem muita relevância para a área, pois trouxe um panorama histórico e principalmente uma

se iniciam as pesquisas que começaram a abordar o papel do intérprete na atuação religiosa e educacional, embora antes disso já existissem pesquisas com o foco na comparação entre a interpretação da LIBRAS e da língua portuguesa.

Lacerda (2009, p. 28) afirma que existem inúmeras religiões que oferecem formações, cultos, missas e ritos em LIBRAS ou com interpretação; existem também materiais religiosos produzidos em LIBRAS como vídeos, livros, dicionários, etc. para a divulgação de suas doutrinas. Isso torna a existência de comunidades surdas vinculadas a instituições religiosas um fato recorrente, e o intérprete de LIBRAS está presente nesse processo.

Um exemplo a ser citado seria o da cidade de Manaus, onde, em meados da década de 80, duas igrejas (uma católica e outra protestante) começaram um trabalho semelhante com surdos, tanto ensinando LIBRAS como traduzindo e interpretando os encontros da igreja e confeccionando materiais que envolvessem a LIBRAS.

Quadros (2003, p. 14) afirma que no Brasil o trabalho do intérprete de LIBRAS de cunho religioso teve seu início em meados de 1980, e em 1988 um primeiro encontro de intérpretes propiciou uma interação entre eles, permitindo criar mecanismos de implementação de um código de ética.

Muitas conquistas ocorreram até que, no ano de 2010, foi promulgada a lei 12.319, que contempla especificamente a regulamentação do exercício da profissão do tradutor intérprete de língua de sinais, acontecimento que representa uma grande conquista para a categoria e, conseqüentemente, para a comunidade surda brasileira.

Sobral (2008) confirma a fundamental importância do reconhecimento legal da profissão de tradutor/intérprete de LIBRAS ao dizer que:

visibilidade para o caminho já percorrido nas pesquisas dentro do contexto acadêmico, configurando assim uma possível materialização e concentração das principais pesquisas da área.

É preciso auxiliar os profissionais praticantes a adotar o profissionalismo. Quanto mais profissionais se tornarem os intérpretes de LIBRAS, maior será o benefício dos surdos que são os clientes, pois quando os surdos precisarem de serviços de fato e com qualidade eles encontrarão. (SOBRAL, 2008, p. 128-129)

Os intérpretes de língua de sinais têm, assim, um código de ética que é um instrumento para orientá-lo quanto a sua postura e atuação. A necessidade de tal regulamento surge a partir da especificidade do seu trabalho, pois o profissional faz a intermediação entre duas ou mais pessoas com intencionalidades e modos discursivos particulares.

A FENEIS²⁷ foi precursora ao atuar nas causas de interesse dos intérpretes de LS, desenvolvendo inúmeras formações na área. As exigências para a atuação vão além de dominar a língua de sinais. O perfil profissional de um intérprete de LIBRAS envolve atitudes amadurecidas e coerentes com as situações em que for atuar.

A profissão dos tradutores/intérpretes de língua de sinais teve sua regulamentação legal por meio da lei nº 12.319 de 1º de setembro de 2010, que tinha inicialmente dez artigos, dos quais três foram posteriormente vetados. Um desses artigos vetados trata justamente da formação desse profissional, estabelecendo não mais o nível superior em letras libras e ampliando a habilitação para a atuação na área, o que desencadearia futuras discussões quanto à real categorização da formação, contratação e atuação do TILS.

²⁷Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos, fundada com esta nomenclatura em 16 de maio de 1987. A FENEIS tem por objetivo a defesa e a luta pela comunidade surda brasileira e é filiada à Federação Mundial dos Surdos, a WFD (consultado no endereço www.feneis.com.br/page/index.asp em 20/08/2013).

3.3 INTÉRPRETES CODAS

Segundo Andrade (2011), “o tipo de nomeação através de uma terminologia que indique a que categoria pertence mostra o recorte que os indivíduos fazem no mundo dos significados e representações em função de situar-se no espaço social”. Isso nos leva a refletir quando se faz uma referência ao “intérprete Coda”, dependendo da origem: partindo da comunidade surda, da comunidade ouvinte, de intérpretes que não são filhos de pais surdos e do próprio intérprete Coda.

Já para Silva (2000), o *social* e o *simbólico* referem-se a dois processos diferentes, mas cada um deles é necessário para a construção e a manutenção das identidades. A marcação simbólica é o meio pelo qual damos sentido a práticas e a relações sociais, definindo, por exemplo, quem é excluído e quem é incluído. É por meio da diferenciação social que essas classificações da diferença são “vivas” nas relações sociais (SILVA, 2000, p. 13-15).

Vale ressaltar que no Brasil, historicamente, a legitimação de um intérprete geralmente se dava considerando o fato de a pessoa ter o domínio da língua de sinais como suficiente para desempenhar tal atividade. Sendo assim, havia uma grande probabilidade de os filhos de surdos se tornarem intérpretes, ao menos para seus próprios pais, por consequência de sua condição de terem a LIBRAS como língua “A”. Assim, para as famílias surdas, os Codas são considerados como possíveis “pontes” entre os mundos surdo e ouvinte (QUADROS e MASUTTI, 2007, p. 261).

Votano et al. (2004, p. 4, tradução nossa)²⁸, entre algumas questões que foram constatadas em relação ao Coda, apontam que, muitas vezes, as crianças atuam como intérpretes em um contexto em que a idade pode ser questionada, por colocá-las em

²⁸*The issue of children acting as interpreters where the topic and age appropriateness may be questionable thus placing them in confusing or vulnerable situations and creating further pressure which they are too young to brush off.* (VOTANO et al., 2004, p. 4)

conflitos ou situações de vulnerabilidade por estarem com uma atividade cognitiva muito alta, além de proporcionar uma pressão psicológica ainda maior por estarem em situações que geralmente não condizem com sua idade.

Hadjikakou et al. (2007, p. 487)²⁹ ressaltam o fato de 60% dos filhos de surdos acabarem seguindo uma carreira profissional com alguma ligação aos surdos em diversas áreas e trabalharem com crianças e adultos surdos (por exemplo, intérprete ou professor de crianças surdas). Nesse contexto, ser Coda configura-se como um motivador determinante para ingressar na área da interpretação/tradução.

Quadros (2004, p. 30) atenta para alguns mitos sobre o profissional intérprete de língua de sinais, afirmando que o fato de o filho de surdos dominar fluentemente a língua de sinais por tê-la adquirido naturalmente não garante o status de profissional. Pois, para ser considerado um intérprete de fato, é preciso passar por uma formação teórica e prática com o objetivo de desenvolver competências técnicas de interpretação, além de estar preparado para proceder diante das situações mais delicadas na atuação profissional.

Santos (2006) apresenta o intérprete de língua de sinais como um sujeito que, conforme vivencia experiências dentro da comunidade surda, encontra uma série de dificuldades, tendo que se esforçar para romper com traços culturais não surdos. A autora aponta que esse intérprete precisará se dedicar para ter a percepção clara das especificidades culturais de sua língua oral auditiva em relação às línguas de sinais. Portanto, o intérprete buscará absorver todas as particularidades de cada língua e cultura.

²⁹*It is worth stressing that the formation of the CODA organization (Filer & Filer, 2000) and the fact that 60% of the hearing children of Deaf adults work in some manner with the Deaf/deaf adults/children (e.g., interpreter, teacher of deaf children; Preston, 1994) indicate that many hearing children of Deaf adults feel a lifelong connection with the Deaf community. (HADJIKAKOU et al., 2007, p. 487).*

Esse caminho que o intérprete percorre entre o mundo ouvinte eo mundo surdo acontece com esforço, e muitos intérpretes têm dificuldades nessa imersão quando têm suas primeiras experiências na área. No entanto, o intérprete filho de pais surdos não compartilha dessa mesma lógica.

O Coda, como citado anteriormente, apresenta motivações que são peculiares de sua condição. Sendo assim, as questões relacionadas à identidade desse sujeito são marcadas por outro ângulo, uma visão de dentro para fora da cultura surda, com um trajeto diferente do intérprete apresentado por Santos (2006).

Para Shield (2005, p. 194)³⁰ os Codas ocupam um território marcado por ser uma zona de fronteira cultural, tendo muitos conflitos a serem enfrentados. Ao mesmo tempo em que compartilham e representam a comunidade surda, por terem a cultura enraizada, também são ouvintes e carregam esse estigma. Ao mesmo tempo em que são deixados de lado também têm uma identificação extremamente profunda com a cultura surda, o que lhes dá uma legitimidade no meio.

Rosa, em referência a Plazas (2008, p. 112), afirma que o surgimento da interpretação das pessoas surdas também ocorre por jovens e crianças ouvintes filhos de pais surdos, que normalmente dominam as duas línguas e por isso são expostos, tendo que atuar como intérpretes de modo precoce, sem a formação específica ou o preparo mínimo para tal finalidade, que exige maturidade para enfrentar situações de grande magnitude e responsabilidade na interpretação.

Quadros e Masutti (2007) afirmam que o Coda, desde a sua tenra idade, passa por situações com alto nível de complexidade e, ao se deparar com contextos em que precisa

³⁰*Codas occupy a conflicted position in the Deaf community: they are both insiders and outsiders, hearing and Deaf, and neither. While they are marginalized in the Deaf community by institutionalized practices, personal interactions, and ideologies which call their authority as members into question, they are also legitimated as participants through their linguistic and cultural knowledge as well as by authenticating their blood relations to the Deaf community.* (SHIELD, 2005, p. 194)

intermediar a comunicação entre dois grupos com características linguísticas/culturais diferentes, encara o desafio de buscar a equivalência de sentidos na comunicação e percebe que existem expressões que são marcas específicas de certa língua/cultura não têm uma expressão correspondente na outra língua; assim, o filho ouvinte de pais surdos entra no campo da intraduzibilidade entre os idiomas.

Um fato relevante a se considerar é a situação de desvantagem em que os pais podem se sentir quanto ao fluxo geral de informações quando recebem a interpretação de seu filho, devido a ser esta uma situação atípica. Também pode acontecer que a comunicação entre os pais e o Coda seja limitada. Por exemplo, pode-se tratar de uma mistura de sinais e do discurso fragmentado, o que cria incerteza e pode gerar situações em que os pais questionem a viabilidade de se comunicar com os filhos em língua de sinais. O resultado poderia ser uma espécie de relação restrita ou assimétrica (VOTANO et al., 2004, p. 4).

O notório é que desde cedo os filhos ouvintes de surdos que são membros da comunidade surda³¹ podem ter a influência de pelo menos duas línguas, com duas culturas, sendo isso uma das principais características encontrada nos filhos de surdos. Essa situação coloca-os em uma posição diferente das pessoas que aprendem a LIBRAS e posteriormente passam a atuar como intérpretes de língua de sinais.

Por vezes, o fato de ser filho de surdos e dominar a língua de sinais pode proporcionar um “credenciamento” a atuar com surdos, considerando a escassez de profissionais qualificados na área. Isso implica uma grande responsabilidade para o filho de surdos e nos remete ao conceito de *language broker* apresentado anteriormente.

Em contrapartida, Brito (1996), ao tratar da formação do tradutor/intérprete, afirma que para se tornar intérprete

³¹ Ter pais surdos que são envolvidos com a comunidade surda implica ter um perfil de pais que geralmente utiliza a língua de sinais, pois os filhos de surdos não têm um perfil delimitado, assim como existem características divergentes entre identidades surdas.

profissional se faz necessária uma série de conhecimentos, tais como domínio da leitura e da escrita para as línguas para as quais e das quais se traduz. Porém, este segundo requisito não é tão vital quanto o primeiro, pois ocorreram casos em que uma pessoa traduziu muito bem de uma língua que não conhecia, consultando falantes nativos, dicionários, dentre outros recursos, enquanto para uma pessoa que não domina a língua portuguesa torna-se inviável fazer uma interpretação para o português.

Já Lacerda (2009, p. 16) afirma existirem três passos fundamentais para o exercício da interpretação e da tradução: ouvir o enunciado que traz o significado para compreendê-lo; romper com a literalidade das palavras, buscando a representação do sentido mental; e, por fim, produzir um novo enunciado na língua-alvo que corresponda ao sentido original. Isto é, o tradutor/intérprete se atem ao sentido da fonte e o reproduz no sistema linguístico receptor, sendo que para tal tarefa se faz necessário o domínio das duas línguas envolvidas.

3.4 UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE INTÉRPRETES DE LÍNGUA DE SINAIS NA CONCEPÇÃO CULTURAL

Voltemos então a abordar o intérprete de língua de sinais enquanto agente que transita entre culturas. Como visto anteriormente, ao retratar o processo de mudança dentro da concepção pós-modernista, Hall (2005, p. 12) traz a figura do sujeito fragmentado, sem uma identidade fixa, permanente, cristalizada, mas sim várias identidades, algumas ainda podendo ser inacabadas ou conflituosas.

Hall (2005, p. 13) prossegue afirmando que essa identidade é variável e está em constante mutação. O sujeito se perpetua assumindo identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente.

Somos conduzidos então a perceber o delicado papel do intérprete de língua de sinais, que se constitui a partir de uma identidade “ouvinte” e que, para desenvolver sua habilidade em interpretação de língua de sinais, precisa penetrar na cultura “surda”. Este encontra um território até então desconhecido e

naquele momento necessita buscar um equilíbrio em reconhecer uma nova identidade, de forma a estabelecer um ponto de interseção entre as culturas surda e ouvinte.

Os intérpretes têm uma relação simbólica com a comunidade surda, em que cada um depende do outro para certos benefícios. Os surdos precisam de intérpretes para se comunicar com pessoas ouvintes que não sinalizam em uma ampla gama de situações públicas e particulares. Já os intérpretes precisam da comunidade surda, em primeiro lugar, para adquirir o conhecimento linguístico e cultural que sustenta as suas competências profissionais e, finalmente, para conseguir oportunidades para ganhar a vida e manter o status profissional na sociedade (NAPIER et al., 2006, p. 9).

Santos (2006) traz uma contribuição com observações realizadas acerca da profissão do intérprete de LIBRAS, levantando questões sobre as identidades de intérpretes de língua de sinais. Em sua pesquisa, afirma:

As identidades são produzidas dentro das culturas, motivo este que justifica o porquê das mesmas serem culturais. No caso dos ILS, a transição entre duas culturas (espaços surdos e espaços ouvintes) multifacetadas, os fazem flutuar entre esses meios, tornando-o uma produção cultural e fervilhando novas significações a partir destas relações desencadeadas. (SANTOS, 2006, p. 26)

Temos então a figura do intérprete de LS como um sujeito exposto a estar entre culturas, situação que cria uma série de paradoxos e ressignificações de ideias culturais. O intérprete de LS passa a estar em um estado de fronteira entre essas culturas e, a partir de então, desdobra-se em novas características que o sujeito terá para si.

No desempenho de seu papel de mediador cultural, o intérprete, em vez de **transmitir** apenas o discurso que é proferido, pode fazer uma *cópia exótica*, ou seja, uma prática

diferente do habitual com o objetivo de conseguir chegar à língua-alvo, sendo fiel à língua-fonte, mas não atentando para as questões culturais da língua-alvo. O público-alvo pode não conhecer as convenções culturais da língua-fonte, portanto não receberá a mensagem, pois interpretará as informações de acordo com suas próprias convenções culturais. Portanto, o tradutor como mediador cultural não deve apenas estabelecer interação satisfatória sobre o que é comunicado, mas também, e acima de tudo, deve criar um entendimento entre os seus clientes no nível de interação (WITTE, 2005, p. 4, tradução nossa).

Entende-se então que a atuação do intérprete não pode ser restrita ao âmbito linguístico, pois outros fatores, como o cultural e o social, que são vivenciados dentro de um contexto tornam-se indispensáveis na prática profissional. O intérprete passa por constantes paradoxos, uma vez que precisa mergulhar em outra esfera cultural, seja para a interpretação para a língua de partida ou de chegada, de tal forma que a mensagem tenha uma extensão que não se limite apenas ao campo linguístico, mas cumpra a função sociocultural de uma comunicação.

Nesse contexto, o intérprete de língua de sinais se depara com uma situação de alteridade em que precisa lidar com esse novo ambiente onde passará a ter novas relações. Esse ambiente é um lugar de resignificação com tensões e conflitos típicos de estar em um lugar que Masutti (2007, p. 14-15), fundamentada em Pratt (1999), apresenta como zona de contato:

Uma proposição de zona de contato segue uma ótica que tira a comunidade do centro, bem como a questão de identidade, e passa a examinar a maneira como os laços sociais vão se fazendo em meio a diferenças, a hierarquias e a pressupostos conflituosos ou não compartilhados. A segregação, sob esse prisma, não consistiria apenas em um isolamento ou separação grupal, mas em uma forma de agrupamento que assumiria uma co-presença social e estruturada dentro de um

espaço: uma zona de contato. Dentro dessa perspectiva, as fronteiras são trazidas para o centro da discussão e os centros homogêneos deslocados para as margens, com o objetivo de capturar o caráter relacional das construções de sentidos em suas dimensões históricas, sociais e estéticas.

Essa zona de contato o intérprete de LS encontrará ao vivenciar o seu trabalho, no qual as propriedades culturais dos surdos estarão em evidência. Propriedades caracterizadas a partir de experiências visuais e que se mostrarão como um desafio no sentido de que não estará totalmente fora da cultura surda, mas agora entre culturas e caracterizando uma identidade híbrida desse sujeito.

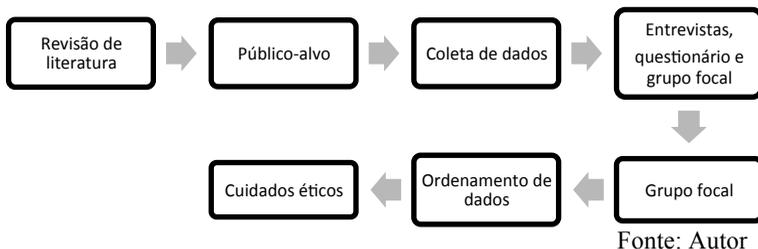
Santos (2006) reforça essa ideia ao afirmar que as consequências o remetem a questões muito mais complexas do que a questão linguística. O intérprete deve estar atento a todas as questões que envolvem a cultura surda em relação à cultura ouvinte, ao estar entre culturas: “[...] outras questões entram em cena, tais como o hibridismo cultural, uma vez que esses profissionais se deslocam entre fronteiras culturais (de surdos e ouvintes) e se constituem politicamente nesses espaços sociais e culturais [...]”. Por exemplo, as relações de vinculações culturais e de pertencimento ao grupo de surdos podem ser evidências de situações vivenciadas quando se está entre a língua de sinais e a língua portuguesa (SANTOS, 2006, p. 30).

Por esse viés, o intérprete de língua de sinais se constitui a partir de uma experiência vivida dentro dessa linha fronteira entre o surdo e o ouvinte, desenvolvendo então uma identidade híbrida, de modo que tal condição estará em uma constante reconstrução de significação cultural. Este é o ponto-chave para refletirmos sobre como se dá o processo de constituição do intérprete a partir da comunidade surda, entendendo que existe um percurso peculiar desse sujeito.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para alcançar os objetivos propostos, definiu-se como delineamento metodológico mais apropriado à pesquisa a abordagem qualitativa, descritiva, utilizando como instrumento entrevistas semiestruturadas abertas com a aplicação de grupo focal para a coleta de dados a partir de um estudo de caso. A metodologia configurou-se basicamente pelas seguintes etapas:

Figura 6 - Procedimentos metodológicos



A pesquisa qualitativa exige muito rigor do pesquisador, porque a história pessoal de quem observa estará diretamente relacionada com o tema. Ser a abordagem qualitativa de estudo de caso significa que a realidade só existe a partir do ponto de vista da pessoa, em que o real é a interpretação do fenômeno e não o fenômeno em si (MALHEIROS, 2011, p. 188).

A escolha da abordagem qualitativa para esta pesquisa parte do princípio apresentado por Chizzoti (2000) de que o conhecimento não se restringe a uma série de dados isolados a serem analisados por uma teoria explicativa. O sujeito (pesquisador e pesquisado) é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo significado próprio. Assim, o objeto de uma pesquisa não é um dado inerte e neutro, pois tem significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações.

Hadjikakou e Nikolarazi (2007) utilizaram um método de pesquisa com filhos de surdos no país de Chipre em que categorizaram um grupo de questões que se acreditam poder adaptar

a esta pesquisa, pois traz questões que são inerentes ao tema. Dessa forma, a pesquisa semiestruturada foi utilizada com a finalidade de investigar a partir de uma formulação como um guia de entrevista, desenvolvido com base em pesquisas que envolveram filhos ouvintes de pais surdos (PRESTON, 1994; HADJIKAKOU et al., 2007; ANDRADE, 2011).

Nesse sentido, entende-se que os participantes da pesquisa não se configuram apenas como um número em uma tabela e sim como pessoas que são corresponsáveis pelo processo de criação e recriação de conceitos, opiniões e conhecimentos. Dessa forma, a abordagem qualitativa responde às necessidades da pesquisa. Vale também destacar que minha experiência profissional de tradutor e intérprete, juntamente com a condição de ser filho de surdos, favoreceu a tarefa de coletar os dados, bem como de analisá-los.

A pesquisa foi realizada em um encontro no qual filhos ouvintes de pais surdos de diversas regiões estavam presentes³², a partir de um convite via uma lista de e-mails existente em um grupo de discussão em rede social. Cabe ressaltar que o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) foi assinado no mesmo dia, antes do início da entrevista.

4.1 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Segundo Malheiros (2011, p. 197) para se realizar uma entrevista em grupo é necessário que os participantes tenham características em comum definidas pelo pesquisador. Os critérios para a escolha dos participantes da pesquisa foram delimitados no sentido de que os sujeitos fossem profissionais da área de tradução/interpretação de língua de sinais e filhos de pais surdos.

Seguindo o critério citado acima, a entrevista foi realizada com filhos de pais surdos que atuam como intérpretes. As entrevistas tiveram como objetivo analisar o perfil dos entrevistados com questões pontuais e fechadas anteriormente

³²I Encontro Nacional de Filhos Ouvintes de Pais Surdos do Brasil.

propostas, para então complementar o grupo focal, no qual foram coletadas as narrativas.

No intuito de coletar os dados necessários para atingir os objetivos durante a pesquisa de campo, que segundo Gonsalves (2003, p. 67) “é o tipo da pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada”, foram utilizados os instrumentos comentados a seguir.

Em relação aos procedimentos de entrevista corrobora-se a visão de MINAYO (2006), ao dizer que o ato de entrevistar é, sobretudo, uma conversa a dois ou entre várias pessoas, realizada por iniciativa do entrevistador, destinada a construir informações pertinentes para os objetivos da pesquisa.

Como este trabalho tem uma abordagem qualitativa, apoia-se em Gaskell (2002), quando afirma que nas entrevistas desse tipo o entrevistado pode fornecer dados básicos para o desenvolvimento e compreensão das relações entre eles. O autor acrescenta ainda que o objetivo da entrevista é compreender detalhadamente as crenças, atitudes, valores e motivações em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos.

Com o intuito de dar mais profundidade às reflexões, a entrevista semiestruturada foi escolhida como a mais adequada para a obtenção dos objetivos deste trabalho, pois “combina perguntas fechadas (ou estruturadas) e abertas, onde o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto, sem respostas ou condição pré-fixadas pelo pesquisador” (MINAYO, 2004, p. 108).

Malheiros (2011, p. 199) também afirma que a coleta de dados que utiliza vídeos é similar à coleta com gravadores de áudio, porém a diferença está no fato de que com o vídeo é possível capturar detalhes que vão além da fala, as expressões não verbais que oferecem percepções valiosas que serão úteis na fase de análise. Nesta pesquisa, para coletar os dados referentes às entrevistas com os Cotas foi utilizado um gravador de áudio, duas filmadoras digitais e perguntas formuladas em material impresso.

As entrevistas realizadas individualmente e no grupo focal ocorreram com os Codas que aceitaram participar deste estudo. Todas as entrevistas tiveram os cuidados éticos descritos na Resolução 196/96-2012 do Conselho Nacional de Saúde, que será mais bem detalhado a seguir.

4.1.1 Grupo Focal

Com a finalidade de atingir os objetivos, realizou-se um grupo focal com os intérpretes Coda para complementar as informações das entrevistas.

O uso da técnica do grupo focal se constitui em um tipo de entrevista ou conversa em pequenos grupos, que vem sendo largamente utilizada em pesquisas qualitativas. Minayo (2006) diz que, para essa técnica ser bem-sucedida, precisa ser minuciosamente planejada, pois visa a obter informações a partir da interação dos participantes, seja para gerar consenso, seja para explicitar divergências. A autora diz que a técnica deve ser aplicada mediante um roteiro que vai do geral ao específico, em ambiente não diretivo, sob a coordenação de um moderador capaz de conseguir a participação e o ponto de vista de todos e de cada um. Objetivamos criar um cenário de *Coda-talk*, termo trazido por Bishop e Hicks (2005), em que os Codas interagem uns com os outros naturalmente, ficando à vontade para utilizar tanto a língua de sinais como a língua oral.

A fim de conseguir uma condução para o objetivo previsto, foram utilizados trechos do filme alemão chamado “A música e o silêncio”³³, que relata a história de uma adolescente filha de pais surdos que tem afinidade com a música e acaba por ter que interpretar as situações de necessidades do cotidiano para seus pais. A personagem protagonista passa por vários dilemas até chegar ao mais delicado da sua vida, que é ter de deixar seus pais para seguir a carreira em Berlim. O filme tem o gênero drama e foi indicado ao Oscar como melhor filme estrangeiro. Foi

³³Título original do filme: “*Jenseits der stille*”, conforme já apresentado na página 35.

utilizado como elemento motivador no grupo focal para que este pudesse ter um norteamento para a discussão.

O registro do grupo focal aconteceu com a utilização de gravador de áudio digital para captar todas as falas e de duas câmeras filmadoras digitais, em razão da especificidade dos sujeitos participantes, pois durante a fala de algum entrevistado é natural a incidência de uso de sinais da LIBRAS ou de alguma expressão facial. Gatti (2005) recomenda que se façam anotações escritas das reuniões, que se mostram “úteis para sinalizar aspectos ou momentos importantes da realização dos grupos onde emergiram dispersões, distrações, cochichos, alianças, oposições, etc., ou seja, pontos cuja importância pode passar despercebida no registro geral” (GATTI, 2005, p. 27). Mesmo que a autora afirme que o recurso do gravador de áudio seja desnecessário, uma vez que o registro em vídeo capta todos esses aspectos identificados, o áudio ainda assim foi utilizado no sentido de assegurar a clareza das vozes dos participantes.

A pesquisa de bibliografias relacionadas ao tema foi a principal etapa da pesquisa, sendo um momento preliminar desta. Segundo Pádua (1997, p. 50), a “finalidade é colocar o pesquisador em contato com o que já se produziu e registrou a respeito do seu tema de pesquisa”. Vale ressaltar que o contato com as bibliografias que tangem à temática deste trabalho ocorreu em todas as suas etapas, pois se entende que a sua importância e relevância para a realização da pesquisa é fundamental.

4.1.2 Ordenamento e análise dos dados

Após a realização das entrevistas e do grupo focal, os dados coletados foram organizados de forma lógica, levando-se em conta sua importância e evidência. Acerca da organização dos dados, Pádua (1997, p. 75) relata que ela “permite uma visualização de conjunto da pesquisa; permite também uma visualização de certos problemas com relação aos dados coletados, possibilitando uma correção ou superação das deficiências observadas”.

Findo o ordenamento, inicia-se a análise, classificação e interpretação dos dados. Pádua (1997) diz que essa etapa envolve: 1) classificação e organização das informações coletadas; 2) estabelecimento das relações existentes entre os dados, tais como pontos de divergência, pontos de convergência, tendências, regularidades, princípios de causalidade e possibilidades de generalização; e 3) quando necessário, tratamento estatístico dos dados.

A partir das análises dos dados obtidos por meios mais diversos instrumentos utilizados nesta pesquisa, o objetivo principal é conhecer este profissional da comunicação que se faz presente na comunidade surda, mas que por muitas vezes não tem um olhar mais aguçado para a peculiaridade e singularidade de ser um intérprete de língua de sinais com as influências e características que envolvem o sujeito.

4.1.3 Cuidados éticos

Com o objetivo de preservar os indivíduos envolvidos, este estudo está pautado na Resolução 466 de 2012 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta as pesquisas com seres humanos e os cuidados éticos a serem seguidos. O tópico III.3, alíneas g, i e n, foi o que mais se encaixou na proposta metodológica deste estudo.

Tendo a aprovação do protocolo do parecer pelo comitê de ética em pesquisas CONEP por meio da plataforma Brasil³⁴ sob o nº 390.075, a autorização para realização desta pesquisa foi solicitada junto aos próprios sujeitos entrevistados. Todos os sujeitos da pesquisa são maiores de idade. Os participantes do grupo focal foram esclarecidos antecipadamente sobre os objetivos da pesquisa e sua participação foi condicionada ao seu livre consentimento, respeitando assim o tópico 4 da resolução de 2012:

³⁴<http://aplicacao.saude.gov.br/plataformabrasil/login.jsf>

O respeito devido à dignidade humana exige que toda pesquisa se processe com consentimento livre e esclarecido dos participantes, indivíduos ou grupos que, por si e/ou por seus representantes legais, manifestem a sua anuência à participação na pesquisa.

O uso das imagens/vídeos gravados nas entrevistas e no grupo focal foi analisado e foram observados todos os cuidados éticos específicos quanto a privacidade, confiabilidade e proteção das imagens, atendendo assim o tópico III, alínea i, da Resolução CNS 466/2012:

Prever procedimentos que assegurem a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de auto-estima, de prestígio e/ou econômico-financeiro.

As informações coletadas junto aos participantes que pudessem fazer referência à identidade de algum sujeito foram retidas; ainda assim, o uso de pseudônimos tanto para os entrevistados quanto para familiares é mais uma alternativa para preservar tanto a identidade dos participantes quanto a dos familiares.

No término do estudo este trabalho foi apresentado publicamente e divulgado para toda a comunidade surda e acadêmica diretamente envolvida neste estudo, bem como no endereço eletrônico do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET)³⁵ respeitando o tópico III, alínea n, da Resolução CNS 466/2012, que dispõe:

³⁵ http://www.pget.ufsc.br/curso/teses_e_dissertacoes.php

Assegurar aos participantes da pesquisa os benefícios resultantes do projeto, seja em termos de retorno social, acesso aos procedimentos, produtos ou agentes da pesquisa.

4.2 CONHECENDO OS SUJEITOS DA PESQUISA

Conforme citado anteriormente, tendo em vista a quantidade reduzida e a singularidade dos sujeitos entrevistados, foi elaborado um questionário fechado como pré-teste, com uma abordagem socioeconômica a fim de complementar a entrevista em grupo focal e ter uma fundamentação mais neutra sobre os entrevistados. Esse questionário tem um caráter exclusivamente de apoio para a pesquisa, com um perfil informativo; mesmo assim, tal instrumento trouxe informações relevantes em torno do tema.

4.2.10 perfil dos sujeitos envolvidos

Na apresentação dos dados acerca do perfil dos sujeitos desta pesquisa, observou-se a existência de características gerais do grupo.

Três conjuntos de questões foram explorados com os informantes, e o guia de entrevista em grupo focal contém uma combinação desses três conjuntos de perguntas: experiências familiares, interpretação com os pais e exercício da profissão.

Dados referentes ao sexo apresentaram o sexo feminino como a maioria do grupo de intérpretes que são filhos de surdos. No grupo, cinco entrevistados estavam na faixa etária entre 26 e 33 anos, restando um com idade entre 18 e 25, um com idade entre 34 e 41 e um com idade superior a 42 anos.

Tabela 1 - Sexo³⁶

Masculino	3
Feminino	5

Tabela 2 - Faixa etária dos participantes

18-25	1
26-33	5
34-41	1
42 ou mais	1

Embora não seja a intenção realizar generalizações, este gráfico pode nos sugerir a questão do momento histórico e político em que a comunidade surda se encontra, pois os participantes de 26 a 33 anos foram justamente os que vivenciaram a legitimação da Língua Brasileira de Sinais e o decreto regulamentador das leis 10.436 de abril de 2002 e 5.626 de dezembro de 2005, possivelmente com uma intensidade diferenciada por conta de estarem em plena formação profissional.

Já a extração dos dados referentes à religião revela que todos os intérpretes envolvidos declaram o credo religioso cristão, conforme ilustra a tabela 2.

Tabela3 - Religião

Católica	5
Protestante	3

Essa categorização pode indicar que o fato de professarem a religião cristã não necessariamente significa que realizam

³⁶ Todas as tabelas correspondem aos dados obtidos pelo autor na entrevista.

interpretação na igreja, porém, como a história da interpretação de língua de sinais no Brasil teve um viés ligado à interpretação em instituições religiosas (QUADROS, 2003; SANTOS, 2006; ROSA, 2006; LACERDA, 2009), é possível que de alguma forma existisse um contato com a tarefa da interpretação.

Quanto à fluência na Língua Brasileira de Sinais dos pais:

Tabela 4 - Lugares em que usava a língua de sinais

Casa	Todos
Escola	6
Trabalho	Todos
Casa de amigos e familiares	Todos
Associação de surdos	Todos

Os dados das tabelas 4 e 5 contribuem para a percepção do grau de envolvimento com a língua de sinais dos participantes, tendo em vista que as possibilidades de uso da língua de sinais são maiores se comparadas com pais que não são fluentes ou não utilizam a LIBRAS.

Quando questionados sobre o local que mais frequentavam juntamente com os pais:

Tabela 5 - Ambiente que mais frequentou com os pais

Casa de familiares	1
Igreja	2
Associação de surdos	5

Nota-se que a maior parte dos entrevistados teve a associação de surdos como o ambiente que mais frequentou na companhia dos pais, caracterizando-se esta como o local de mais interação social dos pais, onde os seus filhos podiam interagir da mesma forma.

Tendo em vista que a maioria dos participantes frequentou a associação de surdos, foi perguntada a intensidade com que participavam da associação.

Tabela 6 - Participação em associação de surdos

Sim	8
Não	0

Nenhum dos participantes respondeu que não teve envolvimento na associação de surdos. Cabe destacar que todos do grupo enfatizaram que participavam da associação frequentando pelo menos uma vez por semana, trazendo essa marca de envolvimento na comunidade surda como característica do grupo.

Ao serem questionados acerca de terem feito interpretação para os pais:

Tabela 7 - Interpretação para os pais

Sim	7
Não	1

Tabela 8 - Interpretação em situações delicadas/pressão

Sim	6
Não	2

Tabela 9 - Interpretação para amigos dos pais sem remuneração

Sim, muitas vezes	7
Sim, poucas vezes	0
Não	1

Percebe-se (tabelas 7, 8 e 9) que a maioria dos participantes realizava ou ainda realiza interpretações para os pais com uma grande frequência, independentemente de terem conhecimentos empíricos, além de atuarem como intérpretes para amigos surdos dos pais. Apenas dois entrevistados afirmaram não ter passado por alguma situação delicada ou de extrema pressão ao ter que realizar interpretações entre a língua portuguesa e a Língua Brasileira de Sinais.

Vale destacar que, conforme apontam Votano et al. (2004), Santos (2006) e Quadros (2008), muitas vezes as crianças atuam como intérpretes em um contexto que pode ser questionado por conta de sua idade. Por se tratar de uma atividade empírica, pode colocá-las em conflitos ou situações de vulnerabilidade por estarem com uma atividade cognitiva muito alta, típica do trabalho de interpretação, além de proporcionar uma grande carga de intensidade psicológica.

4.2.2 Exercendo a profissão

Ao responderem questões relacionadas à profissão que envolvessem o trabalho voluntário, os entrevistados deram as seguintes respostas:

Tabela 10 - Trabalhos voluntários

Sim, muitos	7
Poucos	1
Não	0

Todos os entrevistados, portanto, têm o trabalho voluntário presente em suas práticas, agregando mais um aspecto do perfil do grupo.

Quando questionados se acreditam que exista diferença entre intérpretes filhos de surdos e intérpretes que não são filhos de surdos:

Tabela 11 - Percepção de diferenças de atuação em relação aos intérpretes não Cotas

Sim, bastante	4
Sim, pouca	2
Não	2

Constatou-se certo equilíbrio na visão dos entrevistados, sendo que metade afirma existir muita diferença e metade afirma existir pouca ou nenhuma diferença na atuação na profissão de intérprete.

Portanto, essa é uma caracterização considerada necessária quanto ao perfil dos sujeitos envolvidos na pesquisa em relação à condição de filho ouvinte de pais surdos, ao relacionamento com os pais e ao exercício da profissão de tradutor/intérprete de língua de sinais. Embora sejam de caráter informativo, notou-se grande relevância das informações que compõem o cenário do qual a pesquisa pretende trazer questões pertinentes à área da interpretação de língua de sinais.

5. A QUESTÃO DA DIALÉTICA DA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE(S)

Não sei quantas almas tenho.
 Cada momento mudei.
 Continuamente me estranho.
 Nunca me vi nem acabei.
 De tanto ser, só tenho alma.
 Quem tem alma não tem calma.
 Quem vê é só o que vê,
 Quem sente não é quem é,

Atento ao que sou e vejo,
 Torno-me eles e não eu.
 Cada meu sonho ou desejo
 É do que nasce e não meu.
 Sou minha própria paisagem [...]

(Fernando Pessoa)

5.1 A QUESTÃO DA IDENTIDADE PESSOAL

Tendo a identidade como um processo formado a partir de fragmentos das relações sociais, esta se torna um dos elementos principais da realidade subjetiva, estabelecendo uma relação dialética com a realidade (LUCKMANN e BEGER, 2011, p. 221). As reações às palavras e atitudes do outro só serão possíveis, no entender de Hall (2000, p. 17), por meio “da relação com o outro, a relação com o que não é, com aquilo que falta”. Assim, de acordo com o autor, a identidade se constitui na “representação que se constrói através ‘daquilo que falta’, através da divisão, a partir do lugar do Outro” (p. 19).

Como asseguram diversos autores, a relação com o espaço tem repercussões no processo de construção da identidade e, assim, depende das relações dialógicas que estabelece com os outros. Segundo Stuart Hall:

A identidade [...] preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” — entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato

de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura. (2006, p. 12).

Nesse sentido, podemos entender a construção da identidade pessoal do Coda a partir do espaço ocupado entre o universo ouvinte e o universo surdo. As relações que ocorrem como resultado desse encontro podem gerar uma caracterização da identidade, de forma que as questões culturais desses grupos poderão gerar identidades fragmentadas.

Portanto, essa tensão de sujeito pertencer a dois universos predominantemente diferentes e perceber que o que é relevante dentro de uma cultura pode ser totalmente indiferente na outra, muitas vezes leva um Coda a pensar que há um abismo entre as culturas, pois “muitas experiências que são vivenciadas ricamente em LIBRAS perdem sua potência significativa na língua portuguesa. Ouvintes não compreendem muitas referências culturais surdas [...]” (QUADROS e MASUTTI, 2007, p. 249), assim como muitas perspectivas dos ouvintes, principalmente relacionadas à língua, são muitas vezes questionadas pelos surdos.

Construir identidades a partir de diferentes concepções culturais faz com que o Coda busque estabelecer comparações no sentido de entender o lugar em que se encontra. A identidade pessoal nesse caso será pensada a partir desse entendimento.

5.1.1 A questão do bilinguismo

Segundo a estimativa de Rodrigues (1993), ainda existem cerca de 160 a 180 línguas nativas que são faladas no território brasileiro por uma população que beira duzentos mil

indígenas, agrupados em torno de 150 grupos étnicos. Dentre esses, o mais numeroso é o grupo dos Tikúna, com 18 mil falantes no Brasil (RODRIGUES, 1993, p. 4).

O bilinguismo presente na comunidade surda, também chamado debilinguismo bimodal, caracteriza-se por uma comunidade adquirir e utilizar uma língua minoritária (língua de sinais), enquanto a língua majoritária é utilizada em sua forma escrita e, por vezes, em sua forma falada ou até mesmo sinalizada (GROSJEAN, 2008, p. 221-222)³⁷.

Nesse sentido, quanto ao contexto linguístico da comunidade surda, “ocorreram, nos últimos anos, algumas políticas linguísticas importantes que empoderaram a LIBRAS”. Esses movimentos políticos tiveram grande repercussão junto à comunidade surda, bem como aos sujeitos bilíngues, filhos de pais surdos (QUADROS e MASUTTI 2007, p. 241).

É importante ressaltar que esta pesquisa não pretendeu trazer uma definição de sujeito bilíngue, pois o bilinguismo vai além de uma definição; esta geralmente indica um padrão ideal, conduzindo a afirmações que nem sempre traduzem a realidade. Na verdade existem tipos de bilinguismo, havendo vários fatores positivos ou negativos que tornam uma pessoa ou um grupo bilíngue.

Nesse sentido, Fishman (1968 apud Mello, 1999) apresenta o reconhecimento de “*domínios sociais*” como possibilidade de perceber um sujeito bilíngue em um contexto situacional no qual ele pode alternar as línguas que se apresentam. O autor propõe uma categorização em cinco domínios: família, relacionamentos com amigos, religião, educação e trabalho. Essas categorias estão relacionadas a algum possível tipo de fala apropriada ao contexto; dessa forma, o sentido do uso da fala é diretamente ligado à interação do sujeito com o contexto sociointeracional (MELLO, 1999, p. 48). Grosjean (1997) afirma que pessoas bilíngues podem se utilizar de habilidades específicas de uma linguagem ou de ambas, adequando-se às situações em que os

³⁷Tradução nossa.

idiomas são utilizados de forma a se complementar, e observa que alguns bilíngues podem ser totalmente biculturais.

Para exemplificar, vejamos as respostas dos participantes da pesquisa quando questionados sobre a língua com a qual consideravam ter maior facilidade de se expressar.

Tabela 12 - Língua com mais facilidade de se expressar

LIBRAS	3
Português	0
Depende da Situação	5

Embora, nenhum dos participantes tenha afirmado que a língua portuguesa seja a língua com que têm mais facilidade de se expressar, cinco deles acreditam que a língua (inclusive a língua portuguesa) a ser utilizada com maior propriedade dependa da situação em que estiver. Esse fato corrobora o sentido do bilinguismo estar relacionado diretamente com as questões sociais, em que o sujeito precisa estar em um determinado contexto para que as possibilidades de uso das línguas possam ser colocadas em prática.

Um Coda pode se sentir mais à vontade para se expressar em LIBRAS em uma situação que esteja ligada ao emocional, por ter aprendido a se expressar dessa forma com a sua família, diferentemente de uma situação de formalidade, em que tenha de expressar assuntos técnicos que não foram vivenciados em casa, mas sim aprendidos em domínios sociais diferentes, como trabalho e escola.

À luz disso, Napier (2008), por exemplo, afirma que sua identidade enquanto filha ouvinte de pais surdos muda de acordo com o contexto da cultura, o contexto da situação e o campo da discussão. Afirma que sua personalidade se altera de acordo com as pessoas com quem está conversando, e acrescenta que o grau de relacionamento que tem com estas também pode ter influências nos modos de fala. (NAPIER, 2008, p. 489).

5.1.2A questão da identidade bilíngue

A identidade que envolve o bilinguismo está ligada à atitude do grupo ou sujeito frente às línguas envolvidas. “Se o grupo é emocionalmente ligado à língua e tem orgulho dela e de sua herança cultural, ele não medirá esforços para mantê-la e passá-la para os seus filhos” (GROSJEAN, 1982, p. 110).

Tendo uma perspectiva de análise de sujeitos Codas a partir de uma identidade bicultural, nas filmagens da entrevistanotou-se a existência de diferenças tanto no modo de falar como de sinalizar. A língua de sinais não se restringe ao uso das mãos, mas envolve o rosto e o corpo. Gestos, posturas corporais e expressões faciais correspondem a significados culturais específicos. Embora não fosse o escopo da pesquisa, essa característica ficou evidente nas entrevistas, uma vez que a língua portuguesa e a Língua Brasileira de Sinais foram usadas de forma mesclada. Muitas vezes a língua de sinais foi usada para fazer comentários complementares a uma ideia que era dita em língua portuguesa e também para suprir a falta de palavras correspondentes na língua oral, o que é chamado de *code-blending* por Emmorey (2003) e, segundo Bishop (2010), ocorre durante a fala quando o bilíngue bimodal (filho ouvinte de pais surdos) faz a combinação de duas gramáticas com duas modalidades, levantando possibilidades de investigações linguísticas na observação da alternância e da simultaneidade no uso de línguas tipologicamente distintas e semanticamente não equivalentes, a língua oral e a língua de sinais (p. 205-206).

Ocorrem também *code switches*, que se caracterizam por aparições de sinais durante a fala em língua oral, sinais que às vezes correspondem ao mesmo sentido da palavra falada e podem ocorrer no início, meio ou fim da fala. Esses sinais podem ter a intenção de enfatizar algo importante para a compreensão da fala (BISHOP, 2006, p. 105)³⁸.

³⁸Vale ressaltar que, no Brasil, está sendo desenvolvida uma pesquisa na UFSC visando a comparar e entender o desenvolvimento linguístico de crianças bimodais. Segundo as informações no site da instituição, esse

É o que podemos perceber nos trechos a seguir:

[...] mas estava lá, prestes [*sinal classificador para gravidez*], e aí até os dois anos, nada, nada, nada, nada, e aí eu pedia água pra minha tia, assim [*Sinal de água*] né, e a titia falava, pode falar que a titia fala escuta, não sei o quê, mas eu bebia água assim [*sinal de água*] [...]

[...] já tá acostumado por vivenciar estas coisas, essas experiências [*sinal de criança*] [...]

— [*sinal de opinião*] — aí assim, [*sinais por favor você espera um pouquinho com expressão facial de preocupação*] aí eu preciso [*sinal de opinião*], aí eu sento com ele, e falo assim [...]

Eu não confiaria de chamar alguém, porque poderia ser você, mas assim, eu não ia confiar, o intérprete lá interpretando e eu aqui [*sinal de folga*]...

Algumas vezes os comentários eram feitos exclusivamente em língua de sinais, em outras ocorria a sobreposição no uso das línguas. Bishop et al. (2006) perceberam que os adultos bilíngues bimodais podem fazer essas misturas entre as línguas, principalmente quando estão entre seus pares.

As autoras afirmam que bilíngues bimodais usam os recursos de ambas as línguas que representam sua fluência nativa, bem como a formação cultural e linguística. E que estar com outros Codos, independentemente do país, promove um cenário

projeto investiga o desenvolvimento bilíngue bimodal a partir do estudo de uma língua de sinais e uma língua oral utilizadas por crianças surdas com implante coclear (IC) e crianças ouvintes filhas de pais surdos (Codos). A maioria das pesquisas conduzidas entre as crianças surdas com IC se concentrou no desenvolvimento da língua oral por elas, nos contextos de comunicação oral ou nos de comunicação total (<http://arteselibras.paginas.ufsc.br/laboratorios-e-nucleos-de-pesquisa>, acesso em 18/02/2014).

natural de bimodalidade principalmente quando partilham experiências de infância³⁹.

Quando perguntados sobre a quantidade de surdos existentes na família, a maioria dos entrevistados tem mais algum familiar surdo além dos pais.

Tabela13 - Surdos na família

Pai/mãe	3
Pai/mãe/tio(a)	2
Pai/mãe/tio(a)/primo(a)	3

A partir de uma perspectivacultural, podemos levar em consideração o fato de que a presença de mais surdos na família além dos pais pode favorecer a existência da cultura surda e de elementos culturais que envolvem o sujeito surdo, tendo a família como o espaço no qualocorrem as primeiras vivências de interações sociais e que assim estabelece o início de uma comunicação resultante da interação linguística e cultural.

O campo das possibilidades subjetivas culturais nos permite fazer algumas reflexões. Se imaginarmos o Coda como um membro integrante da cultura surda dentro do núcleo familiar,no qual a língua de sinais é a compartilhada pelos pais, isso pode proporcionar a formação identitária do Coda a partir da sua condição de proximidade com as características de uma família com todos os membros surdos. Segundo Strobel (2008, p. 52), as famílias com todos os membros surdos, diferentemente das famílias com ouvintes que não conhecem a língua de sinais, *passam pelo processo natural de transmissão da cultura surda*.Ainda de acordo com STROBEL (2008), corroborando Lane, Hoffmeister e Bahan (1996), as famílias surdas têm

³⁹*Bimodal bilinguals use the features of both their languages in many ways that illustrate their native fluency as well as shared cultural and linguistic background. Being with other Codas, whether in Italy or another country, promotes a bimodal frame of mind, especially when sharing experiences of childhood and family.*(BISHOP et al., 2006, p. 120)

comportamentos específicos, já que *todos usam a língua de sinais como a língua prioritária do lar*.

Embora se saiba que a audição presente no caso das famílias com filhos ouvintes de pais surdos pode trazer outros desdobramentos por conta dessa condição, pelo fato de os pais terem o controle quanto às questões intrínsecas à estrutura familiar, não se pode dizer o mesmo de famílias em que todos são ouvintes exceto o filho surdo, nas quais a língua oral é a predominante e muitas vezes não existe uma interação satisfatória dos membros ouvintes com o surdo.

Para uma melhor compreensão das características familiares dos intérpretes Codas entrevistados, o questionário trouxe uma questão sobre a fluência no uso da língua de sinais pelos pais, que apresentou o dado a seguir:

Tabela 14 - Fluência de língua de sinais dos pais

Profunda fluência	8
Média ou pouca fluência	0

Esse dado pode contribuir para uma possível compreensão do nível de fluência dos filhos, uma vez que a fluência dos pais na língua de sinais sendo profunda, a possibilidade dos Codas serem fluentes pode ser maior a partir de maiores possibilidades de experiências com a língua de sinais.

No questionário, quanto à aprendizagem da língua portuguesa, perguntou-se aos participantes se tiveram dificuldades em aprender português, gerando as seguintes respostas:

Tabela 15 - Dificuldade em aprender a língua portuguesa

Sim	4
Não	4

Esse equilíbrio nas respostas carece de atenção, visto que os motivos que podem ter influência sobre a aprendizagem da língua portuguesa são abrangentes e subjetivos, tornando o entendimento dessas questões uma tarefa delicada e desafiadora.

Já quando o mesmo assunto foi abordado no grupo focal, as reações também foram divididas, pelo menos à primeira vista:

Vocês acham que foi difícil aprender LIBRAS?

[Todos balançando a cabeça negativamente]

E língua portuguesa?

[Um impasse nas reações, alguns balançando a cabeça negativamente e outros positivamente]

Nessa questão, podemos perceber que todos os participantes consideraram ter facilidade na aquisição da língua de sinais; no entanto, quando se tratou da língua portuguesa, houve um equilíbrio quanto às diferentes reações do grupo⁴⁰.

Alguns Códigos demonstraram frustração em se comunicar em língua portuguesa falada e escrita em diversas situações de sala de aula, ambiente de trabalho ou com seus amigos, demonstrando que sentiam que a sinalização continuava sendo a melhor opção de expressão mesmo na fase adulta.

Bishop (2006), em referência a Bishop e Hicks (2005), em que faz uma análise de e-mails redigidos por Códigos norte-americanos com influência da ASL, revelou uma elevada frequência de ausências de auxiliares, preposições, ou alguma combinação gramatical. Além disso, em muitos casos os e-mails tinham temas evidentes ou uso de objetos, mesmo quando o contexto tornava desnecessário. As mensagens também continham

⁴⁰O uso de trechos do filme “A música e o silêncio” (apresentado na p. 35) como um ponto deflagrador aplicado como elemento motivador pré-grupo focal foi de grande valia, uma vez que foram apresentados trechos em que a filha dos surdos realizava interpretações para seus pais em diálogos entre membros da família ouvintes e seus pais, interpretava para seus pais em um banco de valores e até em reunião entre sua professora e seus pais, mesmo o assunto sendo sobre seu próprio rendimento escolar. Os participantes afirmavam constantemente haver semelhança dos fatos exibidos no filme com a própria realidade. O elemento motivador, portanto, foi utilizado com êxito quanto à repercussão esperada, visto que apenas um participante já tinha assistido ao filme.

características linguísticas não relacionadas à estrutura da ASL(BISHOP,2006, p. 81).

Percebemos então uma semelhança entre Codas norte-americanos e este grupo de brasileiros quanto à relação com a língua oral escrita⁴¹. Isso pôde ser mais bem explorado nas respostas a seguir:

Coda E - *“Foi mais difícil.”*

Coda H - *[em sinais] difícil eu*

Coda D - *“Primeiro porque eu aprendi a falar tarde, a me comunicar com os outros, mais tarde ainda, eu só fiquei sem vergonha quando vinham falar comigo, aos meus 16 anos, quando trabalhava no comércio, mas antes disso eu ficava azul, rosa, verde de vergonha quando as pessoas vinham falar comigo, o aprendizado da língua portuguesa escrita, eu não foi assim, foi sofrido.”*

Coda E - *“Eu tive professor particular assim”. “Eu já não conjugo nesse verbo, eu tenho, eu tenho até hoje muita dificuldade pra qualquer coisa.”*

Coda G - *“Eu tenho dificuldade até hoje, se tem um bilhete que eu vá escrever, eu penso cinco vezes se é ou não aquilo que eu tenho que escrever, dependendo da pessoa então, pior ainda, eu tenho ainda essa barreira com o português e aí, eu vou falar, eu gravo, tanto que há outras estratégias inclusive eu tenho bastante dificuldade com o português”.*

Estes foram os primeiros participantes que afirmaram prontamente terem enfrentado dificuldades com a língua portuguesa;no entanto, outros participantes que não afirmaram ter essa dificuldade mudaram de opinião, na sequência:

Coda H - *“Eu tenho esse problema também, onde eu trabalho com educação, e eu como intérprete e técnico nas escolas, então*

⁴¹Vale ressaltar que Bishop deixa claro que os Codas norte-americanos têm uma grande ligação com a comunidade surda e se autodenominam Codas, o que coincide com o perfil dos Codas brasileiros entrevistados.

eu atendo as escolas de [...] que tem os surdos e os municípios em volta também, e geralmente é fazer relatório, fazer sempre essas coisas, então o português pra mim é bem puxado, eu tive problema talvez por eu não ter na infância, mas é bem difícil.”

Mello (1999) acredita que no cenário mundial o que se tem percebido é uma desconsideração com as situações ligadas ao bilinguismo, pois se veempoucaspolíticas linguísticas que atendam as especificidades dos grupos étnicos envolvidos, além de a tendência do governo não serde priorizar as questões do bilinguismo por motivos econômicos, ideológicos, políticos e sociais. A autora critica a inexistência de uma política de planejamento linguístico que compreenda as necessidades bilíngues, poisisso apenas prejudica ainda mais a situação desses grupos étnicos minoritários (MELLO1999, p. 37-38).

No entanto, essa situação vem sendo gradativamente mudada com políticadelongo prazo, principalmente nas regiões de fronteira do país etambém em relação à Língua Brasileira de Sinais. Algumas proposiçõesestão sendo feitas em relação aescolas indígenas e escolasde surdos (QUADROS e MASUTTL,2007, p. 240).

Nesse sentido, percebemos a importância de uma proposta pedagógica que reconheça essa condição do bilíngue filho de surdos, uma vez que é negligenciada uma série de possibilidades que poderiam surgir com uma metodologia que fosse construída a partir da língua de sinais.Essa especificidade não é considerada e todas as possibilidades desafiantes sequer são usadas.

Geralmente as escolas recebem um estudante filho de surdose simplesmente interrompem a riqueza linguística que estes têm com os pais.Os pais desses alunos não recebem nenhuma atenção e não têm a língua de sinais reconhecida, além de não se estabelecer nenhum vínculo plausível em que os pais possam realmente exercer seus papéis, o que causa uma separação entre pais e filhos. A dificuldade em aprender a língua portuguesa pode ser pensada por diversas perspectivas; uma delas é a própria realidade da educação brasileira, que ainda deixa a desejar em várias questões; outra é que, se os professores e a escola de um

modo geral tivessem uma política para os alunos bilíngues na qual levassem em conta as línguas envolvidas, com uma preocupação sobre a aquisição da linguagem, provavelmente esses fatos poderiam ser minimizados.

No entanto, Hadjikakou (2009) constatou em sua pesquisa que, pelo menos em alguns casos, os professores de alunos ouvintes filhos de pais surdos tinham uma grande admiração e curiosidade por conta da condição destes, bem como percebeu que esses professores estavam curiosos para saber como se estabeleciam as condições dentro da família por terem pais surdos (HADJIKAKOU et al. 2009, p. 495).

Algumas expectativas são geradas pelos surdos quanto ao domínio da língua portuguesa por parte do Coda desde a infância que nem sempre podem ser correspondidas:

Coda B – *[que antes tinha se manifestado negativamente] “Eu passei pela mesma coisa, é complicado, tarefas bem complexas, faz a ata da associação, [você é ouvinte, então, é bem] (risos)”.*

Algo importante a ressaltar é que um fator predominante nesse grupo foi o fato de terem enfrentado dificuldades com a língua portuguesa, diferentemente da língua de sinais. Quanto à fala acima, nota-se a tensão que o(a) filho(a) de surdos enfrenta, já que, apesar de sentir dificuldades com o português, é-lhe atribuída uma expectativa que vai além de suas possibilidades de domínio da língua oral, pois alguns surdos às vezes acreditam que o fato de serem ouvintes e falarem a língua portuguesa garante o domínio da escrita.

Coda E - *“Isso daí aconteceu comigo também quando eu morava num barracão, com a minha família, então aí minha família ficava preocupada achando que eu não ia conversar, porque eu só falava em sinais, porque tudo que eu queria era sinais, tudo que me interessava, aí eu fui falar depois, foi muito engraçado, até hoje me sinto insegur@ um pouco.”*

Esta fala revela o quanto a identidade pelo viés bilíngue emerge a partir da sociointeração. Dentre outros fatores, temos a questão de encontrar a aplicabilidade da língua a ser utilizada, como as situações ambientais que poderiam permitir a exploração dos recursos de linguagem específicos de cada modalidade. O ambiente pode ser o estimulador ou o limitador verbal, visto que, se a questão do desenvolvimento da fala verbal não for trabalhada a partir da infância, poderá significar um atraso na língua em que precise de maior exploração.

Mello (1999) afirma que não é possível dissociar o indivíduo do grupo, “pois este é um ser social que não apenas sofre a ação do seu meio, mas também interage com ele para transformá-lo segundo a sua concepção de mundo”. A evidência da relação entre o indivíduo e o meio social se apresenta quando se busca entender quais os motivos que levam o sujeito a pôr em prática sua condição bilíngue (MELLO, 1999, p. 38).

Dessa forma, a partir das falas quanto ao processo de uso da língua de sinais em contraste com a língua portuguesa, o Coda parece estar mais propenso ao uso espaço-visual e, nesses casos específicos, a língua portuguesa esteve sempre em segundo plano, uma vez que, de acordo com os participantes, o contato com a LIBRAS foi muito mais vivenciado por conta das atividades que os pais surdos realizavam juntamente com o filho.

5.1.3 A questão da invisibilidade de estar em fronteira

Partindo do pressuposto de que a identidade é um fenômeno resultante do encontro do indivíduo com a sociedade, LUCKMAN e BEGER (2011, p. 222) afirmam que a identidade do sujeito pode se constituir a partir das vivências e experiências que o cercam.

Quando questionados sobre a sua autoimagem, foram dadas três alternativas e todos os participantes escolheram “surdo/ouvinte”:

Tabela16 - Quanto à autoimagem

Surdo	0
--------------	----------

Ouvinte	0
Surdo/ouvinte	8

Tendo como um aspecto do perfil do grupo sentir-se um pouco surdo e um pouco ouvinte, emerge a questão da constituição de sua identidade. Os entrevistados se sentem como integrantes em parte do universo surdo e em parte do ouvinte. As pesquisas no campo antropológico têm seguido a direção de que Codas se sentem culturalmente mais pertencentes à comunidade surda do que à sociedade ouvinte em geral, embora tenham audição (PRESTON, 1995; BISHOP, 2006).

Stone (2012) afirma que filhos de pais surdos habitam e são inculturados tanto dentro da comunidade surda como na comunidade em geral; são ouvintes sinalizantes nativos, que podem ser chamados de “surdos (ouvintes)” e geralmente atuam como intérpretes informalmente, tanto para a família como para os amigos dos pais, desde muito cedo (STONE 2012, p. 987).

Comparando com as línguas orais, as crianças geralmente aprendem a língua do país anfitrião com mais velocidade que os pais. Por vezes, nas comunidades de imigrantes os filhos acabam se tornando tradutores. Pesquisadores têm apontado os efeitos negativos que essas práticas, supostamente sem nenhuma ameaça, causam na construção da identidade das crianças (SHIELD, 2005). Ter um papel de tamanha responsabilidade pode conturbar a criança, que pode passar a enxergar os pais como “incapazes”, e essa inversão de papéis tem consequências prejudiciais na relação familiar.

Desse modo, os Codas vivem em um espaço intermediário dentro da profissão de intérprete de língua de sinais, pois, baseando-se nos conceitos de identidade, o filho de surdos não se considera totalmente “ouvinte”, ao mesmo tempo em que não se vê totalmente como surdo⁴². Isso pode gerar inquietações quanto a questões de reconhecimento, assim como podem passar despercebidas as peculiaridades que envolvem a sua condição.

⁴² Estes termos estão sendo utilizados com a perspectiva subjetiva e não relacionada ao audiológico.

Entre os colegas ouvintes, geralmente é dito que o Coda é privilegiado por ter pais surdos, e que assim teria mais facilidades em desempenhar a interpretação. Ao mesmo tempo, é dito que as habilidades que os Codas têm não são suficientes por não terem uma formação específica para a interpretação.

Por outro lado, as pessoas surdas geralmente dizem que se sentem melhor em saber que terão a interpretação de um Coda e que se sentem mais seguros quanto à recepção da mensagem. No entanto, muitas vezes é dito que não se pode confiar em filhos de surdos, pois se acredita que podem compartilhar informações pessoais com seus pais.

Isso nos leva a refletir se a condição de ser filho de surdos e as experiências que ela oferecem realmente colocadas em prática na profissão tradutor/intérprete. Isso também nos leva a pensar sobre até que ponto essas questões realmente podem ser ameaçadoras ou positivas com relação à área da interpretação de língua de sinais.

A vida do Coda é marcada por constantes negociações entre os mundos surdo e ouvinte; desde a tenra idade os filhos de surdos acabam entendendo como as coisas realmente funcionam, pois buscam se colocar no lugar dos pais para que se entendam. Essas experiências não se ensinam em um curso de formação de intérpretes, essas habilidades não podem ser vivenciadas por ter um irmão surdo, um tio surdo, uma parceira surda. Não se trata de saber língua de sinais desde muito tempo na vida, mas tem a ver com a singularidade que apenas quem tem pais surdos pode entender, pois envolve uma pessoa que não se pode evitar e nunca mais ver, a mesma pessoa que foi oprimida por toda a sua vida, pela própria família, quando não existiu uma comunicação mínima, pelo sistema de educação, mídia, governo, justiça e até mesmo pelos próprios filhos.

Nesse sentido, podemos perceber o que permeia a situação de o Coda estar interpretando para seus pais, quando se depara com o dilema: ser intérprete ou filho, parcial ou imparcial. Tais questões requerem uma maturidade que nem sempre o filho vai ter. Essas negociações exigem uma resposta em curto prazo o às vezes pode representar um grande desconforto quanto ao ato de

mediar a comunicação, sendo, portanto, uma situação recorrente e desafiadora.

Quando perguntados sobre a postura na interpretação com os pais:

Coda F - *“Depende, porque às vezes, sobre negócios que eu vou interpretar pra minha mãe que ela está assim num negócio muito tenso que ela tem que resolver, aí ela dá uma resposta que eu tenho que ser imparcial, **se eu fosse intérprete eu seria imparcial**, mas aí não tem como eu ser imparcial, aí assim, [sinais por favor você espera um pouquinho com expressão facial de preocupação] aí eu preciso [sinal de opinião], aí eu sento com ele, e falo. Assim, não dá pra gente ser imparcial, nós somos filhos, então assim a gente tem que participar, então imparcialidade na interpretação... assim, às vezes assim até pode, assim de às vezes eles expressarem a opinião deles assim, porque às vezes eles não entendem a negociação, a malícia que a pessoa está tendo no momento, então essa percepção da malícia, assim a gente tem que...
aí às vezes eu falo assim, aí eu por exemplo, a pessoa tá falando assim, e eu fico assim ó [sinal de sabe processo resumir entendeu], eu já falei outra coisa, então assim pra não, pra pessoa não perceber...”*

Coda E - *“A gente tem que saber separar porque às vezes a gente não sabe se é filho(a) ou intérprete...”*

Desde cedo, para o Coda, a situação de transitar em uma fronteira subjetiva de pertencimentotanto ao grupo cultural dos surdos como ao dos ouvintes traz uma situação desafiadora quando se está na prática da interpretação. Questões sobre como passar para língua portuguesa algo que se constrói a partir de uma língua com aspectos culturais que envolvem a modalidade visual espacial são consideradas um grande desafio, bem como interpretar para LIBRAS algo que tem uma estrutura que leva em conta outra modalidade de emissão e exploração. “A situação de fronteira subjetiva de um Codaque pertence tanto ao

grupo cultural dos surdos como dos ouvintes traz uma situação de angústia da tradução”(QUADROS e MASUTTI, 2007, p. 248).

Já quando questionados se já sofreram discriminação pela sociedade pelo fato de serem filhos de surdos:

Tabela 17 - Discriminação por ter pais surdos

Não	0
Sim, apenas na infância	6
Sim, até hoje	2

Notou-se nas respostas que todos os participantes já passaram por discriminação ou passam até hoje, o que nos remete a possíveis questões de experiências negativas por que os filhos de surdos podem ter passado ao se deparar com uma sociedade carente de informações. Esse dado deve ser levado em consideração quando se tratar das narrativas, pois possivelmente essa será uma marca dos discursos.

Dessa forma, quando perguntados objetivamente se sentiram ou tiveram percepções de rejeição/discriminação relacionada ao fato de ser filho de surdos, as respostas foram:

Tabela 18 - Rejeição/discriminação por parte de surdos por ser ouvinte

Sim	1
Não	7

Tabela 19 - Rejeição/discriminação por parte de ouvintes por ser filho de surdos

Sim	7
Não	1

Com base nas tabelas (20 e 21), constatou-se que a discriminação por parte dos surdos em relação aos filhos ouvintes de pais surdos ocorreu em apenas uma afirmação. Shield(2005) apresenta essa questão a partir da opressão ao povo surdo e à

língua de sinais desde o congresso de Milão⁴³ e no contexto estadunidense, onde, em 1988, as mudanças ocorridas na estrutura política da universidade de Gallaudet, em que um surdo se tornaria o reitor, simbolizam um marco para o fim das limitações colocadas acerca dos surdos e da língua de sinais.

Nesse contexto, podemos visualizar outra maneira de perceber o filho ouvinte de pais surdos em uma situação conflituosa dentro da comunidade surda, em que, embora tenha o envolvimento com a língua e a cultura e seja aliado dos movimentos surdos, o fato de não ser audiologicamente surdo também pode representar a negatividade da opressão histórica ouvinte. Esse fato é inversamente proporcional quando se trata de discriminação por parte de ouvintes.

Muitas crenças populares que ocorrem principalmente a crianças que falam duas línguas são provenientes de atitudes negativas e preconceitos quanto a determinadas línguas. “Na verdade este preconceito não é de ordem linguística, mas está diretamente relacionado a fatores sociais, econômicos, políticos etc.”, o que pode ser um fator a se considerar em vista da condição da comunidade surda como minoria linguística (MELLO, 1999, p. 102).

⁴³Foi realizado um congresso internacional de surdo-mudez, em Milão, na Itália, no qual o método oral foi escolhido em votação como o mais adequado a ser adotado pelas escolas de surdos de um modo geral, e desta forma a língua de sinais foi proibida oficialmente com a alegação de que destruíria a capacidade da fala dos surdos, argumentando que os surdos são “preguiçosos” para falar, preferindo usar a língua desinais. Alexander Graham Bell teve grande influência nesse congresso, que foi organizado, patrocinado e conduzido por muitos especialistas ouvintes na área de surdez, todos defensores do oralismo puro (a maioria já havia se empenhado muito antes do congresso em fazer prevalecer o método oral puro no ensino dos surdos). Na ocasião de votação na assembleia geral realizada no congresso, todos os professores surdos tiveram o direito de votar negado e foram excluídos. Dos 164 representantes ouvintes presentes, apenas 5 dos Estados Unidos votaram contra o oralismo puro. (Strobel 2009, p. 26)

A tendência continua como característica do grupo de entrevistados quando se perguntou sobre a discriminação por parte de outros intérpretes que não são filhos de surdos, com sete dos oito entrevistados afirmando que percebem esse processo em suas relações profissionais, como podemos ver a seguir.

Quando perguntados se já se sentiram rejeitados ou discriminados pelos próprios colegas de trabalho, tivemos as seguintes respostas:

Tabela 20- Rejeição/discriminação por parte de outros intérpretes por ser filho de surdos

Sim	7
Não	1

Este é um dado muito interessante, pois a maioria dos participantes afirma que já se sentiu rejeitado ou discriminado pelos próprios colegas de profissão por conta de sua condição, o que nos traz uma necessidade de reflexão sobre esse assunto. A pesquisa não se propõe a entender essa relação entre intérpretes Cotas e não Cotas, porém essa informação pode ser considerada como um importante indicador de necessidade de estudo específico sobre o tema.

5.2 A QUESTÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL

Para tratar a questão da identidade profissional dentro da abordagem sociológica, as contribuições do francês Claude Dubar (2005) se fazem oportunas por estarem ligadas à sociologia do trabalho. Dubar tem seu foco na construção das identidades sociais e profissionais como objeto de estudo, sendo influenciado pela perspectiva teórica de P. Berger e T. Luckmann, dentre outros, que atribuem importância à interação social e à subjetividade quanto à formação das identidades profissionais.

Dubar (2005) propõe dois “eixos de identificação” para um ator social: o sincrônico, que é ligado a certo contexto dentro de um espaço, e o diacrônico, que corresponde à trajetória singular do sujeito a partir de sua história pessoal; estabelecendo a relação

entre esses dois processos, pode ser possível compreender trajetórias específicas.

É apresentado então o processo *identitário biográfico*, que compreende as construções que acontecem em um determinado período e que são motivadas pelas diversas instituições sociais por significados de pertencimento. Pertencimento esse que trilha um caminho proposto anteriormente, ligado ao objetivo de vida que se pretende e almeja, no qual as identidades são subjetivamente construídas para si (DUBAR, 2005).

Nesse sentido, vale ressaltar que, com a formação da organização CODA (FILER e FILER, 2000) eo fato de 60% das crianças ouvintes filhas de pais surdos trabalharem de alguma forma com os adultos surdos, por exemplo sendo intérprete ou professor de surdos (PRESTON, 1994), entre outros fatores, muitos Codas podem sentir uma conexão forte e permanente com a comunidade surda.

Na fala a seguir, embora por caminho diferentes, os pais e o ambiente exerceram grandes influências quanto à decisão de se tornar intérprete profissional:

Coda B - *“Eu escolhi a partir do momento em que eu fui trabalhar supervisor de uma cooperativa de surdos, aí a partir dali eu comecei a visualizar melhor o trabalho de um intérprete. Mas, com quatorze, a partir da adolescência com 14 anos, 13 anos, eu já estava convivendo na associação e meu pai sempre participava [...] Então assim, já começou ali, a partir dos 13 anos de idade [...]”*.

Coda F - *“Comigo assim, é, eu nunca quis ser intérprete, eu sempre via assim a pessoa interpretando e eu falava ‘ai’, nunca que eu quero trabalhar em faculdade, não, nem pensar, faculdade, escola, nunca! E aí assim, eu sempre quis trabalhar, sempre fui muito independente, com 14/15 anos eu fazia um bico aqui, um bico ali, então assim, eu queria trabalhar, o meu negócio era trabalhar, e aí, é, assim, falaram pra minha mãe que precisavam de intérprete na secretaria da educação, e a minha mãe falou, ‘[vai, vai, vai intérprete]’ e eu disse, [intérprete? Eu*

não, toda vida já], ela disse: '[vai você precisa depois você larga] mas aí eu fui, então assim, eu comecei a me apaixonar, porque eu não queria ser nunca, tinha dias que eu chegava em casa e começava a chorar, eu dizia 'mãe eu quero sair dessa vida de intérprete', mas assim, eu não escolhi a profissão, e eu acho que assim a maioria, todos, a profissão que nos escolheu, então assim, eu falei 'ah, vou prestar o vestibular, se eu passar...' então assim, eu não fui com o intuito de querer passar, tanto é que no último dia de fazer as inscrições no 'letras/libras', o pessoal me ligou, não seja louca, você não vai fazer essa inscrição? Eu passei e nem vi, então assim aí quando eu comecei a fazer realmente o letras libras, eu comecei a me apaixonar, eu falei 'nossa, estou apaixonada', então assim, até hoje eu não mudo mais meu pensamento."

Dessa forma, a primeira fala traz indícios das circunstâncias em que muitos Codas podem vivenciar um eloforte e permanente com a comunidade surda, fazendo com que esse caminho aconteça aparentemente com facilidade. Na fala do Coda "F", podemos perceber um caminho diferente, em que não havia o interesse por tal profissão e pelo ingresso no meio,mas, embora tenha acontecido por acaso, o envolvimento com a formação fez com que as perspectivas quanto ao trabalho mudassem. No entanto, nota-se que esses dois participantes já realizavam interpretações com um perfil formal a partir de 13 e 14 anos.

Os filhos de surdos normalmente fazem intermediação dos pais com as pessoas que usam as línguas orais, porém ainda desprovidos de técnicas específicas de interpretação, "fazem isso por serem filhos e não por serem intérpretes de língua de sinais, alguns filhos de pais surdos se dedicam à profissão de intérprete e possuem a vantagem de ser nativos em ambas as línguas", e para que sejam bons profissionais se torna necessária uma formação contínua como o bacharelado em Letras-LIBRAS, por exemplo(QUADROS, 2004, p. 30).

Uma questão que se notou predominante no grupo foi a influência que o curso de Letras-LIBRAS teve na opção de se tornar intérprete:

Coda E - *“Uma coisa é antes do letras libras, outra coisa é depois do letras libras, antes do letras, eu sou intérprete desde os 18 anos, trabalhei no estado, na prefeitura, tudo que você imaginar, em todas as áreas da educação eu trabalhei e hoje eu to na universidade, então assim, eu posso falar que eu sou um(a) intérprete antes do letras libras, e eu sou um(a) intérprete depois do letras libras, então assim, eu acho que a dificuldade é estudar mais, sempre estudar mais, a parte de tradução, e buscar esse estudo prático [...]”*

É importante salientar que a partir do decreto 5.626 de 2005, que regulamentou a lei 10.436 de 2002, foram aplicadas as primeiras políticas voltadas para a difusão da LIBRAS. Uma dessas propostas tratava da formação de profissionais habilitados para trabalhar com a LIBRAS tanto no uso e ensino como na tradução e interpretação.

Então, no ano de 2006, foi criado o primeiro curso de licenciatura em Letras/Língua de Sinais, com duração de 4 anos, tendo a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) a responsabilidade de formar professores de LIBRAS. A princípio o curso foi oferecido em nove Estados do Brasil: Amazonas, Ceará, Bahia, Distrito Federal, Goiás, Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Em 2008, o segundo projeto foi implementado, subdividido em licenciatura e bacharelado. Esta segunda turma foi a expansão do curso, que recebeu a adesão de outros estados.

Com base na fala anterior, o curso de graduação em Letras-LIBRAS pode ser, portanto, um dos elementos que tiveram a função de gerar interesse em alguns filhos de surdos em se profissionalizarem, além de criar uma rede de contatos, visto que se trata de um curso na modalidade a distância, no qual é possível estabelecer contatos e uma troca de experiências que foi marcada principalmente por professores surdos e ouvintes de LIBRAS e profissionais intérpretes de LIBRAS em seus mais variados contextos.

A criação do curso de Letras-LIBRAS faz parte de um momento histórico favorável aos interesses da comunidade surda, que por muito tempo teve os mais diversos direitos de cidadania negados.

Coda D - *“A gente, eu acho que todos que estão aqui fazem parte de uma história em que, a gente sabe que, eu vou falar da minha universidade que é uma realidade em que eu vivenciei de que os surdos que estão hoje na universidade, eles fazem parte de uma leva de surdos favorecidos, não são os surdos nossos pais, mas ao mesmo tempo eles ainda carregam estigmas, em que nós intérpretes a gente tá ali não como mediador de uma língua e outra, porque eu conheço sim excelentes intérpretes, que tem fluência na língua de sinais, mas no relacionamento com surdo nota zero...”*”

Aqui entram as questões da situação dos surdos das gerações anteriores, que, embora tenham lutado pelo reconhecimento de suas especificidades, não usufruíram plenamente dos resultados, como a atuação profissional de intérpretes, que ao olhar do participante difere da postura ideal.

De acordo com o modo como os últimos acontecimentos históricos se apresentam, nota-se que a geração de surdos da década de 60 pôde presenciar todas essas últimas mudanças. Vivenciaram todo tipo de opressão resultante do não reconhecimento, assim como também presenciaram todo o processo de conquistas que se deu em forma de lei. Muitos já utilizavam a língua de sinais nos contextos de associações de surdos, igrejas a priori. “Dentro desses espaços, os Codas, que são trazidos, geralmente, pelos pais e familiares, crescem junto com outras crianças e adultos surdos, exercitando assim, a língua e sua cultura” (QUADROS e MASUTTI, 2007), e isso está bem presente nessa fala.

O outro ponto que trata da atuação profissional de intérpretes que não são filhos de surdos e intérpretes Codas geradivergências, pois a atuação profissional, segundo DUBAR (2005) e BEGER E LUCKMANN (2011), é resultado

de um processo de formação pessoal que se constrói a partir de uma *socialização primária*, proveniente das experiências adquiridas na infância com os papéis sociais em relação abstrata e progressiva com os papéis mais próximos (família), aliada à *socialização secundária*, que é ligada às experiências subsequentes que introduzem o sujeito já socializado a outras esferas do mundo objetivo na sua sociedade.

E quando Santos (2006) apresenta o trajeto de mergulho cultural do intérprete que se inicia na sociedade ouvinte chegando ao universo surdo, a autora não se refere aos intérpretes que são Coda, pois se trata de diferentes caminhos percorridos. O filho de pais surdos, como já apresentado, realiza sua socialização primária na condição de um filho de surdos que é ouvinte e que geralmente (não sempre) é envolvido na comunidade surda, fato este que pode influenciar diretamente sua constituição enquanto sujeito.

Nesse sentido, portanto, podemos fazer uma reflexão no que tange à questão do perfil desse profissional, pois se referir a filhos de pais surdos aqui significa falar de uma ligação de dependência e de estar “entre” o mundo surdo e o ouvinte, que torna a experiência vivida um diferencial no perfil desse profissional que precisa ser levado em consideração.

A fala a seguir revela o quanto algumas marcas culturais estão presentes na prática desses intérpretes:

Coda G - *“Como as conversas às vezes é, por meio de sinais, do bilhete, né, 3 ou 4 palavras tu já entendeu todo o contexto e é o que eu acontece às vezes com a gente, mas eu às vezes me questiono muito, [...] “ai tu é bom profissional, porque tu é Coda”, e eu digo não, eu estudei pra ser intérprete, eu não estudei pra ser Coda, eu estudei pra ser intérprete, e eu vejo colegas meus que não são, mas eles viveram na associação, eles vão no sábado e domingo, eles vê surdo na rua eles conversam, eu não sei se posso afirmar que tem tanta propriedade quanto nós, mas que eles fazem uma tradução que tem aquela questão cultural, que tem aquela essência que, aí só o Coda tem, não, eu acho que claro que tem algumas coisas que a gente talvez seja*

um pouco mais rápido, porque só questão de convívio, só no olhar ó, já sabe o que é, mas essa questão de viver, eu lembro que tinha um professor nosso no curso de intérprete que dizia, quer dizia, tem que viver, comer, cheirar, tudo, tem que viver, comer e cheirar surdo pra poder fazer um bom trabalho, e acho que a gente não tem noção e a gente faz...”

Percebe-se que existe uma perspectiva quanto à atuação profissional do intérprete Coda que carrega as marcas culturais provenientes da cultura surda, em que, de acordo com as falas acima, esse sujeito busca constantemente ter o olhar do surdo. Outra questão que aparece nas falas é que existe uma cobrança “não declarada” quanto às habilidades tradutórias tanto por parte de surdos como de ouvintes, fazendo com que o Coda entrevistado sempre faça questão de deixar claro que o verdadeiro motivo de ser considerado um bom profissional é por conta da sua formação específica.

Isso fica mais evidente na fala a seguir:

Coda A - *“A gente carrega a questão aí bem ressaltado, ser Coda não é sinônimo de ser melhor, mas aí também o contrário também não é, fica nessa, não é porque o cara não é Coda que ele se esforçou mais, que ele é melhor, não! Mas tem uma coisa por trás do Coda, que é o seguinte que o outro não tem, a responsabilidade, você, é aquele ciclo né, você é Coda, então você precisa ter mais, você precisa se esforçar mais, aquele olhar, então aí você se autoavalia, igual por exemplo a questão oral, eu era péssimo na interpretação oral, eu era péssimo [...]”*

Nesta fala fica evidente a existência de contrastes em relação às habilidades tradutórias na visão do participante, que busca enfatizar que as técnicas específicas tanto dos intérpretes filhos de surdos quanto dos intérpretes que não são filhos de surdos precisam estar ligadas à sua formação e não à sua condição enquanto sujeito. Destaca ainda a sua dificuldade de realizar a interpretação da língua de sinais para a língua

portuguesa, na qual precisou de treinamentos para melhorar, o que às vezes é inversamente proporcional aos intérpretes que não são filhos de surdos, que para conseguir fluência na LIBRAS precisam se esforçar ou pelo menos ter bastante prática (SANTOS, 2006).

Temos então um cenário em que existem dois caminhos para seguir em busca da sua formação profissional, em que o Coda tem motivações específicas da sua condição. Os intérpretes que são filhos de surdos e os que não são percorrem roteiros diferentes, com características próprias e motivações variáveis, em que ambos terão momentos com e sem turbulências, com lembranças e experiências próprias, necessárias para que se alcance o objetivo de uma competência profissional com mais qualidade.

No sentido da importância de os cursos de formação abordarem a questão das especificidades que envolvem o perfil do profissional intérprete de LIBRAS que é filho de surdos, tornou-se oportuna a pergunta sobre como os participantes acreditam poder contribuir com a área da interpretação da língua de sinais:

Coda C - *“Eu acho que a gente enquanto profissional a gente pode contribuir na forma com que o outro intérprete ouvinte VÊ a pessoa surda, acho que é nessa fala, olhar pro outro e entender quem é esse sujeito?”*

Em complemento à entrevista aberta, o questionário deixou a última pergunta aberta para que pudessem escrever livremente sobre o assunto:

“Nos detalhes que conheci desde pequeno(a), na convivência diária que é necessário para o bom uso de qualquer língua”

“Da subjetividade e internalização de realmente entender um pouco do que é ser/ter cultura surda”

“Vivências, cotidiano, situações únicas, amor por aquilo que faz.”

“Visão de mundo. Conseguimos transitar nas culturas e por isso podemos tecer considerações que podem contribuir.”

Essas questões sobre como as suas experiências enquanto filho de surdos poderiam contribuir com a área da interpretação de língua de sinais revelam o desejo de expor suas peculiaridades, que trazem não apenas quando exercem a profissão, mas a partir de sua constituição enquanto sujeitos que compartilham experiências nos mundos surdo e ouvinte.

Tendo o fator familiar como base de sua prática, as falas dos intérpretes Codas nos mostram a importância de abordarmos as questões que envolvem esse indivíduo, pois muitos Codas vivenciaram papéis únicos e complexos, muitas vezes mediando a comunicação sem remuneração, entre outras coisas, e configuram-se como um perfil de intérprete de língua de sinais que tem uma ligação intrínseca com a comunidade surda.

Essa importância da abordagem do intérprete Coda se dá pelo motivo de historicamente os Codas se estabelecerem como uma das importantes bases da área da interpretação da língua de sinais (COKELY, 2012). O RID⁴⁴, por exemplo, fundado em 1964, teve os Codas como primeiros incentivadores da profissionalização da profissão de intérprete, ocupando a presidência nas primeiras duas décadas de existência, além de a maioria dos registrados serem filhos de surdos.

Por fim, a fala seguinte de um intérprete Coda está relacionada ao papel desempenhado enquanto intérprete em uma instituição de ensino superior, e revela algo muito característico do sujeito por conta de sua condição.

“Pessoal, eu iniciei na faculdade particular, lá no meu estado, que um aluno né surdo, ele tinha dificuldade com o aprendizado,

⁴⁴Registry of interpreters for the deaf. Mais informações podem ser encontradas em www.rid.org.

português e tal, libras quase nada, bem superficial mesmo, só que ele era muito bom em física e matemática, então aí foi adequado um desenvolvimento de jogos digitais, fazer jogo mesmo, pra celular, aquela coisa e tal, aí a carga horária oferecida era de 20 horas, sendo que dessas 20 horas, ele teve redução das disciplinas, aí na redução, sobraram acho que umas 8 horas, aí vamos lá, se fosse de repente um intérprete que tivesse o papel só de intérprete, a gente conhece a essência, bom ele tem 12 horas de aula, eu vou interpretar 12 horas de aula, ele aprendeu tudo bem, se ele não aprendeu tchau, bom eu sou profissional, agora, qualquer profissional, agora, o quê que eu fiz, tá com dificuldade? Bom ele tem 8 horas sobrando vem cá, faculdade, você tem algum monitor que possa dar aula pra ele? Pra ele ficar aqui nessas oito horas, que eu também sou contratado pra poder dar um suporte pra ele, uma aula vai tá só eu, ele e o monitor, pra melhorar, assim ele melhorou, teve aula pra ele, tá vendo, uma preocupação com o sujeito, que talvez no profissional só, não tem”.

Abrindo um parêntese, convém ressaltar que essa fala primeiramente toca em um ponto recorrente da atuação do intérprete em nível superior, quanto à função desempenhada em relação às condições de trabalho recebidas, dentre elas, a carga horária. A forma de contratação do profissional intérprete ainda gera divergências, visto que é possível que o contrato seja como técnico de nível médio ou superior, ou até mesmo como professor, embora tenha atribuições diferentes da docência. Os órgãos competentes, como as associações regionais de intérpretes, a FEBRAPILS⁴⁵ e o SINTRA⁴⁶, por exemplo, são

⁴⁵Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia intérpretes de Língua de Sinais (<http://febrapils.blogspot.com.br>, acesso em 05/02/2014).

⁴⁶ SINTRA é a sigla de Sindicato Nacional dos Tradutores, entidade oriunda de um grupo de tradutores que se abrigava, no Rio de Janeiro, desde o início dos anos 70, na SBAT — Sociedade Brasileira de Autores Teatrais. A primeira conquista dessa antiga associação de

apoios fundamentais para o estabelecimento de um modelo de contratação de intérpretes, visto que nas instituições particulares é comum a instabilidade para esses cargos, pois não se incentivam a pesquisa e a extensão de modo que o intérprete não esteja presente apenas na hora da aula, mas contribuindo de outras maneiras para uma atividade de qualidade que, em contrapartida, ofereça um retorno e um prospecto de carreira profissional.

O segundo ponto observado na fala do intérprete está ligado ao aspecto subjetivo de como esse intérprete se percebe em relação ao outro: “*se fosse de repente um intérprete que tivesse o papel só de intérprete, a gente conhece a essência, bom ele tem 12 horas de aula, eu vou interpretar 12 horas de aula, ele aprendeu tudo bem, se ele não aprendeu tchau*”. Essa fala não está solta, está em um contexto no qual “*a pessoa*” entrevistada tem motivações inerentes ao seu olhar. Conforme Barthes (2004) menciona:

O texto não deve ser entendido como um objeto computável. Seria vão tentar separar materialmente as obras dos textos.[...] A obra segura-se na mão, o texto mantém-se na linguagem; ele só existe tomado num discurso. O texto não é a decomposição da obra, é a obra que é a cauda imaginária do texto. [...] O texto não pode parar (por exemplo numa prateleira de biblioteca); o seu movimento construtivo é a travessia (ele pode especialmente atravessar a obra, várias obras). (BARTHES, 2004, p. 67)

A questão envolvida nessa fala abrange a subjetividade do sujeito, o que nos conduz a refletir acerca de até que ponto podemos mensurar o significado do papel profissional de cada

tradutores foi o reconhecimento da profissão de tradutor, o que se deu em 1988. Disponível em <http://www.sintra.org.br/site/index.php>. Acesso em 05/02/2014.

pessoa e como ele é encarado. Longe de definições, mas em busca de perceber os variados olhares sobre os atores sociais dentro de um contexto que vai além de normas impostas ou pré-estabelecidas, chega-se à introspecção de um perfil profissional de alguém que tem pais surdos e opta por seguir a profissão de intérprete, que pode ser uma contribuição fundamental nos debates e na formação de intérpretes sob uma ótica específica de Cotas que aliam a experiência de sua condição ao aprimoramento das técnicas envolvidas no trabalho da tradução.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estapesquisapôde trazer indícios de que as marcas culturais que o intérprete Coda traz a partir das experiências familiares estão fortemente ligadas ao fato de que a vida dos intérpretes Codas que participaram da pesquisa é marcada pela transição entre o mundo surdo e o ouvinte, algo que ocorre desde muito cedo. Essas experiências de estar entre fronteiras fazem com que esses sujeitos aprendam desde a tenra idade as questões que envolvem o ato de interpretar, mesmo que não profissionalmente.

Quanto à autoimagem profissional, os participantes afirmam ter uma postura muito ligada a um pertencimento cultural e linguístico de uma autêntica vivência com a comunidade Surda. Isso deve ser levado em consideração nos cursos de formação de intérpretes, estabelecendo-se como uma pesquisa na área dos estudos sobre o profissional tradutor frente a uma categoria específica de tradutores/intérpretes de Libras esendo indicado, portanto, não apenas aos intérpretes Codas, mas também a toda a comunidade Surda e interessados, para se contrapor a alguns mitos ou ditos populares como, por exemplo: “todo Coda é intérprete”, “todo coda é bilíngue”, etc. A pesquisa também possuiu uma funçãoimpulsionadora para futuros estudos, visto que apareceram muitos assuntos adjacentes que exigiram maior disciplina quanto ao foco, porém abriram uma gama de possibilidades.

Deve-se notar que os dados apresentados aqui são baseados em um pequeno número de participantes, que tiveram características especiais como, por exemplo, um nível bastante alto de escolaridade formal e o fatode sinalizarem com os pais. Quase todos os filhos de surdos salientaram que tinham desenvolvido uma identidade bicultural, pertencente tanto ao mundo surdo quanto ao ouvinte.

Os filhos ouvintes de pais surdos não estão apenas entre fronteiras; assim como a metáfora do barco que navega no encontro de dois rios, os Codas também estão no centro, ou seja, eles — e eu me incluo — também têm sua própria identidade. Não

somos surdos nem ouvintes, ao mesmo tempo em que somos os dois.

O sujeito pós-moderno, caracterizado pela fragmentação identitária, neste contexto está se construindo como um sujeito com identidade de fronteiras. É essa condição de identidade que faz parte tanto de um lado como de outro, sem deixar de “ser”. É essa singularidade que faz parte de cada Coda. Esta pode ser a deslumbrante construção das identidades dos Coda.

Durante a pesquisa, não se encontrou nenhuma dissertação ou tese no Brasil que tratasse sobre intérpretes Coda, e esta pesquisa mostrou-se desafiadora por se tratar de um estudo de retrospectiva de memória, em que os participantes foram convidados a contar histórias de sua infância, sobre as suas experiências de comunicação. Apesar do fato de essa releitura poder envolver alguns riscos (como, por exemplo, a memória de reestruturação), pesquisadores como Preston (1994, 1996) e Hadjidakou e Nikolaraizi (2007, 2008) têm adotado esse mesmo estilo de método.

A metodologia aplicada possibilitou o encontro de outros fatores importantes e interessantes de se refletir a respeito, como o sentimento de rejeição/discriminação que intérpretes Coda sentem por parte de intérpretes não Coda. Apesar de não ser o objetivo desta pesquisa fazer algum tipo de comparação dessa natureza, ainda assim pôde-se apontar outras questões relacionadas à construção da identidade do intérprete Coda, permitindo que outras pesquisas possam explorar estes e outros temas. Outro aspecto apontado foi que as pesquisas que envolvem famílias com surdos geralmente trabalham na perspectiva da criança surda, sendo pouco pesquisado quando famílias são compostas por filhos ouvintes com pais surdos.

Por fim, a pesquisa revelou que o perfil dos participantes é marcado por uma identidade fragmentada e com múltiplas identidades (HALL, 2006), com experiências que não se ensinam em um curso de formação de intérpretes e habilidades que não podem ser vivenciadas por ter um irmão surdo, um tio surdo, uma parceira surda. Não se trata de saber língua de sinais desde muito tempo na vida, mas tem a ver com a singularidade que apenas

quem tem pais surdos pode entender, tornando importante que os envolvidos na área da interpretação discutam ainda mais sobre como se dá o percurso da formação desse tipo de profissional. E que mais pesquisas possam contribuir com a abordagem deste tema que, embora faça parte da comunidade Surda do Brasil, ainda é pouco explorado.

O anseio é que essas reflexões se ampliem ainda mais, possibilitando oportunidades para o surgimento de novas pesquisas e de futuras trocas de ideias no sentido de sensibilizar as comunidades surdas em relação aos tradutores/intérpretes Cotas em situações linguísticas e culturais em que estes realizam negociações constantes entre os significados do mundo surdo e o mundo ouvinte, bem como em relação à distinção entre o “ser filho” e o “ser intérprete”, que acarreta muitas vezes tensões emocionais.

7. REFERÊNCIAS

ABRAMS, C. **The Silents**. Washington, DC: Gallaudet University Press, 1996.

ANDRADE, P. Regis. **Identidades de filhos ouvintes quando os pais são surdos**: uma abordagem sociológica sobre o processo de socialização. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Goiás, 2011.

ANTONINI, Rachele. The study of child language brokering: Past, current and emerging research. **mediAzioni** 10, 2010. ISSN 1974-4382. Disponível em: <http://mediazioni.sitlec.unibo.it>.

ARAKE, Marianna Yoshie dos Santos. **Um olhar poético para Brasília na construção da identidade cultural de crianças brasilienses**. 2011. 115p. Trabalho Final de Curso em Pedagogia, da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Brasília, 2011.

BAKER, A.; VAN DEN BOGAERDE, B. **Factors influencing child CODA's early bilingual language acquisition**. Paper presented at the Theoretical Issues in Sign Language Research. Florianópolis, 2006.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Prefácio Leyla Perrone Moisés; tradução Mário Laranjeira; revisão de tradução Andréa Stahel M. da Silva. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. 31. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BISHOP, M., HICKS, S. Orange Eyes: Bimodal bilingualism in hearing adult users of American Sign Language. **Sign Language Studies**, Vol. 5. Issue 2. Washington, D.C.: Gallaudet University Press, 2005.

BISHOP, M. S. Hicks, C. Bertone and R. Sala. Capitalizing on simultaneity: Features of bimodal bilingualism in hearing Italian native signers. In: Lucas (Ed.), **Multilingualism and Sign Languages: From the Great Plains to Australia**, 79-118. Washington, D.C.: Gallaudet University Press, 2006.

_____. **Hearing, Mother Father Deaf: Hearing People in Deaf Families**. Ed. Michele Bishop and Sherry L. Hicks. Washington, D.C.: Gallaudet University Press, 2008.

BOGAERDE, Beppie Van Den; BAKER, Anne E. Bimodal Language Acquisition in KODAs. In: BISHOP, Michelle; Hicks, Sherry (ed.). **Hearing, Mother Father Deaf: Hearing People in Deaf Families**. Washington, DC: Gallaudet University Press, 2009, p. 99-132.

BRASIL. **Decreto 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

BRASIL. **Lei nº 10.098**, de 19 de dezembro de 2000. Brasília: Congresso Nacional, 2005.

BRASIL. **Lei nº 10.436**, de 24 de abril de 2002. Regulamenta a Língua Brasileira de Sinais.

BRASIL. **Lei nº 12.319**, de 1º de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS.

BRITO, Paulo Henriques. Entrevista. **Cadernos de Tradução**. Núcleo de Tradução da UFSC. n.2, 1996. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/download/5244/4631>.

BUCHINO, M. Ann.Hearing children of deaf parents: a counseling challenge. **Elementary School Guidance and Counseling**, 24 (3), 1990. p. 207-212.

CALLAI, H. Estudar olugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (org.). **Ensino de geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar do/no mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CASAGRANDE, Franciele. **Ensino da arte no município de Morro da Fumaça**: cultura regional na sala de aula. 2011. 51 p. Trabalho de Conclusão de Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC. Criciúma, 2011.

CASTELLS, Manuel. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Vol. 2. **O Poder da Identidade**. 2. ed. São Paulo, Paz e Terra. 1999.

CORFMAT, P. Please a sign here: insights into the world of the deaf. Worthing, UK: ChurchmanPublishing, 1990.

CORGHI, Pérola R. M. **Pais Surdos e Filhos Ouvintes**: Funcionamento familiar, Convivência e Relacionamento. Monografia de graduação em psicologia. Pontifícia Universidade Católica.

DAVIS, L. **Mysenseofsilence**: Memoirsof a childhooddeafness. Urbana: University of Illinois Press,2001.

DUBAR, C. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Martins Fontes, 2005. 343 p.

EMMOREY, K., BORINSTEIN, H., & THOMPSON, R.
Bimodal bilingualism: Code-blending between spoken English and American sign Language. San Diego: The Salk Institute, 2003.

FILER, R. D.; FILER, P. A. Practical considerations for counselors working with hearing children of deaf parents. **Journal of Counseling and Development**, 78(1), 2000, Winter, 38-43.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com textos, imagem e som**: um manual prático. 4.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: LiberLivros, 2005.

GREENBERG, J. **In this sign**. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1984.

HADJIKAKOU, K.; CHRISTODOULOU, D.; HADJIDEMETRI, E.; KONIDARI, M.; NICOLAOU, N. The experiences of cypriot hearing adults with deaf parents in family, school, and society. **Journal of Deaf Studies & Deaf Education**, 14(4), 2009, 486-502.

HADJIKAKOU, K.; NIKOLARAIZI, M. The impact of personal educational experiences and communication practices on the construction of deaf identity in Cyprus. **American Annals of the Deaf**, 152(4), 2007, 398-414. Disponível em: <http://eric.ed.gov/ERICWebPortal/recordDetail?accno=EJ784266>. Acesso em: 5 mai 2012.

HALL, Stuart. Identity: The real me. **ICA Doc 6**. Londres: Institute for Contemporary Arts, 1987.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**.
11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAESBAERT R. Hibridismo, mobilidade e multiterritorialidade numa perspectiva Geográfico-Cultural Integradora.
In: SERPA, Angelo (org.). **Espaços Culturais**: vivências, imaginações e representações. Salvador: edUFBa, 2008. p. 393-419.

JACOBS, L. **A deaf adult speaks out**. Washington, D.C.: Gallaudet College Press, 1974.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 1975.

LACERDA, Cristina B. **Intérprete de Libras**: em atuação na educação infantil e no ensino fundamental. Porto Alegre: Mediação/FAPESP, 2009.

LADD, Paddy. **In Search of Deafhood**. Clevedon: Multilingual Matters, 2003.

LADD, Paddy. What is Deafhood and why is it important?
In: GOODSTEIN, H.; Davis, J. (ed.) **The Deaf Way II Reader**: Perspectives from the Second International Conference on Deaf. Washington, DC: Gallaudet University Press, 2006.

LILLO-MARTIN, D.; QUADROS, R. de; KOULIDOBROVA, H.; CHEN PICHLER, D. Bimodal bilingual cross-language influence in unexpected domains. In: COSTA, J.; LOBO, M.; PRATAS, F. (ed.) **Language acquisition and development**: Proceedings of GALA 2009. Cambridge Scholars Publishing, 2010.

LILLO-MARTIN, D.; CHEN PICHLER, D. Annotation of Child Language Corpora: A comparison of two methods with special

emphasis on bimodal bilingual data. **Sign Linguistics Corpora Network Workshop 3: Annotation**. Stockholm, Sweden. 14-16 June 2010.

MALHEIROS, Bruno Taranto. **Metodologia da pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: LCT, 2011. 23 cm.

MILLER, R. H. **Deaf hearing boy**. Washington, DC: Gallaudet University Press, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MEDEIROS, Maria Elisa Souza. **Análise do documentário “Promessas de um novo mundo”**: impactos culturais e identitários resultantes da adoção de políticas públicas preferenciais em Israel e nos assentamentos palestinos. 2007. 64 p. Monografia de Relações Internacionais do Centro Universitário de Belo Horizonte de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2007.

MERCER, K. Welcome to the jungle. In: RUTHERFORD, J. (org.). **Identity**. Londres: Lawrence, 1990.

METZGER, Melanie. **Sign Language Interpreting: Deconstructing the Myth of Neutrality**. Washington: Gallaudet University Press, 2002.

MONTEIRO, Rosa Maria Godinho. **Só uso a palavra para compor meus silêncios: um estudo de caso sobre a surdez**. 2011. 61 p. Trabalho Final de Curso em Pedagogia, da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Brasília, 2011.

MORIN, Edgar. Epistemologia da complexidade. In: SCHNITMAN, Dora Fried (org.). **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

NOVAES, Adauto. **Civilização e barbárie**. São Paulo: Companhia das letras, 2004.

OLIVEIRA, Rejane de. Globalismo e imigração: espaço de dinamização cultural das identidades argentinas. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de Oliveira (org.). **Arte, educação e cultura**. Santa Maria: UFSM, 2007.

PADDEN, C.; T. HUMPHRIES. **Deaf in America**: voices from a culture. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1988.

PÁDUA, Elizabeth M. M. **Metodologia da pesquisa em educação**: abordagem teórico-prática. 4. ed. Campinas/SP: Papyrus, 1997.

PEREIRA, M. C. P **Interpretação interlíngüe**: as especificidades da interpretação de língua de sinais. **Cadernos de Tradução**. Florianópolis: UFSC/PGET, 2008.

PERLIN, Gladis. **Histórias de vida surda**: identidades em questão. Dissertação de Mestrado: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998. Disponível em: <http://www.porsinal.pt/index.php?ps=artigos&idt=arte&cat=20&idart=153>. Acesso em: dez. 2012.

PÖCHHACKER, F.; M. SHLESINGER (ed.) **The Interpreting Studies Reader**. London and New York: Routledge, 2002. 436 p. ISBN 0-415-22477-2 (hbk).

PRADO, Danda. **O que é família**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PRESTON, Paul. **Mother father deaf**: living between sound and silence. First Harvard University Press, 1994.

PRESTON, Paul. Deaf parents with teenage children. In: GOODSTEIN, H.(ed.). **The Deaf Way II Reader**: Perspectives

from the Second International Conference on Deaf Culture. Washington, DC: Gallaudet University Press, 2006, p. 145-151.

QUADROS, R. M. de. **O tradutor intérprete de língua de sinais e língua portuguesa**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos, 2004.

QUADROS, R. M. de; MASUTTI, M. L. CODAs brasileiros: Libras e português em zonas de contato. In: **Estudos surdos II**. Petrópolis: Rio de Janeiro, 2007

RODRIGUES, Carlos Henrique. Efeitos de modalidade no processo de interpretação simultânea para a Língua de Sinais Brasileira. **ReVEL**, v. 10, n. 19, 2012. Disponível em <www.revel.inf.br>.

ROSA, A. Tradutor ou Professor? Reflexão preliminar sobre o papel do intérprete de língua de sinais na inclusão do aluno surdo. **Ponto de vista**, n. 8. Florianópolis, 2006.p. 75-95.

RUSSO, A. **Intérprete de Língua Brasileira de Sinais**: uma posição discursiva em construção. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2010.

SANTOS, Silvana Aguiar dos. **Intérpretes de língua brasileira de sinais**: um estudo sobre as identidades. 2006. 198 p. Dissertação de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2006.

SANTOS, Silvana Aguiar dos. **Tradução / interpretação de língua de sinais no Brasil: uma análise das teses e dissertações de 1990 a 2010**. orientadora: Ronice Muller de Quadros; coorientadora: Mara Lúcia Masutti. Florianópolis, SC, 2013, 313 p.

- SHIELD, A. **Ideological Conflict at Group Boundaries: The Hearing Children of Deaf Adults**, 187–195, 2005.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- SIDRANSKY, R. **In silence: Growing up hearing in a deaf world**. New York: St. Martin's Press, 2006.
- SINGLETON, J. Hearing children of deaf parents bridging two languages and two cultures. **CSD Spectrum**, 2(2), 2002, Summer. p. 26-28. Disponível em: http://www.c-s-d.org/pdfs/spectrum/2002_Summer.pdf.
- SINGLETON, J. L.; TITTLE, M. D. (). Deaf parents and their hearing children. **Journal of Deaf Studies and Deaf Education**, 5 (3), 2000, Summer. p 221-236.
- SKLIAR, Carlos (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2001.
- STONE, C. Towards a Deaf Translation Norm. **The Studies in Interpretation Series**, v. 6, 2009.
- STONE, C. Interpreting. In: **H Sign Language: An International Handbook**. Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft, 2012. p. 980-998.
- STRAUSS, Lévi apud WOLFF, Francis. Quem é Bárbaro? In: NOVAES, Adauto. **Civilização e barbárie**. São Paulo: Companhia das letras, 2004.
- STROBEL, Karin L. A visão histórica da in(ex)clusão dos surdos nas escolas. A construção de Texto: Coesão e coerência textuais. Rio de Janeiro. 2008. **DOSSIÊ Grupo de Estudos e Subjetividade**. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v. 7, n. 2, jun. 2006, p. 245-254, ISSN: 1676-2592.

_____. **Imagens do outro sobre a cultura surda.**
2. ed. rev. Florianópolis: UFSC, 2009.

_____. **História da educação de surdos.** Licenciatura em letras libras na modalidade a distância. Florianópolis, 2009.

TSE, L. (1996). Language Brokering In Linguistic Minority Communities: The Case Of Chinese- And Vietnamese-American Students. **The Bilingual Research Journal**. Summer/Fall 1996, v. 20, n. 3 & 4, 20 (Lm), 485-498.

UHLBERG, M. **Hands of My Father: A Hearing Boy, His Deaf Parents, and the Language of Love.** Bantam Books Press, 2009.

VOTANO, J., PARHAM, M.; HALL, L. **The Hearing Child of Deaf Parents**, 2004. Disponível em:
<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/cbdv.200490137/abstract>.

WEINER, M. T. Raising bicultural and bilingual children: Deaf parents' perceptions. (Doctoral dissertation, Department of Human Development, University of Maryland, College Park). **Dissertation Abstracts International**, 58(11), 6261B, 1998, May. (University Microfilms International No. AAT 98-16,540 - 147 pages).

WILCOX, S. Breaking through the culture of silence. In: WILCOX, S. (ed.). **American Deaf Culture.** Silver Spring, Md.: Linstok Press: 1989. p. 180-228.

WILLIAMS, J.; CHESTERMAN, A. **The map: a beginner's guide to doing research in translation studies.** Manchester, UK: St. Jerome Publishing, 2002.

WITTE H. **El traductor como mediador cultural:** Fundamentos teóricos para la enseñanza de la lengua y cultura en los estudios de traducción. ULPGC, Universidad de Las Palmas de G.C., 2005. p. 4.

ZIPSER, Meta Elizabeth; POLCHLOPEK, Silvana Ayub.
Introdução aos estudos da tradução. Florianópolis:
LLE/CCE/UFSC, 2009. 144 p. 28 cm.

Filmes

JENSEITS DER STILLE, no Brasil “A música e o silêncio”. Direção Caroline Link. Alemanha, 1996.

LOVE IS NEVER SILENT. Baseado no romance de Joanne Greenberg. Direção Joseph Sargent. Estados Unidos, 1985.

Sites consultados

http://www.gallaudet.edu/academics_and_research.html

<http://jdsde.oxfordjournals.org/>

<http://www.scielo.org/php/index.php>

<http://www.periodicos.capes.gov.br/>

<http://coda-international.org/blog/>

<http://codabrasil.blogspot.com.br/>

<http://www.codaaustralia.com/>

<http://www.feneis.org.br/page/index.asp>

<http://www.rid.org/aboutRID/index.cfm>

<http://febrapils.blogspot.com.br/>

ANEXOS
DOCUMENTOS RELACIONADOS ÀS ENTREVISTAS
REALIZADAS E AO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
(CEP).

ANEXO1 –TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO -TCLE



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado(a) senhor(a):

Convido-lhe a participar da pesquisa: "**Intérpretes CODAs: Questões Sobre Identidade**", realizada pelo Programa de Pós Graduação em Estudos da Tradução-PGET, que esta sendo realizado pelo mestrando, José Carlos Ferreira Souza, matrícula 201103993 e orientado pela Profª. Drª. Ronice Muller de Quadros.

Esta pesquisa tem por objetivo geral conhecer as possíveis características de intérpretes filhos de pais surdos com uma perspectiva de construção de identidade e influencias culturais. E acreditamos na importância de se conhecer este sujeito e descobrir como ele pode contribuir na área dos estudos da interpretação.

Sua participação consistirá no preenchimento de um questionário e participando de uma entrevista em grupo que será gravada em vídeo por ser realizada em LIBRAS.

Informamos que a participação nesta pesquisa não é obrigatória, e mesmo tendo começado a participar desta pesquisa poderá interrompê-la a qualquer momento sem qualquer dano.

A participação neste estudo não acarretará nenhum dano físico, moral ou psicológica, também não terá custo nenhum custo ou benefícios financeiros.

Declaramos que será garantida a confidencialidade total da identidade do entrevistado e que os dados deste estudo serão utilizados apenas para esta pesquisa e seus desdobramentos. E os resultados, sendo favoráveis ou não, poderão ser tornados públicos em apresentações de seminários, congressos e apresentações gerais.

Em caso de qualquer dúvida antes, durante ou após o estudo que guarde relação com este, poderá entrar em contato no endereço: Campus da Universidade Federal de Santa Catarina, centro de comunicação e expressão, prédio B sala 305. (secretaria do programa) e com o pesquisador pelo fone: 0489653-5488 ou e-mail: jcarlos_souza@outlook.com.

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos da pesquisa, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos gerais. Concordo voluntariamente em participar desta pesquisa e poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante a mesma, sem penalidades ou prejuízo.

Orientadora: Ronice Müller de Quadros:_____

Pesquisador: José Carlos Ferreira Souza:_____

Nome do entrevistado:_____

Assinatura:_____

ANEXO 2 – ROTEIRO DE ENTREVISTA ABERTA SEMIESTRUTURADA.

Experiências familiares:

CONTE ALGUMAS SITUAÇÕES SOBRE SUA FAMÍLIA (POR EXEMPLO, QUANTOS IRMÃOS VOCÊ TEM, O QUE SEUS PAIS FAZEM PARA VIVER). *(tema central)*

Como foi aprender LIBRAS na sua opinião?

Em relação à língua portuguesa falada, você enfrentou alguma dificuldade?

Quanto ao reconhecimento da LIBRAS como sua língua, conte como se deu o processo de percepção de contrastes da língua.

No cotidiano, podemos assumir diferentes identidades que às vezes podem estar em conflito. Enquanto Coda, como ocorria a alternância desses papéis na sua opinião?

Quais eram os locais a que seus pais costumavam levá-lo?

Fale um pouco sobre como é o seu relacionamento com seus pais?

De que maneira a cultura surda teve influência em sua vida?

Interpretação com os pais:

VOCÊ JÁ INTERPRETOU PARA SEUS PAIS? QUANDO? O QUE VOCÊ ACHA DISSO?*(tema central)*

Na interpretação, ocorria a inversão de papéis como no filme apresentado? Como você reagia com a situação de em um momento ser o filho e em outro o intérprete.

Ao interpretar para seus pais, quais circunstâncias você destaca em que se sentiu vulnerável e sob pressão?

Exercendo a profissão de intérprete:

COMO VOCÊ ANALISA SUA OPÇÃO DE SEGUIR A PROFISSÃO DE INTÉRPRETE? (*tema central*)

Como o fato de vivenciar os artefatos culturais surdos influencia a sua interpretação hoje?

Na interpretação, você sente que tem mais facilidade em relação aos não Codas?

Quais as dificuldades que você encontrou ao optar por atuar como intérprete?

Visto que as informações sobre os surdos já foram bastante escassas, o fato de ser Coda já fez com que recebesse a função de opinar e intervir no processo de comunicação e até mesmo pedagógico? Quando?

Em algum momento, o fato de ser filho de surdos foi determinante para alguma atuação de interpretação? Como ocorreu?

Diga algumas áreas em que você teve que interpretar? E quais foram as dificuldades?

Fale sobre momentos delicados de interpretação de que você se recorda?

Em quais situações a falta de conhecimentos técnicos de interpretação fez você seguir sua própria intuição na hora da interpretação? (Ex. sala de aula, conferências, consultas médicas, etc.)

Conte quais as principais dificuldades que o Coda enfrenta na função de intérprete?

E HOJE, COMO VOCÊ VÊ A FUNÇÃO DO INTÉRPRETE?

Quais as vantagens que você considera ter na sua interpretação por ser filho de surdos?

Como você acha que o intérprete Coda pode contribuir no campo da interpretação de língua de sinais?